

Nise da Silveira

Dados de catalogação da Publicação Internacional (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil)

Silveira, Nise da

J589s Jung: vida e obra / Nise da Silveira – 7- ed.– Rio de Janeiro

Paz e Terra, 1981.

(Coleção Vida e Obra)

NISE DA SILVEIRA

JUNG

VIDA E OBRA

DESCOBERTA DOS COMPLEXOS

OS TIPOS PSICOLÓGICOS

LIBIDO / ENERGIA PSÍQUICA

CONSCIENTE / INCONSCIENTE

INCONSCIENTE COLETIVO

ANIMA / ANIMUS

O SONHO / OS SÍMBOLOS

CONTOS DE FADA / MITOS

PSICOLOGIA E ALQUIMIA

PSICOLOGIA E RELIGIÃO

A OBRA DE ARTE E O ARTISTA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E DE ADULTOS

PAZ E TERRA

1. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 – Bibliografia I.
Título II. Série

CDD – 926.1

012

CDU – 92 7

012 J

80-0800

Direitos adquiridos pela

EDITORA PAZ E TERRA S/A

Rua do Triunfo, 177

01212 – São Paulo, SP

Tel. (011) 223-6522

Rua São José, 90 -11º andar, cj. 1111

20010 – Rio de Janeiro, RJ

Tel. (021) 221-4066

que se reserva a propriedade desta tradução.

Conselho Editorial

Antonio Candido

Fernando Gasparian

Fernando Henrique Cardoso

1992

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Prefácio

Este pequeno livro não tem a pretensão de resumir a psicologia de C. G. Jung. Nunca eu tentaria realizar semelhante tarefa que me parece impraticável. É apenas um mapa de bolso, um itinerário de estudo. Terá atingido seu objetivo se for útil, como guia e intérprete, a quem se interesse pela extraordinária riqueza do pensamento de C.G. Jung, mas que se ache um pouco perdido face ao volume e à densidade de sua obra.

Seguindo o hábito de guias e intérpretes, não consegui abster-me de uma ou outra consideração pessoal no curso do caminho. Espero que o leitor não me leve a mal por isso.

Na última página década capítulo vem uma indicação de leituras para aqueles que desejarem ampliar seus estudos sobre a psicologia jungueana. As obras indicadas não constituem, necessariamente, referências relativas ao texto, No final do livro consta relação das obras de Jung publicadas em português, inglês, francês e espanhol.

Agradeço afetuosamente a Otávio de Freitas Junior, o responsável pela idéia deste livro; aos companheiros do Grupo de Estudos C.G. Jung, que me animaram a escrevê-lo; a Leo Victor e a Lia Cavalcanti, por muitas sugestões úteis à clareza do texto; a Aldomar Conrado, que amavelmente fez a correção ortográfica. Fico muito grata a Lourdes Mascarenhas, que datilografou o manuscrito com inalterável paciência.

C. G. Jung: – Vida e Obra.

Carl Gustav Jung nasceu a 26 de julho de 1875, em Kesswil, aldeia pertencente ao cantão da Turgovia, Suíça. Seu pai, Paul Achilles Jung, aí exercia as funções de pastor protestante. O menino Carl Gustav tinha quatro anos quando o pai foi transferido para Klein Huningen, nos arredores de Basiléia. Foi em Basiléia onde Jung fez todos os seus estudos, inclusive o curso médico. Esta cidade era, na época, um dos mais importantes centros culturais da Europa. Basta lembrar que Nietzsche deu cursos memoráveis na Universidade de Basiléia no período 1869-1879 e que o historiador-filósofo Jacob Burckhardt ocupava, por estes tempos, uma cátedra nessa mesma Universidade. Também ecoava ainda naqueles dias a fama do reformador da Faculdade de Medicina de Basiléia, Carl Gustav Jung, avô paterno do futuro psicólogo, que recebeu o nome de seu ancestral ilustre. Rumores corriam de que o velho C. G. Jung fosse filho ilegítimo de Goethe. Nada ficou provado neste sentido, mas comentava-se que tanto seus traços fisionômicos quanto seu inextinguível encanto pessoal o assemelhavam ao autor do Fausto.

No seu livro de MEMÓRIAS, Jung não esconde as restrições que fazia ao pai. Desde muito

cedo, ele viu no pastor o homem estagnado numa condição medíocre. a quem faltaram forças para seguir sua linha própria de desenvolvimento; o homem que não enfrentava as dúvidas religiosas que o atormentavam, segundo parecia ao filho. O pastor temia as experiências religiosas imediatas, agarrava-se à fé, amparava-se na Bíblia e nos dogmas. Jung nunca poderia aceitar tal atitude. Sentia-se muito mais afim com sua mãe. Menino ainda, descobriu que existiam nela duas personalidades. Uma convencional, correspondente à esposa de um pastor, que exigia do filho boas maneiras e fazia-lhe recomendações impertinentes sobre o modo de usar o lenço ou coisas semelhantes. E outra, investida de estranha autoridade, misteriosa, dotada de algo que às vezes lhe infundia medo. Quando esta segunda personalidade emergia, o menino Carl Gustav percebia a voz de sua mãe que soava mais grave e mais profunda

É curioso assinalar que nas Memórias de Jung não se encontre referência a nenhum período de fervor religioso vinculado ao protestantismo, nem mesmo na infância. A idéia de Deus, entretanto, fascinava-o intensamente. E o mais singular é que as cogitações do filho do pastor não giravam em torno da figura de Cristo, tema fundamental dos ensinamentos protestantes. Ele comparava o que lhe diziam com aquilo que via em

torno de si. Impressionava-se com os “imerecidos sofrimentos do homem e dos animais” e isso levava-o a imaginar que Deus houvesse mesmo intencionalmente criado um mundo repleto de contradições. O menino pensava e sentia Deus como uma poderosa força avassaladora que trazia consigo bem-aventurança mas também desespero e terror. Guardava secretos esses pensamentos. A quem

poderia comunicá-los se eram tão diferentes de tudo quanto se dizia na igreja ou em casa, nas conversações do pai com seus amigos também pastores? Vinha-lhe então o sentimento de que algo muito profundo o separava dos demais.

O problema da escolha de profissão não foi fácil. Tudo o interessava. A arqueologia o atraía e simultaneamente as ciências naturais. Por fim decidiu-se pela medicina. Seu pai obteve que a Universidade concedesse ao jovem estudante uma bolsa, pois a família era demasiado pobre para enfrentar as despesas de um curso superior.

Tudo fazia crer que Jung se especializasse em clínica médica. O catedrático o distinguia e já o convidara para seu assistente. Mas aconteceu que quando se preparava para o exame de psiquiatria do currículo médico, leu no prefácio- do tratado de Krafft-Ebing conceitos que o atingiram em cheio, abrindo-lhe a inesperada perspectiva de que, na psiquiatria, seus interesses pela filosofia, pelas ciências naturais e médicas, poderiam encontrar um foco vivo de convergência. Imediata-mente, para surpresa geral, escolheu a psiquiatria.

Jung concluiu o curso médico em 1900, aos 25 anos, e logo deixou Basileia para vir ocupar o cargo de segundo assistente no hospital Burgholzli, de Zurique (10 de dezembro de 1900). Este hospital vivia na ocasião um período de in-tensa atividade científica, sob a direção de Eugen Bleuler, sem dúvida um dos maiores psiquiatras de todos os tempos.

A carreira de Jung, no Burgholzli, foi das mais brilhantes. Já em 1902 passava a primeiro assistente e defendia sua tese de doutoramento.

Este trabalho teve por título - Psicologia e patologia dos fenômenos ditos ocultos. Trata-se do estudo do caso de uma jovem médium espírita. Jung, em 1902, interpreta os numerosos espíritos manifestados, como personificações de aspectos diferentes e até opostos da própria médium e classifica-os em dois grupos: o tipo grave-religioso e o tipo alegre-libertino, Mas igualmente "ela se sonha" num estado superior que ultrapassa os extremos que a dilaceram. O espírito Ivenes, de categoria mais alta, encarna sua personalidade segunda, ainda em processo de desenvolvimento.

No ano de 1905 foi designado primeiro Oberarzt, isto é, assumia o posto imediatamente abaixo de Bleuler na hierarquia do hospital. No mesmo ano era nomeado Privat-Dozent, iniciando cursos de crescente repercussão, na Universidade de Zurique.

No Burgholzli, Jung trabalhou incansavelmente como colaborador de Bleuler e como pesquisador original. Marcaram época suas experiências sobre as associações verbais. Essas experiências, iniciadas com o intento de trazer esclarecimentos concernentes à estrutura psicológica da esquizofrenia, em breve transformavam-se, nas mãos do jovem pesquisador, num método de exploração do inconsciente. Conduziram-no à descoberta dos complexos afetivos. A conceituação de complexo, juntamente à técnica para detectá-lo, foi a primeira contribuição de Jung à psicologia moderna.

No ano de 1906 Jung publicou os ESTUDOS SOBRE ASSOCIAÇÕES; A PSICOLOGIA DA DEMÊNCIA PRECOCE, apareceu em 1907 e, a seguir, 1908, O CONTEÚDO DAS PSICOSES. Os dois últimos trabalhos demonstram que nas psicoses todos os sintomas

ainda os mais absurdos, encerram significações, descrevem as frustrações, desejos e esperanças dos doentes.

Somente em 1907 Jung entrou em contacto pessoal com Freud. No dia 27 de fevereiro daquele ano Jung visitou Freud em Viena, e esta primeira visita prolongou-se por treze horas a fio de absorvente conversação. Freud logo reconheceu o alto valor de Jung e viu no suíço, no não judeu, o homem adequado para conduzir avante a psicanálise. Mas sobretudo viu nele "um filho mais velho", um "sucessor e príncipe coroado" (carta de Freud à Jung, datada de 16.4.1909).

De 1907 à 1912 estabeleceu-se estreita colaboração entre Freud e Jung. No outono de 1909 viajaram juntos aos Estados Unidos, por ocasião das comemorações do vigésimo aniversário da Clark University. Freud ali pronunciou as célebres cinco conferências sobre psicanálise e Jung apresentou seus trabalhos relativos às associações verbais.

Em 1910 foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional. Freud usou toda sua influência para que Jung fosse eleito presidente dessa Associação e assim aconteceu. Mas, já em 1912, o livro de Jung, **METAMORFOSES E SÍMBOLOS DA LIBIDO** marcava divergências doutrinárias profundas que o separaram de Freud. Eram ambos personalidades demasiado diferentes para caminharem lado a lado durante muito tempo. Estavam destinados a defrontar-se como fenômenos culturais opostos.

Jung casou-se em 1903 com Emma Rauschenbach, nascida em 1882. O casal teve cinco

filhos. Emma era uma companheira devotada, solidária e muito interessada pelos problemas de psicologia. Dedicou-se durante longos anos a pesquisas sobre a lenda do Graal, morrendo, porém, antes de concluir sua obra (1955). Seu livro - INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DA LEGENDA DO GRAAL, levado a termo pela Dra. Marie Louise von Franz, foi publicado em 1960.

Desde 1909 até morrer Jung residiu na mesma casa, na Seestrasse 228, às margens do lago de Zurique.

Jung era um homem alto, bem construído, robusto. Tinha um vivo sentimento da natureza. Amava todos os animais de sangue quente e sentia-se com eles "estritamente afim". Amava as escaladas das montanhas, porém preferia velejar sobre o lago de Zurique. Possuía seu barco próprio. Na mocidade passava às vezes vários dias velejando em companhia de amigos, que se revezavam no leme e na leitura em alta voz da Odisseia. Igualmente velejava sozinho e o fez até idade bastante avançada.

Aos 38 anos (1913) Jung havia cumprido largamente todas as tarefas da primeira metade da vida, Tinha constituído família; afirmara-se no campo profissional, sendo procurado por enorme clientela que acorria de toda a Europa e da América; conquistara renome científico mundial.

Agora ia abrir-se uma nova fase na sua vida. Havia sido rompidos os laços com o grupo psicanalítico. E neste mesmo ano de 1913, Jung renunciou ao título de Privat-Dozent (já em 1909 demitira-se do cargo de psiquiatra do Burgholzli), abandonando assim a carreira universitária. Começava um difícil período de solidão.

Começava um período de ativação do inconsciente, de intensas experiências interiores. De sonhos impressionantes, mesmo de visões. Jung decidiu-se a aceitar que as imagens do inconsciente emergissem. Pareceu-lhe que a melhor solução seria esforçar-se por decifra-lhes o sentido, mantendo a consciência sempre vigilante e não perdendo o contacto com a realidade exterior.

Foi através da interpretação de seus sonhos e experiências internas que Jung chegou à descoberta de um centro profundo no inconsciente, centro ordenador da vida psíquica e fonte de energia.

Atento aos fenômenos que se desdobravam no íntimo de si próprio, apreendeu o fio e a significação do curso que tomavam, verificando que outra coisa não acontecia senão a busca da realização da personalidade total (processo de individuação ver capítulo VI).

Livre dos preconceitos científicos ainda vigentes, nas suas MEMÓRIAS escritas aos 83 anos, Jung refere-se às experiências interiores vivenciadas entre dezembro de 1912 e fins de 1918, dizendo: "Levei praticamente 45 anos para destilar dentro do recipiente de meu trabalho científico as coisas que experimentei naquele tempo."

Para que o indivíduo não seja tragado pelo inconsciente, adverte Jung, é necessário manter-se firmemente enraizado na realidade externa, ocupar-se de sua família, de sua profissão. E, sem perder o ânimo, encarar face a face as imagens do inconsciente. Certo, a tarefa é difícil. Para levá-la a termo sem nenhuma ajuda, segundo Jung o conseguiu, o requisito prévio será a existência de um ego bem estruturado e coeso, pois o processo inconsciente terá de ser continuamente ligado ao consciente.

Jung nunca interrompeu seu trabalho profissional necessário à manutenção da família, não tendo ele emprego nem rendas. Serviu durante a primeira guerra mundial como comandante do campo de prisioneiros de Chateau d'Oex.

Os acontecimentos internos serão auto-observados e experienciados intimamente e "não devem de modo algum tocar na superfície visível da vida".

Só a 'publicação recente das MEMÓRIAS revelou a aventura vivida corajosamente por Jung. Nada o faria supor na sua conduta. Se durante o tempo dessas experiências internas Jung não publicou nenhum livro, escreveu, entretanto, vários ensaios da mais lúcida construção científica, nos quais já são utilizados, sem que ninguém o pudesse supor, elementos dessas sofridas experiências que viriam a ser a base de toda a sua teoria psicológica e de seus métodos psicoterapêuticos. Destacam-se duas conferências pronunciadas em Londres, julho de 1914, *Sobre a compreensão psicológica e sobre a importância do inconsciente em psicopatologia; A estrutura do inconsciente*. 1916, posteriormente ampliado num livro fundamental, *As relações entre o ego e o inconsciente; A psicologia do inconsciente*, 1917; *Sobre o inconsciente*. 1918.

Em 1920, aparece TIPOS PSICOLÓGICOS. Poder-se-á dizer que este livro funciona como uma compensação ao período de excessiva introversão, forçada pelas experiências interiores, pois trata de entender as relações do homem com outros homens, com as coisas e com o mundo.

A paixão de conhecer a alma humana levou Jung a longas viagens. No ano de 1921 foi à

África do Norte. Em 1924-1925 conviveu com os índios Pueblo da América e em 1925-1926 esteve no Monte Elgon, na África Oriental Inglesa. Certamente interessava-o, e muito, a alma do primitivo mas sua principal intenção nessas viagens, segundo declara, era encontrar oportunidade para ver a imagem do europeu refletida nos olhos de homens de outras culturas. E qual foi a imagem do branco que Jung captou? “Aquilo que de nosso ponto de vista chamamos colonização, missões aos pagãos, difusão da civilização, etc. tem outra face – a face de uma ave de rapina procurando com diligente crueldade presas distantes uma face digna de piratas e de salteadores de estrada”.

De suas viagens, Jung trouxe muito mais do que a imagem do branco refletida nos olhos dos colonizados, a análise das reações do europeu no mundo selvagem, ou importantes aquisições referentes à psicologia do primitivo. Trouxe a descoberta da significação cósmica da consciência. Impressionava-o que o nascer do sol fosse para o homem primitivo um momento de concentrada emoção, que parecia denso de significações secretas. De outra parte observara que durante a noite o primitivo estava sempre inquieto e medroso, receando perigos misteriosos, mas quando chegava o sol recuperava a segurança, tudo se lhe afigurava bom e belo. Deduziu Jung que a escuridão noturna corresponde à noite psíquica primordial. ao estado de inconsciência e "o anelo pela luz é o anelo pela consciência".

O período que se seguiu à publicação de TIPOS PSICOLÓGICOS foi principalmente dedicado por Jung ao reexame de suas intuições, vivências pessoais e observações clínicas referentes ao inconsciente

coletivo. Seus trabalhos sobre o conceito de inconsciente coletivo e os arquétipos foram, na maioria, primeiro apresentados em forma de conferências (nas reuniões científicas internacionais denominadas Eranos, realizadas em Ascona) e só publicados em livros anos mais tarde, depois de revistos e amplamente documentados. Por exemplo: o ensaio *Arquétipos do Inconsciente Coletivo* (Eranos-1934), apareceu em livro, modificado e ampliado, vinte anos depois; o trabalho sobre o Arquétipo Mãe, sofreu elaboração quase tão longa, pois nascido no Eranos de 1938 veio a tomar lugar nas obras de Jung em 1954.

Se a intuição é um relâmpago, se a experiência interior é um relâmpago, o trabalho científico necessariamente terá de ser construído devagar e com prudência. Jung nunca se embriagou de orgulho nem pelo seu gênio nem pelas suas experiências interiores (experiências que outros freqüentemente interpretam como privilégios sobrenaturais). Se era um homem, outros homens deveriam ter vivido algo semelhante ao que ele estava vivendo. Pos-se então a buscar prefigurações históricas para suas experiências interiores e, nessas pesquisas, fez o surpreendente achado de que o processo pelo qual ele próprio passara correspondia ao processo de transformação alquímica,

A “arte” alquímica seria a projeção sobre a matéria de processos em desdobramento no inconsciente. Vivenciados pelos alquimistas, continuavam acontecendo no presente, segundo o simbolismo que os sonhos de homens e mulheres contemporâneos deixava entrever. Assim, a psicologia analítica encontrou, na alquimia, sua contraparte histórica.

Fiel ao seu método de trabalho, Jung apresentou essa nova descoberta numa conferência feita no Eranos de 1935 - *Simbolismo dos sonhos e o processo de individuação*, seguida, em 1936, de uma outra - *A idéia de redenção em alquimia*. Essas conferências foram retrabalhadas e enriquecidas de enorme documentação e por fim publicadas num volume, sob o título de PSICOLOGIA E ALQUIMIA, em 1944.

A obra de Jung é comparável a um organismo vivo que cresce, se desenvolve e se transforma simultaneamente com seu autor.

Em 1945 Jung completou 70 anos. E estava no apogeu da atividade criadora. Prosseguia nas pesquisas sobre alquimia, publicando PSICOLOGIA DA TRANSFERÊNCIA (1946) e MISTERIUM CONIUNCTIONIS, livro que muitos julgam sua obra máxima, no qual trabalhou durante dez anos e que foi dado à publicidade em 1955, quando o autor atingia os 80 anos.

Simultaneamente, escrevia numerosos ensaios, dentre os quais apenas citaremos RESPOSTA A JOB (1952), um de seus livros mais belos e mais discutidos.

Sempre atento aos acontecimentos contemporâneos, depois dos 80 anos escreveu ainda PRESENTE E FUTURO, 1957 e UM MITO MODERNO (os discos voadores), 1958. Quando se poderia talvez pensar que os assuntos da prática médica não mais o interessassem, Jung apresentou, no congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique 1957, um trabalho sobre a esquizofrenia, que é não somente interpretação teórica dessa doença, mas que também está cheio de indicações utilizáveis pelo psiquiatra clínico no trabalho cotidiano.

Seu último livro é um livro de memórias, mas memórias muito especiais. "Minha vida foi singularmente pobre em acontecimentos exteriores, Sobre estes não posso dizer muito, pois se me afiguram ociosos e desprovidos de consistência. Eu só me posso compreender à luz dos acontecimentos interiores. São estes que constituem a peculiaridade de minha vida e é deles que trata minha autobiografia".

Nas MEMÓRIAS de Jung acompanha-se a realização de uma vida e de uma obra inextrincáveis uma da outra.

O conjunto das obras completas de Jung consta, na edição inglesa, de 18 volumes afora numerosos seminários mimeografados, pertencentes ao Instituto C. G. Jung de Zurique.

A partir de 1933 correram boatos de que Jung teria simpatia pelo nazismo. Sejam examinados os fatos. Em 1930 (antes de Hitler assumir o poder) Jung fora eleito vice-presidente da Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia. com sede em Berlim. O presidente da Sociedade era E. Kretschmer. Quando Hitler tomou o poder, E. Kretschmer deixou a presidência e os membros da Sociedade, compreensivelmente alarmados, dada a situação da Alemanha, pediram insistentemente a Jung que aceitasse a presidência. Sua autoridade científica e sua condição de suíço representavam verdadeira tábua de salvação. "Deveria eu, perguntou Jung a seus acusadores, na atitude de neutro prudente retirar-me para a segurança do lado de cá da fronteira e lavar as mãos em inocência, ou deveria segundo estava bem consciente arriscar minha pele e expor-me a inevitáveis malentendidos, aos quais não poderia escapar

todo aquele que, por força de premente necessidade, tivesse de entrar em contato com os poderes políticos existentes na Alemanha"? Jung decidiu correr os riscos que previra. Sob a presidência de Jung, a Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia conseguiu realizar dois congressos fora da Alemanha: um, em Copenhague (1937) e outro em Oxford (1938). Decerto esses encontros, noutros países, representaram verdadeiros respiradouros para muitos cientistas alemães.

Jung interpretou o nacional socialismo como fenômeno patológico. Uma irrupção do inconsciente coletivo. "Wotan" havia tomado posse da alma do povo alemão. E quem é Wotan? 8 o deus pagão dos germânicos, "um deus das tempestades e da efervescência, desencadeia paixões e apetites combativos". Num ensaio publicado em 1936, Jung traça o paralelo entre Wotan redivivo e o fenômeno nazista. Wotan é uma personificação de forças psíquicas corresponde a "uma qualidade, um caráter fundamental da alma alemã, um "fator" psíquico de natureza irracional, um ciclone que anula e varre para longe a zona calma onde reina a cultura". Os fatores econômicos e políticos pareceram a Jung insuficientes para explicar todos os espantosos fenômenos que estavam ocorrendo na Alemanha. Wotan reativado no fundo do inconsciente, Wotan invasor, seria explicação mais pertinente. E estávamos apenas em 1936!

O argumento decisivo é, porém, a atitude dos nazistas em relação a Jung. Com o aparecimento do livro PSICOLOGIA e RELIGIÃO, 1940, as autoridades decidiram que toda a sua obra fosse interdita e queimada na Alemanha, bem como nos países ocupados por Hitler.

Outra acusação correlata com a de simpatizante do nazismo, foi a de anti-semita. Seria desde

logo estranho admitir que um psicólogo, toda sua vida em busca do fundo psíquico comum a todos os homens (inconsciente coletivo), eternamente existente sob as diferentes peculiaridades individuais, locais, nacionais, raciais, históricas, fosse partidário de discriminações entre esses mesmos homens cuja alma tinha para ele igual estrutura básica. Seria também extravagante que um anti-semita contasse entre seus discípulos mais próximos precisamente homens de origem semita. Basta lembrar alguns nomes. Erich Neumann, judeu alemão. Chefiava o grupo jungueano em Tel Aviv, Israel, onde morreu em 1960, Seus livros são originais aplicações da psicologia jungueana. AS ORIGENS E A HISTÓRIA DA CONSCIÊNCIA, sua obra principal, é prefaciada por Jung. Gerhard Adler, judeu alemão, refugiado do nazismo, um dos mais destacados elementos do grupo jungueano na Inglaterra, co-editor das obras completas de Jung. Adler define esses ataques a Jung como devidos a "completa ignorância ou, pior, a maldade intencional". Roland Cahen, francês de origem semita, é quem chefia a escola jungueana na França e dirige a publicação das obras de Jung em língua francesa.

Fossem as acusações resultantes de um mal-entendido, sem raízes emocionais, teriam sido logo liquidadas de modo definitivo, face a tantas documentações e testemunhos logicamente irrefutáveis. Entretanto, a persistência desses rumores bem indica que por traz deles fermentam ainda as divergências entre Jung e o grande judeu Freud. nunca perdoadas pelos discípulos do mestre ortodoxo.

Jung possuía uma casa de campo em Bollingen (S. Gall), bem rente ao lago. Começou a construí-la em 1923. Era de início uma ampla estrutura circular, de dois andares, espécie de torre. Depois foi acrescentada uma parte central e, anexa a esta, outra torre mais estreita. Anos mais tarde um pátio descendo até o lago veio prolongar a casa e, em 1955, um andar superior foi adicionado à parte central. Somente então, narra Jung nas suas MEMÓRIAS, ele se apercebeu que essas diferentes partes, construídas com vários anos de permissão, constituíam um conjunto significativo, um símbolo da totalidade psíquica. A ampla torre, com a sua lareira, representava "o maternal", a segunda torre, onde ninguém entrava sem sua permissão, lugar de retiro e de meditação reapercebia "o espiritual". O pátio era a abertura para a natureza e finalmente, o andar levantado por último, sobre a parte central, representava o ego, significando a extensão da consciência atingida na velhice. Assim, a casa de Bollingen era "a representação em pedra dos meus mais íntimos pensamentos e dos conhecimentos que eu tinha adquirido".

Na casa de Bollingen "não fiz instalar eletricidade, e eu mesmo tomo conta da lareira e da estufa. A noite acendo velhas lâmpadas. Lá não existe água corrente e tiro água do poço com a bomba. Corto a lenha e cozinho os alimentos. Estes atos simples tornam o homem simples: e como é difícil ser simples!" Ainda em Bollingen, Jung trabalhava sobre pedra, esculpindo ou cinzelando inscrições e pintava murais inspirados nas suas imagens interiores. Este lugar era realmente o habitat ideal para o Velho Sábio. De modo algum

foi Jung um melancólico que fugisse. do mundo. Sua jovialidade era conhecida e comentava-se a riqueza da gama de seus risos, que ia desde o sutil sorriso do intelectual requintado à vasta gargalhada de um camponês sadio. Estava sempre pronto a relacionar-se com outra pessoa discípulo, amigo ou mesmo visitante estrangeiro. "Não quero libertar-me nem dos seres humanos, nem de mim mesmo, nem da natureza, porque tudo isso apresenta-se para mim como o maior dos milagres".

Cada ano Jung prolongava por mais tempo suas estadias em Bollingen. Na primavera de 1961 não chegou a ir para lá. Adoeceu, E na tarde de 6 de junho morreu tranquilamente.

Pode-se aplicar a Jung aquilo que ele próprio disse referindo-se a Paracelso: "E do mesmo modo que ele apanhava em torno de si, sem nenhum preconceito, a matéria prima para sua experiência exterior, ia buscar também nas trevas primitivas de sua alma as idéias filosóficas fundamentais de sua obra".

Tomando este ponto de vista, os capítulos seguintes não serão mais que desenvolvimentos dessas breves notas biográficas.

Leituras

C. G. Jung *MA VIE souvenirs, rêves et pensées*. Este livro permite que se sinta ao vivo a personalidade de Jung e dá a chave para a compreensão de sua obra. Há traduções inglesa e espanhola desta obra capital.

C, G. Jung L HOME ET SES SYMBOLES. Livro escrito por Jung e alguns de seus discípulos, especialmente para o leitor não especializado. Há traduções inglesa e espanhola do mesmo livro.

Das Experiências de Associações à Descoberta dos Complexos.

Apenas concluiu o curso médico, na Universidade de Basileia, Jung (25 anos) veio para Zurique ocupar o posto de segundo assistente no hospital psiquiátrico dessa cidade, o famoso Burgholzli (10 de dezembro de 1900). Teremos de fazer pequena incursão no campo da psiquiatria, pois foi num hospital de alienados onde Jung iniciou sua carreira científica e deu as primeiras medidas da força de seu gênio.

O diretor do Burgholzli era o grande Eugen Bleuler. Naqueles primeiros anos do século, estava ele elaborando sua monografia revolucionária - DEMENTIA PRAECOX OU O GRUPO DAS ESQUIZOFRENIAS, publicada em 1911. Bleuler não se contentava com a descrição dos sintomas das doenças mentais. Quis dar à psiquiatria uma base psicológica, do mesmo modo que a medicina interna tinha seus fundamentos na fisiologia. Com este intento, recorreu ao associacionismo, teoria que então dominava a psicologia. Segundo o associacionismo a vida psíquica explicar-se-ia pelas combinações e re-combinações dos elementos mentais, que entrariam em conexão segundo determinadas leis (leis de contigüidade, semelhança, contraste, etc.). De acordo com o pensamento de sua época, Bleuler escrevia : "Toda a existência

psíquica do passado e do presente com todas as quais experiências e lutas, reflete-se na atividade associativa. Essa atividade é, portanto, índice de todos os processos psíquicos que necessitamos decifrar a fim de conhecer o homem total“.

Era, pois, perfeitamente lógico que as experiências de associações fossem consideradas muito importantes no Burgholzli. O jovem Jung tornou-se rapidamente perito na execução dessas experiências e o mais próximo colaborador de Bleuler na procura do distúrbio psicológico que estivesse sempre presente nas diversas formas clínicas da doença enigma, então chamada demência precoce. "Com a ajuda dos estudos de Jung, Bleuler descobriu que esse distúrbio comum é a dissociação psíquica, daí o nome de esquizofrenia". (J. Shatzky, no prefácio à tradução inglesa do Manual de Psiquiatria de Bleuler). Foi fundamentado num imenso acervo de observações clínicas e, nas pesquisas experimentais sobre associações, que Bleuler propôs a substituição da denominação de demência precoce pela de esquizofrenia (do grego: separar, fender).

Vejamos em que consistiam as experiências de associações, tal como Jung as praticava.

O experimentador organizava uma lista de palavras isoladas, desprovidas de qualquer relação significativa entre si. São as *palavras indutoras*. O indivíduo examinado é solicitado a reagir a cada palavra indutora pronunciando uma única palavra, a primeira que lhe ocorra. Esta palavra é denominada *palavra induzida*. O experimentador mede o tempo decorrido entre uma e outra com um cronômetro que indica quintos de segundo. O

cronômetro é posto em movimento quando o experimentador pronuncia a última sílaba da palavra indutora e é detido logo que o examinando profere a primeira sílaba da palavra induzida. O tempo escoado entre uma palavra e outra é o tempo de reação. Em média provoca-se cinquenta reações, ou pouco mais. Será inconveniente prolongar excessivamente a experiência a fim de evitar cansaço.

O experimentador permanece sempre atento aos vários incidentes que possam ocorrer no curso da experiência. Os tempos de reação variam muito, ora são breves, ora longos. O examinando em vez de responder por uma só palavra responde com uma frase, ou repete a palavra indutora, hesita, ri, reage pela mesma palavra a diferentes palavras indutoras, enrubesce, transpira, etc.

Essas diversas perturbações que eram desprezadas pelos experimentadores da psicologia clássica como ocorrências incômodas, sem maior importância, atraíram particularmente a atenção de Jung. O jovem psiquiatra havia lido A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS de Freud, publicada em 1900. Seu espírito estava alerta. Ele descobriu o que acontecia : todas essas perturbações indicariam que a palavra indutora havia atingido um conteúdo emocional, oculto no íntimo do examinando, no inconsciente. Esses conteúdos seriam "complexos de idéias dotadas de forte carga afetiva". Jung denominou-os "complexos afetivos" ou simplesmente "complexos". Ficava assim demonstrada experimentalmente a existência do psiquismo inconsciente.

Eis, entre muitos, dois exemplos citados por Jung : no primeiro caso trata-se de uma mulher de 30 anos, casada, católica. O marido é protestante.

Ambos afirmam que a diferença de religião em nada influía sobre o bom entendimento entre o casal. Mas a paz doméstica era perturbada por constantes e violentas cenas de ciúmes por parte da esposa que fazia descabidas acusações de infidelidade ao marido. A prova das associações, por intermédio das palavras induzidas rezar, separar, casar, disputar, família, felicidade, falso, beijar, escolher, contente, que se mostraram críticas em meio a numerosas outras palavras indutoras, revelou que a situação daquele lar caminhava para a decomposição. A diferença de religião criava um clima extremamente tenso. E, sobretudo, ela vivia aguilhada por desejos eróticos em relação a outros homens, enquanto o marido era um modelo de fidelidade. Exemplo trágico é o caso de uma doente que apresentava um quadro clínico grave de depressão. Trata-se de uma mulher de 32 anos, casada, mãe de dois filhos. Depois da morte de sua filha mais velha, de quatro anos, ela adoeceu gravemente. A experiência de associações revelou, pelas reações a certas palavras indutoras, que algo de muito sério, de muito carregado de emoção, que o ego não tinha forças para incorporar, estava por trás daquela condição patológica. Jung vislumbrou a tragédia oculta e isso abriu caminho para que a confissão fosse feita: quando solteira ela havia amado um rapaz rico, de situação social superior a sua e que parecia não lhe dar nenhuma atenção. Casou-se com outro e teve dois filhos. Recentemente soube que aquele rapaz também a havia amado e sofrera quando ela casou. Isso a perturbou, absorveu seus pensamentos. Aconteceu então que dando banho na filha, a menina chupou água da esponja embebida. O menino

mais novo aproximou-se e também bebeu água da banheira onde se banhava a irmã. A mãe nada fez para impedir o gesto das crianças. A água não era potável. A menina morreu de febre tifóide. Depois que Jung ajudou-a a tomar consciência do seu desejo inconsciente de libertar-se das crianças para ir ao encontro do antigo amado, a doente curou-se e dentro de pouco tempo deixava o hospital.

Mas, quando o psiquismo já se achava com suas funções todas dissociadas (nos psicóticos), as experiências de associações pareciam inteiramente impraticáveis. Jung, entretanto, não se deu por vencido. Recorreu a um stratagema: passou a empregar como palavras indutoras precisamente os neologismos e estereotípias verbais dos doentes. Graças a este hábil recurso e através de labor infinitamente paciente conseguiu descobrir nos dementes precoces (esquizofrênicos) complexos semelhantes aos que são encontrados em neuróticos e mesmo em indivíduos normais. "Na demência precoce não há sintoma que seja desprovido de base psicológica e significação. Mesmo as mais absurdas de suas manifestações são símbolos de pensamentos que não só podem ser compreendidos em termos humanos mas que também existem dentro de cada homem". Estavam lançadas as bases da psiquiatria interpretativa.

Se de uma parte Bleuler permanecia preso ao associacionismo, teoria adotada pela psicologia clássica, de outra parte seu espírito estava aberto às recentes e discutidas idéias de Freud. Dai decorreu que no início do século, o Burgholzli haja vivido, em grande vibração, o momento histórico do nascimento da psiquiatria interpretativa

(em oposição à psiquiatria descritiva). A. A. Brill, psiquiatra americano que estagiou nesses anos memoráveis no Burgholzi, descreve o verdadeiro fervor que empolgava o grupo de colaboradores de Bleuler, quando todos queriam por à prova as idéias recém lançadas por Freud, buscando verificar se, de fato, era possível descobrir elos causais para fenômenos tão disparatados como lapsos, sonhos, sintomas neuróticos e delírios dos grandes loucos. Esta procura era feita não só por meio de associações livres, segundo preconizava Freud, mas também através de experiências de associações induzidas. "Todos os assistentes, além de seus trabalhos de rotina, despendiam várias horas por dia realizando experiências de associações, tanto em indivíduos normais quanto em insanos" (A. A. Brill).

Jung publicou, em 1906, seu livro *Estudos sobre Associações*. Em 1907 apareceu *Psicologia da Demência Precoce*. e a seguir, 1908, *O Conteúdo das Psicoses*, trabalhos que demonstram que todos os sintomas psicóticos encerram significações.

Os métodos das associações não são utilizados pelos analistas da escola jungueana. Diz Jung : "pessoalmente não mais os emprego na prática; graças a esses métodos adquiri bastante experiência para não ter necessidade de quintos de segundo a fim de constatar certas hesitações ou certas perturbações que percebo diretamente". Entretanto as experiências de associações constituem excelente procedimento no ensino, para demonstrar de modo experimental a atuação dos complexos, dando ao estudante uma base sólida para a compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes. Com essa finalidade

são ministrados ainda atualmente cursos sobre as experiências de associações, no Instituto C. G. Jung de Zurique.

O complexo. Sua autonomia A palavra complexo, com sua significação psicológica peculiar, foi introduzida por Jung. E fez fortuna, estando hoje incorporada ao vocabulário cotidiano de todos nós. Ouve-se correntemente dizer: eu tenho um complexo mãe, ele tem um complexo de superioridade, ela tem um complexo de inferioridade, e assim por diante. Há algo de incorreto nessas expressões. A verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui. Com efeito, o complexo interfere na vida consciente, leva-nos a cometer lapsos e gafes, perturba a memória, envolve-nos em situações contraditórias, arquiteta sonhos e sintomas neuróticos. O complexo obriga-nos a perder a ilusão de que somos senhores absolutos em nossa própria casa.

Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Com põem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Formam-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma. Segundo a força de sua carga energética, o complexo torna-se um ímã para todo fenômeno psíquico que ocorra ao alcance de seu campo de atração.

A autonomia do complexo dependerá das conexões maiores ou menores que mantenha com a totalidade da organização psíquica. Por isso verifica-se

em seu comportamento graus muito variados de independência. "Alguns repousam tranqüilamente mergulhados na profundidade do inconsciente e mal se fazem notar; outros agem como verdadeiros perturbadores da economia psíquica; outros já romperam caminho até o consciente mas resistem a deixarem-se assimilar e permanecem mais ou menos independentes, funcionando segundo suas leis próprias" (J. Jacobi).

Dos complexos depende o mal ou o bem estar da vida do indivíduo. Eles podem ser comparados, diz Jung, a infecções ou a tumores malignos que se desenvolvem sem qualquer intervenção da consciência. Como demônios soltos infernizam a vida no lar e no trabalho. Todavia é preciso acentuar que na psicologia jungueana os complexos não são, por essência, elementos patológicos. "Significam que existe algo conflitivo e inassimilado - talvez um obstáculo mas também um estímulo para maiores esforços e assim podem vir a ser uma abertura para novas possibilidades de realização". Portanto, ao lado de seu papel negativo tão proclamado, os complexos poderão desempenhar uma função positiva. Tornam-se patológicos quando sugam para si quantidades excessivas de energia psíquica.

Assimilação dos complexos.

Um passo dos mais importantes para o conhecimento de si próprio, bem como para o tratamento das neuroses, será trazer à consciência os complexos inconscientes. Mas convém não esquecer que a tomada de consciência do complexo apenas no plano

intelectual muito pouco modificará sua influência nociva. Há neuróticos que seriam até capazes de escrever excelentes monografias sobre seus conflitos mas que continuam quase tão doentes quanto antes. Para que se dê a assimilação de um complexo será necessário, junto à sua compreensão em termos intelectuais, que os afetos nele condensados sejam abreagidos, isto é, exteriorizem-se através de descargas emocionais. Os primitivos davam expressão a choques e traumas emocionais por meio de danças e cantos repetidos inúmeras vezes até que se sentissem purgados desses afetos.

Nós pretendemos funcionar só com a cabeça. Por isso discorremos inteligentemente sobre nos sos complexos, mas eles continuam bem encravados na textura inconsciente-corpo, produzindo sintomas somáticos e psíquicos totalmente irracionais.

Evolução do conceito de complexo.

Jung escreveu em 1934 um curto trabalho sob o título de *Revisão da Teoria dos Complexos* (col. works 8), onde amplia suas idéias sobre o assunto. Até então os complexos eram descritos como conteúdos psíquicos originados de conflitos vividos na área da problemática individual. Tinham suas raízes nos conflitos emocionais da primeira infância e também, segundo as experiências de associações provaram, nos conflitos do presente, em qualquer idade. Nesta revisão ele mantém que a causa mais freqüente da origem de complexos é o conflito. Admite também que choques e traumas emocionais podem por si sós, ser responsáveis pela sua formação.

Neste trabalho Jung define complexo : "a imagem de situações psíquicas fortemente carregadas de emoção e incompatíveis com a atitude e a atmosfera consciente habituais. Esta imagem é dotada de forte coesão interna, de uma espécie de totalidade própria e de um grau relativamente elevado de autonomia". (Entenda-se aqui imagem como "a expressão concentrada da situação psíquica global"). A maior parte dos conteúdos do inconsciente pessoal é constituída por complexos deste tipo. Entretanto Jung admite também a presença de complexos de outra natureza: complexos que seriam "manifestações vitais" da psique, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.

Posteriormente, considerando que os complexos não são variáveis ao infinito, Jung introduziu novos desenvolvimentos na sua teoria. Com efeito, os complexos poderão ser agrupados em categorias definidas (complexo mãe, complexo pai, complexo de poder, complexo de inferioridade, etc.). "A constatação de que existem tipos bem caracterizados e facilmente reconhecíveis de complexos sugere que estes repousem sobre bases igualmente típicas". Tais bases seriam os arquétipos, isto é, os alicerces da vida psíquica comuns a todos os humanos. Visto nesta perspectiva, por traz de suas características exclusivamente pessoais, o complexo mostraria conexões com os arquétipos, ou seja, haveria sempre uma ligação entre as vivências individuais e as grandes experiências da humanidade. Por exemplo : sob a trama do complexo mãe, com suas múltiplas implicações individuais, vislumbra-se o arquétipo mãe. Desse

arquétipo, depositário das mais primordiais experiências do homem, emana o poder fascinante e o mistério que tantas vezes envolve o complexo mãe individual e que tanto dificulta sua assimilação.

Não se surpreenda o leitor de encontrar através da obra de Jung definições de complexo que não se superponham exatamente. O mesmo ocorrerá a outros conceitos seus. Jung nunca pretendeu construir de uma vez por todas um sistema científico. Sua obra é um organismo que cresceu e transformou-se enquanto foi vivo seu autor. Fique o leitor alertado desde já e disponha-se a muitas caminhadas em circunvoluções, nessa busca apaixonante de penetração na complexidade da psique que é característica da psicologia de C. G. Jung.

Psicologia complexa.

A psicologia jungueana é, as vezes, designada pelo nome de *Psicologia Complexa*. Não se pense que haja aí alusão aos complexos, que tal denominação possa significar que se trate de uma psicologia dos complexos. Essa expressão pretende indicar orientação psicológica que se ocupa dos fenômenos psíquicos vistos na sua complexidade, ao contrário de outras correntes que visam reduzir o mais possível os fenômenos complexos a seus elementos. A denominação, proposta pela colaboradora de Jung, Toni Wolf, não se difundiu. Somente na Alemanha é ainda usada. Em toda parte a psicologia de C. G. Jung é conhecida como Psicologia Analítica, distinguindo-se assim da Psicanálise de Freud.

Leituras.

C.G. Jung – O HOMEM A DESCOBERTA DA SUA ALMA – A segunda parte do livro é dedicada ao estudo dos complexos. Leitura muito acessível.

C. G. Jung – THE PSYCOGENESIS OF MENTAL DISEASE Collected Works 3, onde o leitor particularmente interessado em psiquiatria encontrará as obras *The Psychology of Dementia Praecox* (1907) e *The Content of the Psychoses* (1908), que constituem pedras angulares da psiquiatria interpretativa. No mesmo volume há outros trabalhos psiquiátricos mais modernos, inclusive um retrospecto e síntese sobre a esquizofrenia (1957). Leitura para especialistas.

C, G. Jung – *Psychological Aspects of the Mother Archetype* – Collected Works 9, part I, e *The Significance of the the Father in the Destiny of the Individual*, col. works 4. Leituras para quem deseje aprofundar o estudo das conexões entre complexo e arquétipo.

J. Jacobi – *Compl'ex Archetype Symbol* – Livro que estuda com clareza esses três elementos fundamentais da psicologia jungueana. Existe também tradução francesa deste livro.

A Energia Psíquica e Suas Metamorfoses.

Seguindo o método de acompanhar cronologicamente, tanto quanto possível, o desenvolvimento da obra de Jung em estreita conexão com sua biografia, começaremos este capítulo comentando o livro SÍMBOLOS DE TRANSFORMAÇÃO, publicado em 1912, com o título de TRANSFORMAÇÕES E SÍMBOLOS DA LIBIDO. Foi neste livro onde Jung apresentou, pela primeira vez, seu conceito de energia psíquica. Enquanto Freud atribui à libido significação exclusivamente sexual, Jung denomina libido à energia psíquica tomada num sentido amplo. *Energia psíquica e libido são sinônimos*. Libido é apetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos. Tudo isso está compreendido no conceito de libido. A idéia jungueana de libido aproxima-se bastante da concepção de vontade, segundo Schopenhauer. Entretanto Jung não chegou a essa formulação através dos caminhos da reflexão filosófica, Foi a ela conduzido pela observação empírica, no seu trabalho de médico psiquiatra. Será inevitável, portanto, que de novo penetremos no terreno da psiquiatria, Atento à conduta do doente, pergunta Jung : a perda do contacto com a realidade, na esquizofrenia, resultaria da retração

o interesse libidinal, na acepção de interesse erótico? Freud sustentava esta opinião. Jung não aceitou que o contacto com a realidade fosse mantido unicamente através de “afluxos de libido” ou seja de interesse erótico. Verificava em seus doentes não só perda do interesse sexual mas de todos os interesses que ligam o homem ao mundo exterior. Para estar de acordo com Freud seria, portanto, necessário admitir que toda relação com o mundo era, na essência, uma relação erótica. Isto pareceu a Jung inflação excessiva do conceito de sexualidade. Sua posição, desde o início, foi esta. Já no prefácio do livro PSICOLOGIA DA DEMÊNCIA PRECOCE, havia escrito: "Fazer justiça a Freud não implica, como muitos temem, submissão incondicional a um dogma; pode-se muito bem manter um julgamento independente. Se eu, por exemplo, aceito os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, isso não significa que atribua ao trauma sexual infantil a importância exclusiva que Freud parece conceder-lhe. Ainda menos isso significa que eu coloque a sexualidade tão predominantemente no primeiro plano ou que lhe atribua a universalidade psicológica que Freud lhe atribuí, dado o papel enorme que, decerto, a sexualidade desempenha na psique". Note-se que este prefácio está datado de julho de 1906.

Daí se vê que entre Freud e Jung não existiram relações do tipo mestre-discipulo, segundo se repete tão freqüentemente. A verdade é que Jung nunca deu sua adesão total a Freud.

Quando leu as primeiras obras de Freud - A HISTERIA E A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, embora fosse ainda muito jovem, Jung apercebeu-se de que estava diante de descobertas importantíssimas. Ficou fascinado pelos dinamismos

do inconsciente que se revelavam a seus olhos. E tanto na prática clínica quanto na experimentação psicológica comprovou a existência dos mecanismos descritos por Freud, mas desde logo suas interpretações nem sempre coincidiram exatamente com as interpretações do mestre de Viena. Apesar de divergências abertas ou latentes, os anos de colaboração estreita entre Freud e Jung (1907-1912) foram, sem dúvida, muito fecundos para a psicanálise. O desentendimento decisivo, porém, acabou surgindo. Foi provocado pelo conceito de libido, entendida como energia psíquica de uma maneira global, apresentado por Jung, em **METAMORFOSES E SÍMBOLOS DA LIBIDO**. Eis um livro extremamente denso, porém de leitura apaixonante. Seu tema é o comentário psicológico dos poemas e outros escritos de Miss Miller, um caso fronteiriço de esquizofrenia. Mas em torno deste núcleo, as idéias borbulham num verdadeiro festival de atividade criadora excedendo de longe o objetivo primeiro. As imagens poéticas de Miss Miller dão lugar a abundantes paralelos mitológicos e ao aprofundamento de suas significações, resultando daí uma tal profusão de dados que o leitor poderá talvez sentir-se como alguém perdido numa espessa floresta. Carregando tantas inovações, **METAMORFOSES E SÍMBOLOS DA LIBIDO** provocou enorme celeuma e não poucos mal-entendidos. A fim de esclarecer e desenvolver seu conceito de libido, apresentado neste livro junto a várias outras idéias, Jung escreveu um trabalho à parte denominado **SOBRE A ENERGIA PSÍQUICA**.

A energia psíquica (libido) "é a intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico".

Não se trata de valor em acepção moral, estética ou intelectual. Valor tem aqui o significado de intensidade. "que se manifesta por efeitos definidos ou rendimentos psíquicos". Energia psíquica é um conceito abstrato de relações de movimento, algo inapreensível, um X, comparável (mas não idêntica) à energia física.

Jung construiu para a psicologia, uma interpretação nos moldes da teoria energética das ciências físicas. Fome, sexo, agressividade, seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade, são manifestações diferentes da energia física. "Do mesmo modo que não ocorreria ao físico moderno derivar todas as forças, por exemplo, somente do calor, também o psicólogo deve preservar-se de englobar todos os instintos no conceito de sexualidade".

Jung concebe o psiquismo (consciente e in-consciente) como um sistema energético relativamente fechado, possuidor de um potencial que permanece o mesmo em quantidade através de suas múltiplas manifestações, durante toda a vida de cada indivíduo. Isso vale dizer que, se a energia psíquica abandona um de seus investimentos virá reaparecer sob outra forma. No sistema psíquico a quantidade de energia é constante, varia apenas sua distribuição, "Nenhum valor psíquico pode, desaparecer sem que seja substituído por outro". Se um grande interesse por este ou aquele objeto deixa de encontrar nele oportunidade para aplicar-se, a energia que alimentava o interesse tomará outros caminhos: surgirá talvez em manifestações somáticas (palpitações, distúrbios digestivos, erupções cutâneas, etc), virá reativar conteúdos adormecidos no inconsciente, construíra

enigmáticos sintomas neuróticos. Esses vários fenômenos serão a expressão de metamorfoses da mesma energia. Resumiremos, para exemplificar, um caso clínico simples, descrito por Jung em **PROBLEMAS DA ALMA MODERNA**. Trata-se de um oficial do exército suíço, com 27 anos, que sofre de violentas dores na região precordial e no calcanhar esquerdo. Nada foi encontrado, somaticamente, que justifique esses sintomas e o doente não relaciona seu aparecimento a qualquer ocorrência especial. Interrogado sobre seus sonhos, lembra-se de um sonho recente que o impressionou pela estranheza: "eu ia andando por um campo aberto quando de repente pisei numa serpente. A serpente mordeu-me no calcanhar e senti-me como se estivesse envenenado".

Pouco antes de surgirem os sintomas, a namorada desse rapaz ficou noiva de outro. Ele reagiu tomando atitude de jactância. A moça era uma tola e ele arranjaría facilmente dez namoradas mais interessantes. Isso não tinha nenhuma importância. Entretanto, perdido o objeto exterior de investimento, reprimida, a libido vem reaparecer sob a forma de sintomas somáticos. Exprime-se através de dores na região cardíaca o que, aliás, não é nada de extraordinário, pois os poetas de todos os tempos já disseram que as penas de amor fazem doer o coração. No seu recuo, porém, a libido desceu ainda mais profundamente vindo dar vida à imagem pela qual vários mitos exprimiram certas experiências que o homem teve com a mulher através dos tempos: a mordedura da serpente. O jovem suíço encontrou-se com a serpente que Isis colocou no caminho do grande deus Ra, para morder-lhe o calcanhar; encontrou-se com a serpente bíblica, tão estreitamente associada a Eva; encontrou-se com o princípio sedutor da mulher

no seu aspecto perigoso. A libido fez-se imagem simbólica.

Todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética. Os complexos são nós de energia. Veremos breve (capítulo 5) que os arquétipos são núcleos de energia em estado virtual e que os símbolos são máquinas transformadoras' de energia.

Jung vê a psique em incessante dinamismo. Correntes de energia cruzam-se continuamente. Tensões diferentes, pólos opostos, correntes em progressão e em regressão entretêm movimentos constantes.

A progressão da libido resulta da necessidade vital de adaptação ao meio. Nos seus esforços para responder às exigências exteriores, a libido espraia-se sobre o mundo. Mas, quando as possibilidades de que dispõe o indivíduo (dentro de suas peculiaridades, dentro de seu tipo psicológico) não são capazes de corresponder a essas exigências ou os obstáculos que se levantam no seu caminho são demasiado fortes, a energia se detém. Acumula-se, fica estagnada e acaba recuando. A marcha retrograda da libido terá por efeito a reativação de conteúdos do mundo interior. Serão reanimados materiais excluídos do consciente, inibidos no inconsciente, por serem perturbadores dos esforços de adaptação ao mundo exterior. ("A inibição é idêntica ao que Freud chama censura"). Deste modo adquirem elevação de potencial as pulsões sexuais infantis insatisfeitas, as tendências incompatíveis com a atitude moral consciente do indivíduo, com seus julgamentos racionais ou estéticos. Também, segundo frisa Jung, serão alimentados germens de novas possibilidades de vida

que ainda não haviam ganho forças para emergir. Os conteúdos do inconsciente ativados pelo novo afluxo de libido aproximam-se do consciente. O ego poderá então confrontá-los, considerá-los atentamente. A regressão da libido torna-se, assim, uma fase útil no processo de desenvolvimento da personalidade. Desde que os conteúdos do inconsciente sejam confrontados e integrados, dissolvem-se estagnações, removem-se bloqueios e a libido volta a fluir na direção do exterior. Recomeça nova fase de progressão.

Os conceitos de progressão e evolução, e de regressão e involução nem sempre se superpõem. "A vida psíquica do homem pode também progredir sem evoluir e retrogradar sem involuir. O fluxo contínuo de libido a derramar-se sobre o mundo não significa necessariamente desenvolvimento da personalidade. A regressão, do mesmo modo, não se traduz obrigatoriamente em involução, pois os conteúdos do mundo interior exigem afluxos de libido para diferenciarem-se. Somente quando ocorre persistência da regressão e fixação em formas anteriores de atividade da libido, poder-se-á falar de condição patológica.

Numa visão de conjunto da energética psíquica, Jung postula a existência de dois pólos fundamentais que se defrontam. De uma parte estão as forças que alimentam o insaciável apetite dos instintos e, de outra parte, as forças que se opõem às primeiras, que restringem a impetuosidade instintiva. A inter-relação dessas forças antagonistas promove a auto regulação do equilíbrio psíquico.

O combate entre esses dois opostos tem sido vivenciado pelo homem em todos tempos e comumente

é designado pela oposição natureza-espírito. Espírito não é entendido aqui como algo transcendente. Para Jung, as forças que se opõem à instintividade são tão naturais quanto os próprios instintos e, tanto quanto estes, são poderosas. "Rigorosamente falando, o princípio espiritual não entra em colisão com o instinto, mas com a instintividade cega na qual se manifesta predominância injustificada da natureza instintiva em relação ao espiritual. *O espiritual também se apresenta na vida psíquica como um instinto*, mesmo como uma paixão ou, segundo disse Nietzsche, "como um fogo devorador". Não se deriva de qualquer outro instinto, mas é um princípio *sui generis*, uma forma específica e necessária da força instintiva.

Do jogo entre tensões opostas resulta a liberação de relativos excedentes de energia e o natural estabelecimento de declives por onde se escoia esta energia livre. Com efeito, a história da humanidade demonstra que já o homem primitivo conseguia dispor de cotas de energia para aplicação utilitária no mundo exterior e para operações transformadoras internas, que se realizavam por intermédio da formação de símbolos religiosos, de rituais e de atos mágicos. Não está todavia no poder do homem canalizar os excedentes energéticos para objetos escolhidos racionalmente. A libido mostra-se recalcitrante às ordens da vontade consciente. Os esforços mais obstinados não serão suficientes se não existir, na mesma direção, um declive natural favorável à canalização da energia. "A vida somente flui para diante ao longo de declive adequado".

É através de transmutações da energia psíquica, da formação de símbolos novos sucedendo

a símbolos caducos, esvaziado da energia que antes os animava, que se processa, na sua essência, o desenvolvimento da psique do homem.

Posteriormente, no grande ensaio SOBRE A NATUREZA DA PSIQUE (1954), Jung irá apresentar outros desenvolvimentos relativos à energética psíquica, decorrentes da surpreendente descoberta de analogias entre fenômenos psíquicos e fenômenos pertencentes ao reino da física atômica moderna.

Leituras.

C. G. Jung - SYMBOLS OF TRANSFORMATION.collected works 5. Há traduções francesa e espanhola.

C. G. Jung - ON PSYCHIC ENERGY, em collected workh 8. Há também traduções francesa e espanhola.

C. G. Jung - ON THE NATURE OF PSYCHE,
em collected works 8. Ensaio de leitura difícil.

Tipos Psicológicos.

Os trabalhos de exploração do inconsciente não fizeram Jung perder o interesse pelas relações do homem com o meio exterior. A comunicação entre as pessoas sempre lhe pareceu problema da maior importância. Na vida comum e na clínica via todos os dias que a presença do *outro* é um desafio constante. O outro não é tão semelhante a nós conforme desejaríamos. Ao contrário, ele nos é exasperantemente dessemelhante. Não é raro ouvir o marido irritado, dizer que não entende a esposa e a mãe queixar-se de absolutamente desconhecer a filha. Também nas relações de amizade e de trabalho surgem freqüentes desentendimentos, desencontros, que deixam cada personagem perplexo face às reações do outro, sem que os separem sensíveis diferenças de idade, de educação ou de situação social.

Jung deteve-se no exame deste problema e apresentou sua contribuição a fim de que nos possamos orientar melhor dentro dos quadros de referência do outro. Modesto como sempre, escreveu : "não creio de modo algum que minha classificação dos tipos seja a única verdadeira ou a única possível".

Distinguiu inicialmente aqueles que partem rápidos e confiantes ao encontro do objeto, daqueles que hesitam, recuam, como se o contato com o objeto lhes infundisse receio ou fosse uma tarefa demasiado pesada. A primeira forma de atitude denominou extroversão e à segunda introversão. Estes termos que se popularizaram, que todo mundo repete aplicando-os bem ou mal, foram criados e introduzidos em psicologia por Jung. O conceito de extroversão e de introversão baseia-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica) em relação ao objeto. Na extroversão a libido flue sem embaraços ao encontro do objeto. Na introversão a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo. Mas, em movimento de compensação, uma corrente energética inconsciente retrocede para o sujeito na extroversão e, na introversão, um fluxo de energia inconsciente está constantemente emprestando energia ao objeto. Portanto, vista em seu conjunto, verifica-se na circulação da libido, um movimento inconsciente de introversão naqueles cuja personalidade consciente é extrovertida, e um movimento inconsciente de extroversão naqueles cuja personalidade consciente é introvertida. Extroversão e introversão são ambas atitudes normais. Claro que a introversão em grau exagerado tornar-se-á patológica, do mesmo modo que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido.

Não só o homem comum pode ser enquadrado numa dessas duas atitudes típicas. Igualmente os filósofos, através de suas concepções do mundo, revelam seus tipos psicológicos, bem assim os artistas. através de suas interpretações da vida.

Quando Sartre diz que a existência do outro o atinge em pleno coração, que sua presença lhe traz uma sensação de mal estar, que por causa do outro sente-se perpetuamente em perigo, define uma atitude de introversão. Já na pintura de Matisse acontece o contrário. O objeto é glorificado. Ele o retira da atmosfera que o envolve para dar-lhe marcados contornos e colorido intenso. Uma feliz e confiante relação estabelece-se entre o homem e o mundo. Naturalmente os psicólogos não escapam à condição humana e funcionam eles próprios, tão curiosos da alma alheia, dentro de suas peculiares equações pessoais. Jung estudou-os com particular atenção, pois intrigava-o que os mesmos fenômenos psíquicos fossem vistos e compreendidos tão diferentemente por homens de ciência, cada um de seu lado, honestamente convencido de haver descoberto a verdade única. Exemplo de escolha é o caso Freud-Adler. Freud valoriza sobretudo o objeto. O homem é um feixe de pulsões em busca de objetos amáveis e sua meta seria, não fosse a repressão imposta pela sociedade, a expansão livre dos instintos até a obtenção dos objetos desejados, os quais são fontes de prazer em si mesmos, por suas qualidades específicas. Muito diversa é a relação do homem com o objeto, segundo Adler. Antes de tudo ele busca segurança pessoal e afirmação de sua vontade de poder. A ênfase recai aqui sobre o sujeito. Quando se sente inferiorizado, o homem adleriano "protesta". Seu esforço dirigir-se-á no sentido de quebrar os laços com objetos que o cerceiam opressivamente afim de conseguir sobre estes a supremacia anelada.

Na opinião de Jung as duas concepções são válidas. Apenas são unilaterais. A vontade de poder não exclui Eros e reciprocamente. Acontece

é que cada psicólogo vê a vida psíquica através de seu próprio tipo psicológico: Freud, na qualidade de extrovertido, dando prevalência ao objeto; Adler, como introvertido, valorizando sobretudo o sujeito. "A filosofia crítica ajudou a discernir o caráter subjetivo de profissão de fé de toda psicologia, e igualmente da minha", disse Jung.

Cedo Jung deu-se conta de que dentro de cada uma das duas atitudes típicas havia muitas variações. Um introvertido podia diferir enormemente de outro embora ambos reagissem, de modo análogo, face aos objetos. Idem no interior do grupo dos extrovertidos. Que ocorria então? Como bom empirista, Jung foi acumulando observações até concluir que essas diferenças dependiam da função psíquica que o indivíduo usava preferentemente para adaptar-se ao mundo exterior.

São quatro estas funções de adaptação, espécie de quatro pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se : sensação, pensamento, sentimento e intuição.

A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significam os objetos... Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A *intuição* é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento.

Todos possuímos as quatro funções, entretanto sempre uma dentre elas se apresenta mais desenvolvida e mais consciente que as três outras. Dai ser chamada função principal.

Cada indivíduo utiliza de preferência sua função principal, pois manejando-a consegue melhores resultados na luta pela existência. O leão ataca com as garras e o crocodilo abate sua presa com a cauda, exemplifica Jung. Uma segunda função serve de auxiliar à principal, possuindo grau de diferenciação maior ou menor. A terceira quase sempre não vai além de um desenvolvimento rudimentar e a quarta permanece, de ordinário, num estado mais ou menos inconsciente. Por este motivo é denominada função inferior.

O ótimo seria que as quatro funções exercessem-se em proporções iguais a fim de que conhecêssemos satisfatoriamente os objetos sob seus quatro aspectos, e também porque assim haveria distribuição equivalente da carga energética necessária à atividade de cada função. Isso; porém, raramente acontece. Na grande maioria das pessoas uma única dessas funções desenvolve-se e diferencia-se roubando energia às outras. Jung chega a admitir que a atividade dessas funções, quando se realiza em graus muito desiguais, possa causar perturbações neuróticas. Se uma função não é empregada, diz ele, há o perigo de que escape de todo ao manejo consciente, tornando-se autônoma e mergulhando no inconsciente onde vá provocar ativação anormal. Isso diz respeito especialmente à quarta função ou função inferior. De outra parte, justo por sua ligação profunda com o inconsciente, a função inferior poderá ser utilizada terapêuticamente como uma ponte de união entre consciente e inconsciente e assim vir representar um meio para restaurar conexões de vital

importância no organismo psíquico. A terapêutica ocupacional tem aí um rico filão a explorar.

Essas funções dispõem-se duas a duas, em oposição. É fácil compreender que se a intuição é a função principal, necessariamente a sensação será a função inferior. Desde que o intuitivo apreende as coisas no seu conjunto e aquilo que o atrai é o clima onde elas se movem para seus destinos ainda incertos e obscuros, certamente ele não será perito no exame detalhado dos objetos nem saberá encontrar para si firmes posições de relacionamento no mundo real, com suas exigências concretas e imediatas. O contrário acontece quando a sensação é a função mais desenvolvida.

Entre o pensamento e o sentimento ocorre incompatibilidade semelhante, O pensamento trabalha para conhecer as coisas, sem maior interesse pelo seu valor afetivo, valor que decerto viria interferir em julgamentos que pretendem ser neutros. O sentimento faz, antes de tudo, a estimativa do objeto, julga do seu valor intrínseco. Portanto são funções que se excluem, não podendo ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo plano. Se o pensamento for a função principal, o sentimento será a inferior, e reciprocamente.

Sendo a função principal de cada indivíduo a arma mais eficiente de que este dispõe para sua orientação e adaptação no mundo exterior, ela se torna o seu hábito reacional. É esta função, pois, que vem dar a marca característica aos tipos psicológicos. Desde que as quatro funções podem ser extrovertidas ou introvertidas, resultam oito tipos psicológicos : tipo pensamento extrovertido, tipo sentimento extrovertido, tipo sensação extrovertida,

tipo intuição extrovertida: tipo pensamento introvertido, tipo sentimento introvertido, tipo sensação introvertida, tipo intuição introvertida.

Começemos pela descrição dos quatro tipos extrovertidos.

Tipo pensamento extrovertido.

A personalidade consciente é extrovertida e o pensamento, função principal, está dirigido para o exterior. Sua atitude tende constantemente a estabelecer ordem lógica, clara, entre coisas concretas. O raciocínio abstrato não atrai o tipo pensamento extrovertido. Ele poderá bater-se com entusiasmo pela liberdade mas, acossado por alguém que lhe peça para dizer o que entende por "liberdade", não se interessará por definir-lhe o conceito. Este tipo gosta de fazer prevalecer seus pontos de vista que coordena de maneira rígida e impessoal tornando-se muitas vezes autoritário, principalmente no círculo de sua família. Sua conduta é pautada segundo regras rigorosas, dentro de seus princípios, os quais ele aplica também aos outros, sem fazer a estimativa de nuances pessoais.

Os representantes deste tipo que mais se destacam são hábeis políticos, homens de negócios, advogados brilhantes, que rápido encontram os fatos básicos das situações que têm em mãos, excelentes organizadores de serviços científicos, de firmas comerciais ou de setores burocráticos.

O ponto fraco deste tipo é o sentimento (função inferior). Embora capaz de afeições profundas, tem grande dificuldade em expressá-las. Por

isso é sempre mais apreciado no seu meio profissional e social que entre os membros da própria família. A esposa e os filhos de um tipo pensamento extrovertido não se acreditam amados tanto quanto o são na realidade, pois ele nunca sabe encontrar maneiras adequadas de exprimir seus íntimos sentimentos. De outra parte, não são raras súbitas e violentas explosões de afeto que até poderão atingir graus perigosamente destrutivos, Estes fenômenos são decorrentes de uma função sentimento indiferenciada e inconsciente.

Tipo sentimento extrovertido.

Este tipo mantém adequada relação com os objetos exteriores, vivendo nos melhores termos com o seu mundo. É acolhedor e afável. Irradia calor comunicativo que torna o indivíduo deste tipo o centro de amigos numerosos. Mas ele sabe fazer a correta estimativa desses amigos, facilmente pesa suas qualidades positivas e negativas, e assim não forma ilusões sobre as pessoas com quem convive. Esta capacidade de segura avaliação afetiva poupa-o das decepções que são as habituais agruras do tipo pensamento, nem lhe acontece, como àquele, ser subitamente submerso por explosões de sentimentos. Permanece, em geral, fiel aos valores que lhe foram inculcados desde a infância. As manifestações de sua afetuosidade são exuberantes e, não raro, parecem excessivas aos olhos de outros tipos.

Quando o tipo sentimento extrovertido entrega-se à vida pública pode tornar-se um grande líder, fascinando pelo apelo emocional de sua personalidade

mais que pela originalidade de seu pensamento. Nos círculos íntimos dá os mais agradáveis amigos e amigas, pois poder-se-á dizer que foi este tipo que inventou a arte da amizade.

Seu calcanhar de Aquiles é o pensamento, sobretudo o raciocínio abstrato. A matemática, a reflexão filosófica, são áreas onde este tipo não se move à vontade. Prefere a medicina, as ciências diretamente ligadas ao homem, a poesia lírica, a música romântica, enfim as coisas que o toquem na esfera afetiva.

Essa pessoa tão transbordante de calor humano surpreende muitas vezes seus íntimos quando formula julgamentos críticos extremamente duros e frios, com o caráter de sanções definitivas. Se o controle da função superior falha (desgaste, cansaço, doença), os pensamentos negativos emergem. E, por serem produzidos pela função inferior de um extrovertido, têm as marcas da introversão, voltando-se principalmente contra o próprio indivíduo que se vê, sem motivos objetivos, destituído de todo valor, incapaz para quaisquer realizações.

Entenda-se que não se trata aqui de inferioridade da - função pensamento num sentido quantitativo, mas de uma função que não foi afiada pelo uso, que não se diferenciou suficientemente.

Tipo sensação extrovertida.

O tipo sensação extrovertida compraz-se na apreciação sensorial das coisas. Se vai a uma reunião social saberá descrever como estavam vestidas as pessoas e imediatamente reconhecerá a qualidade dos móveis, dos tapetes. Ele parece segurar os objetos entre o eixo de seus olhos como

entre as hastes de uma pinça, diz Jung. Ama os prazeres da mesa, o conforto das habitações. Relaciona-se de modo concreto e prático aos objetos exteriores. Adapta-se facilmente às circunstâncias, possuindo seguro sentido da realidade. Pertencem a este tipo aqueles de quem se diz correntemente que "sabem viver". Contam-se entre seus expoentes engenheiros, mecânicos, mestres na profissão, industriais e comerciantes que alcançam grandes êxitos em seus campos.

O tipo sensação extrovertida repele as questões teóricas de caráter geral. O importante para ele é a descrição minuciosa, exata, dos objetos. Procura sempre explicar os fenômenos pela sua redução a causas objetivas já bem estabelecidas. As hipóteses de interpretações, no domínio científico, parecem-lhe sempre fantasiosas. E a atenção às manifestações da vida subjetiva se lhe afigura sintoma de doença ou, pelo menos, coisa inútil.

É eficiente e prático, mas, como a intuição é a sua função inferior, acontece freqüentemente que não percebe o desdobramento de possibilidades novas. Isso tem sido o motivo do fracasso surpreendente de muito industrial ou comerciante hábil. A intuição pouco desenvolvida não somente falha, mas também muitas vezes segue pistas erradas ou apreende de preferência as possibilidades negativas dos objetos. Sendo a função inferior de um extrovertido, será necessariamente introvertida e por isso elabora de preferência premonições sobre doenças e infortúnios que possam cair sobre o indivíduo. Este quadro apresenta-se quando, por exemplo, o tipo sensação extrovertida embriaga-se, tem uma astenia gripal ou se sente demasiado fatigado. Então revela seu outro lado. A intuição inferior, devido ao seu caráter arcaico

pouco diferenciado, compraz-se também com as místicas de baixo nível, histórias extravagantes de fantasmas, superstições. O observador prevenido muito se espanta ao descobrir este aspecto justamente nos seus amigos mais realistas.

Tipo intuição extrovertida.

Este tipo está sempre farejando novas possibilidades, coisas que ainda não assumiram formas definidas no mundo real. Sabe antes de todos os outros quais as mercadorias que serão mais vendáveis no ano próximo, quais as indústrias que terão melhores perspectivas de prosperar, ou pressente o rumo futuro dos acontecimentos políticos. No campo da ciência está sempre interessado pelas aquisições mais inovadoras e no campo da arte descobre o pintor, hoje desconhecido, que será aceito como um gênio daqui a 30 anos. Empreende várias iniciativas ao mesmo tempo, pois como deixará de agarrar probabilidades tão vantajosas que por assim dizer oferecem-se a ele, enquanto os outros em torno nem sequer as percebem? Se facilmente dá início a atividades novas, também do mesmo modo as abandona a meio caminho para começar outra coisa que de repente o fascinou. Não lhe agradam as situações estáveis, dentro das quais se sente como um prisioneiro. Sua função principal arrasta-o para a frente e, se não der atenção à função do real (sensação), que é o seu ponto fraco, outros colherão o que ele semeou. Acresce que, sendo este tipo extrovertido, sua função inferior, a sensação, é introvertida e, como tal, tende a recuar do mundo exterior e seus problemas. Está ainda aderida ao

inconsciente. Por isso, quando circunstâncias especiais lhe permitem entrar em cena, fará o indivíduo subitamente descobrir nas coisas que o cercam aspectos não pragmáticos que o deslumbram e o emocionam fora das medidas comuns.

Passemos à descrição dos quatro tipos introvertidos.

Tipo pensamento introvertido.

O tipo pensamento introvertido considera as idéias gerais aquilo que há de mais importante.

Quando aborda um problema procura, antes de tudo, situar idéias e pontos de vista que lhe permitam uma visão panorâmica dos temas a estudar. Idéias gerais mal digeridas, mal diferenciadas, confundidas umas nas outras põem os indivíduos deste tipo irritadíssimo contra quem as apresenta em tal estado. Ao contrário do pensador extrovertido, que se contenta de por ordem lógica entre idéias já existentes, o pensador introvertido interessa-se principalmente pela produção de idéias novas ou pela busca de originais e audaciosos jogos do espírito. Valoriza os dados empíricos secundariamente, apenas para documentar suas teorias e não porque lhes atribua interesse próprio. Os matemáticos teóricos, os filósofos criadores de concepções do mundo, aqueles que se deleitam nas especulações filosóficas ou científicas são os mais altos expoentes deste tipo psicológico.

Seus sentimentos são fortes e genuínos e manifestam-se de modo primitivo, poder-se-á mesmo dizer selvagem, pois emanam da função inferior

que é caracteristicamente indiferenciada Marie Luize von Franz compara a expressão de afetos ao tipo pensamento introvertido aos jatos de lava de um vulcão. Poderá ferir e destruir, mas sem intenção malévola, como uma força da natureza. O sentimento inferior do tipo pensamento introvertido é semelhante, na sua indiferenciação, ao do tipo pensamento extrovertido, todavia com uma diferença fundamental: é extrovertido, isto é, dirige-se ao objeto e manifesta-se em toda a sua pujança, enquanto no outro caso os sentimentos não encontram formas de expressão. Na sua vida afetiva este tipo diz sim ou não, ama ou odeia. É por este motivo que costuma julgar aqueles que têm o sentimento como função superior algo calculistas nas suas amizades, capazes de tolerar certas pessoas, movidos por interesses espúrios. A crítica não é justa. A função sentimento sendo bem diferenciada consegue discernir nuances, discriminar qualidades positivas em meio às qualidades negativas e assim aceitar criaturas que os tipos pensamento eliminam abruptamente.

Tipo sentimento introvertido.

As pessoas deste tipo apresentam-se calmas, retraídas, silenciosas. São pouco abordáveis e difíceis de compreender porque, sendo dirigidas por forças subjetivas, suas verdadeiras intenções permanecem ocultas. Daí algo de enigmático envolvê-las. Seus sentimentos são finamente diferenciados, mas não se exprimem externamente. Desdobram-se em profundidade. São secretos e intensos. As relações com o objeto são mantidas dentro de limites

aqui esta intuição primária dirige-se para o mundo exterior, enquanto no tipo extrovertido ela se aplica ao individuo e seus problemas pessoais, pois sempre a função inferior move-se em contra corrente com relação à função superior.

É um encontro difícil o da intuição inferior com a sensação superior. Quando um flash de luz, uma fantasia arquetípica concernente a acontecimentos futuros irrompem no campo da consciência, os tipos sensação sofrem vertigens. Essas percepções de idéias ou de imagens em movimento teriam de ser assimiladas justo pela função especialmente apta para trabalhar com dados reais, estáveis e presentes, o que se torna de fato uma contradição perturbadora.

Tipo intuição introvertida.

Este tipo é sensível à atmosfera dos lugares e às possibilidades novas que as coisas possam oferecer, mas não se sente atraído a seguir as pistas que seu faro, de passagem, apreende no mundo real. O exterior interessa-o muito secundariamente, pois sua função principal está volta da para o interior. As múltiplas solicitações da realidade externa, quando excessivas, chegam a ser vivenciadas por este tipo como algo torturante.

A .característica essencial deste tipo é sua aptidão para apreender o encaminhamento dos processos que se desdobram na profundidade do inconsciente coletivo, as transformações, as elaborações de seus conteúdos em diálogo com as condições do tempo e da história. É assim que entre os representantes mais puros deste tipo encontram-se,

num nível primitivo, o feiticeiro que guia os destinos de sua tribo; os profetas, nas religiões altamente espiritualizadas, e os artistas visionários, que são os únicos profetas aceitos em nossa época.

Pelo fato da função do real ser a sua função inferior, este tipo não consegue executar seus numerosos projetos. Cansa-se facilmente e aborrece-se de coisas que já se lhe afiguram obvias enquanto sua tradução em termos da realidade realiza-se com uma lentidão que lhe é dura de tolerar,

Para este tipo psicológico os acontecimentos exteriores permanecem um tanto nebulosos devido a sua incapacidade de registrar rapidamente aquilo que ocorre diante de seus olhos e de fixar seus detalhes precisos. Assim, será a pessoa menos apta para prestar testemunhos, Sem a intenção consciente de mentir, poderá contar histórias fabulosas, levado pela própria fantasia, cujo prazer é precisamente distanciar-se da realidade cotidiana.

O constante desejo de pôr-se a salvo das engrenagens do mundo real, experimentadas pelo intuitivo introvertido como um envolvimento opressivo, representa duplo perigo. O primeiro seria a perda de contacto com a realidade, que o desgarraria da vida normal; o segundo, decorreria da condição aparentemente insólita de que é na crista da tensão entre as duas funções opostas, onde se acende sua chama criadora. Quando não há exercício da função do real, as intuições - dispersam-se em divagações inconsistentes. A experiência demonstra que se um Mecenas põe o místico ou o artista visionário ao completo abrigo da luta pela vida, sua função superior decai e sua atividade criadora estanca.

Um belo exemplo de tipo intuição introvertida é Spinoza. Ele erigiu a intuição no mais perfeito gênero de conhecimento, o único, no seu conceito, capaz de penetrar na essência das coisas. A seguir é que o pensamento, sua função auxiliar, estruturava em rígidas formas geométricas as idéias apreendidas intuitivamente.

Mas sabemos que Spinoza trabalhava com as mãos, polindo lentes de modo esmerado. Aceitou a ajuda de amigos ricos, porém fez sempre questão de reservar para seu esforço pessoal a complementação do necessário à própria subsistência. Este comportamento do filósofo é relatado de ordinário como coisa secundária, quase nas margens da sua biografia. Entretanto o trabalho manual como ajuda para ganhar o pão será talvez um dos segredos que contribuíram para aquele homem “ébrio de Deus”, criador de uma filosofia extraordinariamente antecipada, possuir um equilíbrio psíquico perfeito e ter realizado de sua vida e de sua obra uma harmoniosa totalidade.

O conhecimento da vida e da obra de Jung, a valorização que ele dá aos fatores subjetivos, permitem situá-lo do lado dos introvertidos. Mas, sendo um homem extraordinariamente bem centrado em si mesmo punha em atividade suas quatro funções. Não era um sábio de gabinete. Não desdenhava a vida real. Sabia usar as mãos: lavrava a terra, rachava lenha, cozinhava, esculpia a pedra. Introduziu a dimensão sentimento na sua obra científica, dando a importância devida à tonalidade afetiva que impregna toda experiência vivida de verdade. E seu pensamento era decerto poderoso. Mas a leitura atenta de seus livros, permite discernir que sua função principal era a intuição.

Parece que em visões de longo alcance ele apreendia o sentido dos processos psíquicos de maneira imediata para depois passar todo o material assim colhido pelos crivos do pensamento, trabalhando-o refletidamente e documentando-o exaustivamente.

Apesar de sua extraordinária capacidade de compreensão, talvez Jung no fim da vida, devido às suas próprias características de intuitivo, não pudesse ter escapado inteiramente a um melancólico sentimento de cansaço, quando media a arrastada lentidão com que suas descobertas vinham sendo assimiladas e quanto eram ainda mal apreendidas as largas perspectivas que ele abria para o futuro.

Leituras

Types Psychologiques - No capítulo 10º deste livro acham-se reunidos os dados fundamentais de toda a obra e descrição detalhada dos

oito tipos da classificação jungueana. O leitor poderá começar por este capítulo para ler depois os outros, saltadamente, segundo seus interesses. Em todos, Jung, fiel ao seu método de trabalho, apresenta enorme documentação confirmadora de suas idéias, coligida em vários campos da cultura. É muito possível que o problema dos tipos psicológicos se afigure fastidioso através das discussões escolásticas intermináveis entre os nominalistas e os realistas (cap. I), mas decerto o leitor apreciará, por exemplo, o cap. III onde irá encontrar a interpretação psicológica da oposição entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco posta em foco por Nietzsche, na arte grega, ou o cap. VII, que trata das atitudes típicas na estética, tal como foram vistas por W. Worringer na monografia *Abstração e Natureza*, ponto de partida dos críticos da arte moderna H. Read e M. Brion para a compreensão do antagonismo entre figurativos e abstratos.

O livro contém ainda um glossário que explica os conceitos correspondentes a 58 termos psicológicos. Este pequeno dicionário será sempre consultado com proveito por todo estudioso da obra de Jung.

O volume correspondente, nos *Collected Works*, (nº 6), até o presente momento não foi publicado. Além da tradução francesa, existem, da obra, traduções espanhola e portuguesa. Bons resumos do tema dos Tipos Psicológicos podem ser encontrados noutros livros de Jung: *Collected Works* 7, 40-62

Problèmes de L'Âme Moderne, 195-216 *L'homme et ses symboles*, 58-66.

Estrutura da Psique

Inconsciente Coletivo

Poder-se-á representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente).

CONSCIENTE - Na área do consciente desenrolam-se as relações entre conteúdos psíquicos e o *ego*, que é o centro do consciente. Para que qualquer conteúdo psíquico torne-se consciente terá necessariamente de relacionar-se com o *ego*. Os conteúdos, os processos psíquicos que não entretêm relações com o *ego* constituem o domínio imenso do inconsciente. Jung define o *ego* como um complexo de elementos numerosos formando, porém, unidade bastante coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade consigo mesma. Dada sua composição feita de múltiplos elementos, Jung usa freqüentemente a expressão *complexo do ego*, em vez de *ego*, simplesmente." A luz da consciência tem muitos graus de brilho e o complexo do ego muitas gradações de força".

INCONSCIENTE - O inconsciente, na psicologia jungueana, compreende inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Inconsciente pessoal

Esta denominação refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Aí estão incluídas as percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de idéias ainda demasiado fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem lembradas; e, sobretudo, grupos de representações carregados de forte potencial afetivo, incompatíveis com a atitude consciente (complexos). Acrescente-se a soma das qualidades que nos são inerentes porém, que nos desagradam e que ocultamos de nós próprios, nosso lado negativo, escuro.

Esses diversos elementos, embora não estejam em conexão com o ego, nem por isso deixam de ter atuação e de influenciar os processos conscientes, podendo provocar distúrbios tanto de natureza psíquica quanto de natureza somática.

Inconsciente coletivo.

Corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens.

"Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças

de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente de conteúdos capazes de tornarem-se conscientes, mas de disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto."

Estamos aqui bastante longe do conceito de inconsciente segundo Freud: "um caos ou uma caldeira cheia de pulsões em ebulição". No âmago do inconsciente coletivo Jung descobriu um centro ordenador o self (si mesmo). Desse centro emana inesgotável fonte de energia. Seu papel é importantíssimo na psicologia jungueana, segundo veremos daqui por diante.

Em determinadas circunstâncias esse centro corresponde ao superego da psicologia freudiana. Quando a renúncia aos desejos egoístas ocorre por temor da opinião pública e dos códigos, conforme acontece ordinariamente, isso significa que o self permanece inconsciente e, nesta condição, projeta-se no exterior, identificando-se à consciência moral coletiva. Neste caso, self e superego coincidem. Mas, desde que o self torne-se perceptível como fator psíquico determinante, então a renúncia às exigências egoístas não será mais motivada pela pressão da moral coletiva, porém pelas próprias leis internas inerentes, de modo inato, ao self. Em tais circunstâncias esta instância psíquica deixa de coincidir com o superego.

Apresenta-se naturalmente. a pergunta: como foi que Jung chegou à formulação da hipótese do inconsciente coletivo, isto é, da existência de um substrato psíquico comum a todos os humanos?

Nas suas experiências sobre as associações de idéias que o levaram, conforme vimos no segundo capítulo, à descoberta dos complexos, ele se familiarizara intimamente com o material reprimido das vivências pessoais. Trabalhara com normais, neuróticos e psicóticos. Segredos que envenenavam vidas tinham vindo à luz, ocultos mecanismos de sintomas haviam sido descobertos. Mas, às vezes, apresentavam-se problemas que pareciam insolúveis, sobretudo nas pesquisas com psicóticos. Jung estava convencido de que os sintomas da loucura, ainda os mais extravagantes, encerravam significações tanto quanto os atos falhados, os sonhos ou as manifestações neuróticas. E muitas dessas significações ele já desvendara trabalhando com uma paciência infinita. Entretanto haviam delírios, haviam alucinações que o deixavam, às cegas. Não encontrava suas raízes nos complexos que o método associativo apreendia nem na observação clínica. De onde viriam? Por mais que os estudasse, com os recursos de que dispunha, não achava o fio de suas significações. Não obstante registrava cuidadosamente idéias delirantes, alucinações e gestos por mais absurdos que fossem, dos loucos internados no hospital Burgholzli (Zurique), onde era chefe de clínica. Nas suas notas, correspondentes ao ano de 1906, fora consignado o encontro, nos corredores daquele hospital, com um esquizofrênico paranóide que, tentando olhar o sol piscava as pálpebras e movia a cabeça de um lado para o outro. “Ele me tomou pelo braço dizendo que queria mostrar-me uma coisa : se eu movesse a cabeça de um lado para o

outro, o pênis do sol mover-se-ia também e este movimento era a origem do vento". Quatro anos mais tarde, lendo a recente publicação de manuscritos gregos referentes a visões de adeptos de Mithra, Jung deparou com a seguinte descrição : "E também será visto o chamado tubo, origem do vento predominante. Ver-se-á no disco do sol algo parecido a um tubo, suspenso. E na direção das regiões do ocidente é como se soprasse um vento de leste infinito. Mas se outro vento prevalecer na direção das regiões do oriente, ver-se-á da mesma maneira o tubo voltar-se para aquela direção".

Este achado revelador ocorreu no curso de 1910, quando Jung entregava-se apaixonadamente a estudos de arqueologia e de mitologia. Em suas Memórias conta porque naquela época ficou empolgado por esses assuntos. O motivo foi um sonho. Eis o sonho. Ele se acha numa casa desconhecida que, não obstante, era sua casa. Uma casa de dois andares. Inicialmente, encontra-se no andar superior, num salão ornado de belos quadros e provido de móveis de estilo século XVIII. Descendo as escadas, chega ao pavimento térreo onde o mobiliário é medieval e o piso de tijolos vermelhos. Percorre várias peças, explorando a casa até deter-se diante de uma pesada porta. Abre-a e vê degraus de pedra que conduzem à adega. Desce e encontra-se num amplo salão abobadado de aspecto muito antigo. Suas paredes são construídas à maneira dos romanos e o piso é formado por lajes de pedra. Por entre essas pedras descobre uma argola. Puxando-a, desloca-se uma laje, deixando aparecer estreita escada. Descendo ainda, vê-se numa caverna talhada na rocha. Espessa camada de poeira cobre o solo e de permeio, entre fragmentos de cerâmica, descobre ossos espalhados e dois crânios humanos.

Para Jung os sonhos são auto descrições da vida psíquica. Sendo assim, interpretou este sonho vendo na casa a imagem de sua própria psique, O consciente estava figurado pelo salão do primeiro andar, cujo mobiliário apresentava-se bem de acordo com a formação cultural do sonhador (filosofias do século XVIII e do século XIX); e o pavimento térreo correspondia às camadas mais superficiais do inconsciente. Quanto mais descia' mais se aprofundava em mundos antigos até chegar a uma espécie de caverna pré-histórica.

Seria então possível que cada indivíduo trouxesse consigo um lastro psíquico onde estivessem gravados vestígios da história da humanidade em marcas indelévels?

E havia o caso impressionante das alucinações daquele pobre doente terem tanta analogia com as visões dos adeptos da religião de Mithra.

Assim, da convergência de dados empíricos obtidos na observação clínica, com dados provenientes de sua própria experiência interna, originou-se a concepção do inconsciente coletivo de Jung.

O inconsciente coletivo funciona, na interpretação psicológica, como o denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender, no momento atual da ciência, sem sua postulação.

Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns todos os homens e transmitem-se por hereditariedade.

Arquétipos

Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de idéias inatas e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais que determina a estrutura cristalina na solução saturada sem possuir, contudo, existência própria. Como se originariam os arquétipos?

- a) Resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais por exemplo, as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como a travessia de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas, etc.
- b) Seriam disposições inerentes à estrutura do sistema nervoso que conduziriam à produção de representações sempre análogas ou similares. Do mesmo modo que existem pulsões herdadas a agir de modo sempre idêntico (instintos), existiriam tendências herdadas a construir representações análogas ou semelhantes. Esta segunda hipótese ganha terreno nas obras mais recentes de Jung.

Seja qual for sua origem, o arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando esta energia, em estado potencial, atualiza-se, toma forma, então teremos *a imagem arquetípica*. Não poderemos denominar esta imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade.

Nunca nos maravilharemos bastante se pensarmos neste prodigioso fenômeno que é a formação de imagens interiores. *Como* elas se configuram às custas da energia psíquica, ninguém sabe. Também não se conhece o *como* das transformações energéticas das quedas d'água em luz, da luz em calor. Mas a prova da transformação de energia psíquica em imagens nos é dada todas as noites nos nossos próprios sonhos, quando personagens conhecidos ou estranhos surgem das profundezas para desempenhar comédias ou dramas em cenários mais ou menos fantásticos.

. A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os humanos, permite compreender porque em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos. Vejamos um exemplo: o tema mítico do *eterno retorno*. Vamos encontrá-lo profundamente enraizado nas convicções ingênuas de sociedades primitivas, seguras de que ocorrerá uma volta aos tempos das origens, era de abundância e de felicidade. Vestida em roupagens magníficas, a mesma idéia está incorporada à cosmogonia hindu, com os seus quatro Yugas (períodos) que se desdobram lenta e incessantemente em ciclos perenes,

marcados nos seus movimentos de expansão e de declínio por acontecimentos mitológicos sempre idênticos. Ressurge a idéia com os filósofos gregos pré-socráticos Anaximandro e Pitágoras. E Platão estava convicto que as artes e a filosofia inúmeras vezes já se haviam desenvolvido até atingirem seu apogeu para declinarem e extinguírem-se à espera do recomeço de novo ciclo. O tema do eterno retorno reaparece na interpretação da história segundo Vico (século XVIII) : a história de todas as nações segue um curso que repete sempre três fases a idade divina, a idade heróica e a idade humana. Seguem-se inevitáveis crises que conduzem cada nação a ruínas das quais reaparece necessariamente novo ciclo das três idades.

Diante de Nietzsche a visão do eterno retorno apresentou-se terrível. Ele a transportou à existência individual. Todas as percepções, sentimentos, pensamentos, gestos de sua própria vida estariam inexoravelmente condenados a repetir-se sem fim. "Que aconteceria, escreveu ele, se um demônio te dissesse um dia: esta vida, tal como a vives atualmente será necessário que a revivas ainda uma vez, e uma quantidade inumerável de vezes. É preciso que cada dor e cada alegria, cada pensamento e cada suspiro voltem a ti, e tudo isso na mesma sequência e na mesma ordem e também essa aranha e esse raio de luar por entre as árvores, e também este instante e eu mesmo"... A idéia do eterno retorno apoderou-se do esquizofrênico Júlio, cliente de um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Ele se imagina prisioneiro de uma cadeia de fatos e de pensamentos que se reproduzem e se sucedem sem trégua, regidos pelo que ele chama "movimento de repetição".

Nietzsche, apesar do horror que a visão do eterno retorno lhe infundiu, encontrou no seu gênio a força para elaborá-la intelectualmente, enquanto Júlio ficou possuído pela mesma idéia, completamente desprovido da possibilidade de trabalhá-la com o pensamento consciente.

Símbolo

Toda imagem arquetípica não é um símbolo por si só. Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo, a esta imagem devem ainda juntar-se outros elementos. O símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se. Assim, o símbolo não é racional nem irracional, porém as duas coisas ao mesmo tempo. Se é de uma parte acessível à razão, de outra parte lhe escapa para vir fazer vibrar cordas ocultas no inconsciente. “Um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória” (Jung).

Figuras sintéticas, substitutivas de coisas conhecidas não são símbolos - são *sinais*. Exemplo : asas estampadas no quepe dos aviadores. Representações figuradas de objetos ideais ou materiais não são símbolos são *alegorias*. Exemplo: a justiça representada por uma mulher de olhos

vendados. Os símbolos, segundo Jung, são a expressão de coisas significativas para as quais não há, no momento, formulação mais perfeita, Exemplo : a imagem da caverna, descrita por Platão, onde homens acorrentados vem apenas o movimento de sombras sem se darem conta de que desconhecem a verdadeira realidade.

Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes prenunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos. Mas desde que seu conteúdo misterioso venha a ser apreendido pelo pensamento lógico, esvaziam-se e morrem.

O conceito jungueano de símbolo difere, portanto, do conceito de símbolo da escola freudiana. As representações disfarçadas de conteúdos reprimidos no inconsciente são símbolos para os freudianos e apenas sinais para os jungueanos. Freud afirma que a simbolização surge como resultado do conflito entre a censura e as pulsões reprimidas, enquanto Jung, em vez de ver na atividade formadora de símbolos o resultado de conflitos, vê uma ação mediadora, uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização. Outra diferença consiste em que, na concepção freudiana, embora os símbolos sejam numerosos, referem-se sempre a reduzido número de idéias inconscientes que dizem respeito ao corpo do indivíduo, as personagens da família, aos fenômenos do nascimento, da sexualidade e da morte. O símbolo, na concepção jungueana é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem das problemáticas específicas dos indivíduos.

Freud sustenta que todas as ocorrências da vida psíquica pessoal ficam indelevelmente grava das no inconsciente. Nada se apaga. Tudo se conserva e, sob circunstâncias favorecedoras, poderá voltar a surgir. E para ilustrar essa idéia, recorre a uma comparação fantasista. Imagina Roma vista num corte em profundidade, conservadas suas diversas fases: a Roma quadrata, pequena colina erguida sobre o Monte Palatino; a Roma dos Septimontium que reuniu a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Servio Tulio; a seguir, a cidade cercada pelas muralhas construídas sob ordens do imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo isso preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período. Assim seria a vida psíquica inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais.

A concepção de Jung é diversa. Desde o início ele via o inconsciente num constante trabalho de revolver conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los. Mais tarde porém, através de sua experiência clínica, chegou à conclusão que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se mantinham necessariamente iguais para sempre. Eram susceptíveis de metamorfoses. Será possível acompanhá-las através dos sonhos. nos casos individuais. Na vida social poderão ser captadas sobretudo nas transformações dos símbolos religiosos. O inconsciente sofre mudanças e produz mudanças. Influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Desde que a atividade consciente repousa sobre o lastro básico dos instintos e dos arquétipos, será utilíssimo para a saúde psíquica estabelecermos

diálogo entre consciente e inconsciente a fim de nos apropriarmos do influxo energético que emana do dinamismo das estruturas de fundamento da vida psíquica. Quando se abrem fendas demasiado largas entre consciente e inconsciente, surge a neurose, a doença da nossa época. Será, portanto, de vital importância dedicar conscienciosa atenção às imagens arquetípicas. Tais como se apresentam, elas correspondem a um modo de vida arcaico. Teremos de elaborá-las, na medida em que possamos atingi-las, e modificá-las no sentido de adaptação às necessidades de nosso tempo.

É este, resumidamente, o pensamento de Jung, expresso nos seus últimos escritos. Nota-se uma ampliação em profundidade do diálogo entre consciente e inconsciente já iniciado no seu livro de 1928 "As relações entre o Ego e o Inconsciente".

Tendo presentes esses dados, compreender-se-á porque a psicologia jungueana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções do inconsciente e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigura-se-lhe ainda mais importante descobrir e acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos do inconsciente,

Um dos últimos livros de Jung tem por título *Aion* (1950). É *Aion* o deus da religião mitraica que representa o eterno evoluir do tempo, e *eon* significa uma era, um segmento de tempo histórico. Sob este título Jung estuda as modificações da visão do mundo formada pelo homem no curso da era cristã em correlação com as transformações pelas quais vem passando o arquétipo do self (si mesmo).

Esta linha de pensamento do mestre orienta as pesquisas de Marie Louise von Franz. Em estudos de muita originalidade, ela já apresentou

dois cortes transversais, distantes um do outro quatorze séculos, desse lento processo de desenvolvimento que vem se desdobrando na profundidade do inconsciente coletivo. No seu trabalho - *Passio Perpetua* - analisa os sonhos de Santa Perpétua, mártir cristã do século I, mostrando que o cristianismo havia sido incorporado às correntes de forças ascendentes do inconsciente. Com efeito, o desenvolvimento do homem ocidental exigia, naquela fase de decadência do império romano, a repressão da vida instintiva a fim de que a consciência melhor se diferenciase. E era este, precisamente, o programa da nova religião.

Noutro ensaio - *Sonhos e visões de São Niklaus von der Flue* - Marie Louise von Franz continua a pesquisa dos processos em desenvolvimento no inconsciente coletivo. Os sonhos e visões do santo suíço do século XV evidenciam, que o obscuro labor do inconsciente havia conduzido seus conteúdos a um estágio bastante diferente da situação no tempo de Santa Perpétua. Agora, nos sonhos de São Niklaus, símbolos pagão vinham fusionar-se com símbolos cristãos. Num desses sonhos, por exemplo, Cristo se apresenta revestido numa pele de urso, tal como costumava fazer o deus germânico Wotan quando errava pelos caminhos do norte da Europa. E essa imagem desperta no santo um inefável sentimento de amor. Cristo vestindo pele de urso é um símbolo em cuja construção reúnem-se aspecto espiritual luminoso e aspecto escuro animal, formando uma totalidade.

Curioso testemunho contemporâneo dessa aproximação de opostos em elaboração, é a pintura de um rapaz pernambucano, feita em 1963 (nossa coleção particular), onde se vê a Virgem

Maria com os pés mergulhados no interior da cabeça de um gato preto. A orla do manto azul da Virgem dá o colorido aos olhos do gato e a ponta de seus pés confunde-se com os dentes do animal. Esta imagem bem pouco dogmática reúne o aspecto luz e pureza da bem-aventurada aos atributos terrestres da mulher representados pelo gato, animal que é o mais apto representante de sua sombra e que sempre esteve em conexão com as Mães Divinas pagãs.

Observe-se que nesses exemplos não se verifica mera emergência de símbolos pagãos, mas a tendência desses símbolos a fundirem-se com os símbolos cristãos, permitindo admitir-se que está em curso, no inconsciente, uma reorganização de seus conteúdos.

Uma vez obtida a diferenciação dos opostos Deus diabo, bem mal, instinto espírito, que foi psicologicamente necessária ao afinamento da sensibilidade do homem ocidental, parece que muito lentamente se está preparando, nas profundezas da psique, uma nova reaproximação entre opostos, reaproximação que se realizaria, porém, num nível mais alto que aquele de sua primitiva coexistência. Nas produções do inconsciente vão se acentuando os sinais anunciadores de que se delineia uma futura coordenação de forças onde os instintos (o animal em nós) venham a ser integrados aos valores espirituais de nossa cultura.

Leituras

O inconsciente coletivo está-presente, por assim dizer, em, toda a obra de Jung. Entretanto, no primeiro tomo do volume 9 das obras completas

(edição inglesa) OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO, estão reunidos os trabalhos fundamentais sobre o assunto. Neste livro o leitor poderá acompanhar a elaboração das idéias de Jung sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos através de diversos trabalhos, a partir de 1936. Três ensaios de caráter geral estabelecem as bases teóricas. Seguem-se outros, que se ocupam de arquétipos específicos: aspectos psicológicos do arquétipo mãe; o conceito de anima; a psicologia do arquétipo da criança; aspectos psicológicos do arquétipo da jovem divina; etc.

C. G. Jung – ESSAI D EXPLORATION DE L INCONSCIENT (primeiro capítulo do livro L HOMME ET SES SYMBOLES, editado separadamente).

O leitor que se interessar mais a fundo pelo assunto lerá com, prazer MOISÉS E A RELIGIÃO MONOTEISTA de Freud, onde encontrará, na fonte, o pensamento do autor sobre o que ele denominava "herança arcaica" (especialmente nas páginas 114 à 119, da edição castelhana, Losada, 1945).

Processo de Individuação

Todo ser. tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao corpo e quanto à psique. Mas no homem, embora o desenvolvimento de suas potencialidades seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, adquire caráter peculiar: o homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. Precisamente no confronto do inconsciente pelo consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. Essa confrontação "é o velho jogo do martelo e da bigorna : entre os dois, o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo. Isso, em termos toscos, é o que eu entendo por processo de individuação" (Jung).

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou este centro self (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do self a personalidade completa-se. O self será

o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente.

O conceito jungueano de individuação tem sido muitas vezes deturpado.

Entretanto é claro e simples na sua essência : tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil.

Pelo menos duas confusões freqüentes devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição, Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se. o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar a fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. Outro erro grave seria confundir individuação com individualismo. “Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o homem não se torna *egoísta* no sentido ordinário da palavra, mas meramente está realizando as particularidades de sua natureza, e isso é enormemente diferente de egoísmo ou individualismo" (Jung). Note-se que o trabalho no sentido da individuação toma em atenta consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo), o que desde logo permite esperar que daí resulte melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade.

Nesse trabalho, êle aprende por experiência própria que a estrutura básica de sua vida psíquica é a mesma estrutura básica da psique de todos os humanos. Um conhecimento dessa ordem decerto não fomenta sentimentos de orgulhosos privilégios individualistas. Acontece é que as relações interpessoais mudam no decurso do desenvolvimento da personalidade. Liquidam-se projeções. As relações de estreita dependência, de quase fusão com outros seres, gradualmente modificam-se para dar lugar a uma posição de "respeito pelo segredo que é cada vida humana". Talvez o individuo venha então a sentir-se algo solitário, porém estará cada vez mais longe do egoísmo individualista.

O processo de individuação é descrito em imagens nos contos de fada, mitos, no opus alquímico, nos sonhos, nas diferentes produções do inconsciente. Sobretudo através dos sonhos será possível acompanhá-lo ao vivo nos progressos, interrupções, regressões e interferências várias que perturbem seu desenvolvimento. Seguindo-o em numerosíssimos casos, Jung verificou a constante emergência de imagens análogas ou semelhantes que se sucediam, traçando, por assim dizer, o itinerário do caminho percorrido. Baseado nessas observações, Jung descreveu as principais etapas do processo de individuação.

A preliminar será o desvestimento das falsas roupagens da *persona*.

Para estabelecer contatos com o mundo exterior, para adaptar-se às exigências do meio onde vive, o homem assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu modo de ser autêntico. Apresenta-se mais como os outros esperam que ele seja ou ele desejaria ser, do que

realmente como é. A esta aparência artificial, Jung chama *persona*, designação muito adequada, pois os antigos empregavam esse nome para denominar a máscara que o ator usava segundo o papel que ia representar. O professor, o médico, o militar, por exemplo, de ordinário mantêm uma fachada de acordo com as convenções coletivas, quer no vestir, no falar ou nos gestos. Os moldes da *persona* são recortes tirados da psique coletiva.

Se, numa certa medida, a *persona* representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto do ego consciente identificar-se com ela. O indivíduo funde-se então aos seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de revestimento. Por dentro não passa de lamentável farrapo, que facilmente será estraçalhado se soprarem lufadas fortes vindas do inconsciente.

Nenhum exemplo ilustrará melhor o que seja a *persona*, que o conto de Machado de Assis – *O Espelho*.

Neste conto, Machado apresenta a teoria de que o homem tem duas almas: "uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro". (...) "Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc." E narra o caso de um jovem que, sendo nomeado alferes da guarda nacional, tanto se identificou com a patente que "o alferes eliminou o homem". Quando, por circunstâncias especiais, ele foi obrigado a ficar sozinho numa casa de campo onde não havia ninguém para prestar as louvações e marcas de respeito devidas ao alferes, sentiu-se completamente vazio.

Até sua imagem no espelho, ele via esfumada, sem contorno nítido. Este fenômeno estranho levou-o ao pânico. Desesperado, lembrou-se de vestir a farda de alferes. "O vidro reproduziu então a figura integral, nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior".

Quanto mais a *persona* aderir á pele' do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la.

Quando é retirada a máscara que o ator usa nas suas relações com o mundo, aparece uma face desconhecida.

Olhar-se em espelho, que reflita cruamente esta face, é decerto ato de coragem. Será visto nosso lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós, ou mesmo que nos assustam. É nossa sombra. Os primitivos acreditavam que a sombra projetada por seus corpos, ou sua imagem refletida n'água, fosse uma parte viva deles próprios. E, com efeito, a *sombra* (em sentido psicológico) faz parte da personalidade total. As coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnam, e por isso as reprimimos, nós as projetamos sobre o outro, seja ele o nosso vizinho, o nosso inimigo político, ou uma figura símbolo como o demônio. E assim permanecemos inconscientes de que as abrigamos dentro de nós. Lançar luz sobre os recantos escuros tem como resultado o alargamento da consciência. Já não é o outro quem está sempre errado. Descobrimos que freqüentemente "a trave" está em nosso próprio olho.

Quanto mais a *sombra* for reprimida mais se torna espessa e negra. Exemplo impressionante deste fenômeno da dinâmica psíquica encontra-se

no conto de R. Stevenson, Dr. Jekyll e Mr. Hyde, que o cinema divulgou num filme intitulado *O Médico e o Monstro*. Dr. Jekyll era um médico admirado pela sua capacidade, afável com os amigos e cheio de bondade para seus doentes. Mr. Hyde, um ser moralmente insensível, sempre pronto a cometer crimes. Os dois eram a mesma pessoa. É muito curioso que o conto de Stevenson tenha tido origem num sonho do autor e logo haja sido escrito, quase sem pausas, em três dias. Trata-se de um extraordinário documento psicológico. Jekyll descreve-se: "meu maior defeito era uma certa disposição natural para o prazer, disposição que fez a felicidade de muitos outros, mas que eu achava difícil de conciliar com o meu imperioso desejo de andar de cabeça erguida. Usava então diante do público de uma aparência mais grave que o comum". Ele se surpreendia de ver que, sob a forma de Hyde, não lhe contentavam os prazeres que Jekyll não se permitia. Hyde, como personagem autônomo, livre de seguir seus impulsos, ia muito além, revelava-se intrinsecamente mau, capaz de todas as vilezas. A sombra é uma espessa massa de componentes diversas, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrões assustadores. Mas também na sombra poderão ser discernidos traços positivos : qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares.

A *sombra* coincide com o inconsciente freudiano e com o inconsciente pessoal jungueano. Nos sonhos costuma aparecer personificada em indivíduos

do mesmo sexo do sonhador, que representam, por assim dizer, o seu avesso. É duro problema de início de análise o reconhecimento de figurantes do sonho, julgados desprezíveis pelo sonhador, como aspectos sombrios de sua própria personalidade.

Mas a *sombra* ultrapassa os limites do pessoal e alonga-se na sombra coletiva. Veremos então homens civilizados, quando reunidos em massa, portarem-se segundo padrões os mais inferiores. Caírem presas de preconceitos coletivos de discriminações raciais. Fabricarem bodes expiatórios. Tornarem-se ávidos, destrutivos, sanguinários. Os exemplos são múltiplos e infelizmente estão de tal modo presentes no mundo contemporâneo que será desnecessários citá-los.

Depois de travar conhecimento com a própria *sombra*, uma tarefa muito mais difícil se apresenta. É a confrontação da *anima*.

Todos sabem que no corpo de cada homem existe uma minoria de genes femininos que foram sobrepujados pela maioria de genes masculinos. A feminilidade inconsciente no homem, Jung denomina *anima*. "A *anima* é, presumivelmente, a representação psíquica da minoria de genes femininos presentes no corpo do homem" (Jung). Esta feminilidade inconsciente no homem, indiferenciada, inferior, manifesta-se, na vida ordinária, por despropositadas mudanças de humor e caprichos.

Vêm compor a *anima* também as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através dos milênios, "um aglomerado hereditário inconsciente de origem muito longínqua, tipo de todas as experiências da linha ancestral em relação ao ente feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher" (Jung).

A *anima* encerra os atributos fascinantes do "eterno feminino" noutras palavras, é o arquétipo do feminino.

O primeiro receptáculo da anima é a mãe, e isso faz que aos olhos do filho ela pareça dotada de algo mágico. Depois a *anima* será transferida para a estrela de cinema, a cantora de rádio e, sobretudo para a mulher com quem o homem se relacione amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade do objeto real corresponder plenamente à imagem oriunda do inconsciente. Aliás essa transferência nem sempre se processa de modo satisfatório. A retirada da imagem da *anima* de seu primeiro receptáculo constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a *anima* é transposta, sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, a esposa ou a amante, O homem esperará que a mulher amada assuma o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois.

Na primeira metade da vida a *anima* projeta-se de preferência no exterior, sobre seres reais, estando sempre presente nas problemáticas do amor, suas ilusões e desilusões. Mas, na segunda metade da existência, quando o jogo dessas projeções vai se esgotando é a mulher dentro do homem, durante anos reprimida (porque no consenso coletivo um homem nunca deve permitir que o sentimento influa na sua conduta), quem penetra na sua vida sem ser chamada. O "homem forte" estará então frequentemente amado, tornar-se-á hipersusceptível, surgirão intempestivas mudanças de humor, explosões emocionais, caprichos.

Ele perderá progressivamente o comando em sua casa.

A *anima* apresenta-se personificada, nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos, nas produções artísticas. As formas, belas ou horríveis, de que se reveste são numerosíssimas: sereia, mãe-d'água, feiticeira, fada, ninfa, animal, súcubo, deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estágios evolutivos.

Eis um exemplo de anima correspondente à etapa em que fortes componentes sexuais acham-se mesclados a elementos românticos e estéticos. Fala, em linguagem enfática, a jovem tocadora de sino pintada na parede de um túmulo pagão, lugar de refúgio do monge Pafnucio quando se debatia no seu doido amor por Thais: “Para onde pensas me fugir, insensato? Tu encontrarás a minha imagem no desabrochar das flores e no donaire das palmeiras, no vôo das pombas, nos saltos das gazelas, na fuga ondulosa dos regatos, nas dormentes claridades da lua, E, se fechares os olhos, a encontrarás em ti mesmo. (...) Conheces-me bem, Pafnucio. Por que não me reconheceste? Sou uma das inúmeras encarnações de Thais. (...) Decerto ouviste dizer que Thais viveu outrora em Esparta sob o nome de Helena. Em Tebas Hecatompila, ela teve uma outra existência, Onde vem tua surpresa? Era certo que, fosses aonde fosses, encontrarias Thais”. (THAIS - Anatole France, tradução brasileira de Sodré Viana).

Exemplo de *anima* representativa de estágio evolutivo superior, misteriosa encarnação de espiritualidade e sabedoria, é Mona Lisa. Dmitri Merejkowski, no livro O ROMANCE DE LEONARDO DA VINCI (tradução brasileira de Breno da Silveira)

teve a intuição perfeita de que Mona Lisa era a própria alma do pintor, quando pos na boca de um de seus discípulos, estas palavras: "a realidade parecia um sonho e o sonho, realidade, como se Mona Lisa não fosse uma criatura -viva, esposa de um cidadão florentino, um certo Messer Giocondo, o mais comum dos mortais, mas um ser semelhante aos espíritos e evocado pela vontade do mestre uma fada, um sósia feminino do próprio Leonardo".

Se o princípio feminino no homem (*anima*) for atentamente tomado em consideração e confrontado pelo ego, os fenômenos decorrentes de seus movimentos autônomos dissolvem-se, suas personificações desfazem-se. A anima torna-se uma função psicológica da mais alta importância. Função de relacionamento com o mundo interior, na qualidade de intermediária entre consciente e in-consciente, função de relacionamento com o mundo exterior na qualidade de sentimento conscientemente aceito.

Do mesmo modo que no corpo de todo homem existe uma minoria de genes femininos, no corpo de cada mulher acha-se presente uma minoria de genes masculinos. Jung denomina *animus* à masculinidade existente no psiquismo da mulher. Esta masculinidade é inconsciente e manifesta-se, de ordinário, como intelectualidade mal diferenciada e simplista. Daí vermos freqüentemente mulheres sustentarem afirmações a priori, opiniões convencionais, que não resistem ao exame lógico mas que nem por isso deixam de ser teimosamente defendidas com argumentos acirrados. O *animus* opõe-se à própria essência da natureza feminina que busca, antes de tudo, relacionamento afetivo. Sua

hipertrofia resultará em humor querelante, em quebra de laços de amor.

O *animus* condensa todas as experiências que a mulher vivenciou nos seus encontros com o homem no curso dos milênios. E é a partir desse imenso material inconsciente que é modelada a imagem do homem que a mulher procura. O primeiro receptáculo do animus será o pai. Transfere-se depois para o mestre, para o ator de cinema, o campeão esportivo ou o líder político. Projetado sobre o homem amado, faz dele uma imagem ideal, impossível de resistir à convivência cotidiana. Vêm as decepções inevitáveis. As relações entre o homem e a mulher ocorrem dentro do tecido fantasmagórico produzido pela *anima* e pelo *animus*. Portanto, não é para surpreender que surjam emaranhados problemas na vida dos casais.

As personificações que o animus assume nos sonhos, contos de fada, mitos e outras produções do inconsciente variam em escala larguíssima : formas animais, selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e homens requintados.

Do mesmo modo que a *anima*, o *animus* é susceptível de evoluir, de transformar-se. Vários contos de fada nos dizem de príncipes metamorfoseados em animais que por fim são redimidos pela heroína do conto, o que significa evolução e integração do princípio masculino na consciência da mulher.

As representações dos aspectos negativos do animus são particularmente abundantes. Vamos encontrar exemplo dos mais típicos na Bíblia, no livro de Tobias (cap. VI), onde é contada a história da jovem Sara que se casou sete vezes e matou os sete maridos na noite de núpcias, por

estar possuída pelo demônio Sinaiticus. Muitas histórias medievais narram também casos de mulheres que, possuídas de demônios, entregavam-se a um erotismo desenfreado e cometiam atos destrutivos.

Extraordinária figuração do *animus*, na literatura, é Heathcliff personagem de O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, romance de Emily Bronte (tradução brasileira de Rachel de Queiroz). Heathcliff encarna os atributos negativos do animus em toda a sua crueza: brutalidade, crueldade, capacidade destruidora. Mas Emily, que vivia em íntimo contacto com as imagens do inconsciente, conhecia também outras faces do *animus*. É assim que em seus poemas exalta um "anjo radiante", um "fantasma sempre presente meu escravo, meu companheiro, meu rei".

O *animus* nos seus aspectos positivos tem funções importantes a realizar. É o mediador entre inconsciente e consciente, papel desempenhado pela *anima* no homem. Se atentamente cuidado e integrado pelo consciente, traz à mulher capacidade de reflexão, de auto-conhecimento e gosto pelas coisas do espírito.

A noção da bi-sexualidade de todo ser humano, antes de ser aceita pela ciência, era já uma intuição antiqüíssima. Encontramo-la, por exemplo, no mito dos *Andróginos*, apresentado por Aristófanes no *Banquete* de Platão. Os andróginos eram seres bi-sexuados, redondos, ágeis e tão possantes que Zeus chegou a temê-los. Para reduzir-lhes a força dividiu-os em duas metades masculina e feminina. Desde então cada um procura ansiosamente sua metade. O homem e a mulher sofrem esse mesmo sentimento, expresso pelo mito, de serem incompletos quando sozinhos, pois

a natureza do homem pressupõe a mulher e a natureza da mulher pressupõe o homem.

Quando, depois de duras lutas, desfazem-se as personificações da *anima* ou do *animus* “o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o self, o núcleo mais interior da psique” (M.L. von Franz).

Surgem então, nos sonhos, as primeiras figurações desse centro profundo. Habitualmente, nos sonhos de mulheres, esse centro revela-se sob a forma de uma figura feminina superior - mulher desconhecida de quem emana autoridade e benevolência, sacerdotisa, deusa mãe ou deusa do amor. Nos sonhos de homens assume o aspecto de velho sábio, de mago, de mestre espiritual, de filósofo. Essas personificações, sejam as femininas ou as masculinas, são dotadas de grande potencial energético, causando sempre ao sonhador uma impressão duradoura de maravilhamento.

O *self* (si mesmo) não se revela apenas através de personificações humanas. Sendo uma grandeza que excede de muito a esfera do consciente, sua escala de expressões estende-se de uma parte ao infra-humano e de outra parte ao super-humano. Assim, seus símbolos podem apresentar-se sob aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses. Também sob formas abstratas. A denominação de self não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, liquidação de projeções, assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos, em suma o confronto entre consciente e inconsciente, produz um alargamento do mundo interior do qual resulta

que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua esferificação (*abrundung*). O indivíduo não estará mais fragmentado interiormente. Não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites. Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem torna-se *ele mesmo*, um ser completo, composto de consciente e inconsciente incluindo aspectos claros e escuros, masculinos e femininos, ordenados segundo o plano de base que lhe for peculiar

Expressão por excelência da totalidade psíquica é a *mandala*. *Mandala*, palavra sânscrita significa círculo, ou círculo mágico. Seu simbolismo inclui toda imagem concêntrica disposta, toda circunferência ou quadrado tendo um centro e todas as formas radiadas ou esféricas. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (*self*), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia. "A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias" (Jung).

No curso do processo de individuação, em torno deste centro e em função dele, segundo tentamos descrever, vêm organizar-se os diferentes

fatores psíquicos e mesmo os mais irreconciliáveis opostos. Cria-se uma ordem que “transforma o caos em cosmos”. Mas não uma ordem estática. Formação, transformação, constituem sua essência.

Valerá a pena o árduo trabalho da individuação? Aqueles que não se diferenciam permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e deste modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano básico inato de seu próprio ser. E é este "desacordo consigo mesmo que constitui fundamentalmente o estado neurótico". Prossegue Jung: "A libertação deste estado só sobreviverá quando se pode existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo a própria verdadeira natureza". Este sentimento será de início nebuloso e incerto mas, à medida que evolui o processo de individuação, fortalece-se e afirma-se claramente. Então o homem poderá dizer, ainda que em meio a dificuldades externas e internas, ainda reconhecendo que nenhuma carga é tão pesada quanto suportar a si mesmo: "Tal como sou assim eu ajo".

Foram as próprias experiências internas ‘ de Jung que o levaram à descoberta do processo de individuação, segundo ele narra em suas *Memórias*. Viveu-o intensamente em todas as suas fases e, paralelamente, observava que o curso de desenvolvimento da personalidade de seus analisandos seguia roteiro semelhante, sempre progredindo em direção a um centro, a um núcleo energético que se revelava existente no fundo mais íntimo da psique.

O processo de individuação é o eixo da psicologia *jungueana*.

Será discernido nos sonhos, contos de fada, mitos, no opus alquímico, em sumas mais diversas produções do inconsciente, percebendo-se em primeiro plano ora esta ora aquela etapa o processo.

Leituras

C. G. Jung - THE RELATIONS BETWEEN THE EGO AND THE UNCONSCIOUS Collected works 7. Tradução francesa sob o título: DIALECTIQUE DU MOI ET DE L'INCONSCIENT.

C. G. Jung - THE ARCHETYPES AND THE COLLECTIVE UNCONSCIOUS Collected works 9.art. I. Ver, a partir da página 275, os três trabalhos seguintes: *Conscious, unconscious and individuation; A study in the process of individuation; Concerning mandala symbolism.*

M. L. von Franz - Le processus d'individuation, em C. G. Jung – L'HOMME ET SES SYMBOLES.

O Sonho

"O sonho é uma auto representação espontânea, sob forma simbólica, da situação do inconsciente".

"O sonho é aquilo que ele é, inteiramente e unicamente aquilo que é; não é uma fachada, não é algo pré-arranjado, um disfarce qualquer, mas uma construção completamente realizada".

"O sonho é coisa viva. Não é de modo algum coisa morta que soe como papel seco machucado. É uma situação existente, é como um animal com antenas ou com numerosos cordões umbilicais". Eis algumas definições que Jung dá do sonho.

Sendo o inconsciente manifestação autêntica da natureza, o sonho, formação nativa do inconsciente, tem todas as características de um produto genuinamente natural. Exprime as coisas tal como elas são, na linguagem arcaica das imagens e dos símbolos. Não disfarça coisa alguma. "A natureza nunca é diplomática".

Para Freud "o sonho é a realização {disfarçada} de um desejo reprimido". Jung não aceita o disfarce nem admite que todos os sonhos traduzam sempre desejos. Haverá decerto sonhos

que revelem desejos secretos, mas a escala de coisas que os sonhos poderão exprimir é infinitamente mais ampla que a mera realização de aspirações não aceitas pelos códigos morais. "Os sonhos podem ser feitos de verdades inelutáveis, de sentenças filosóficas, de ilusões, de fantasias desordenadas, de recordações, projetos, antecipações, seja mesmo de visões telepáticas, de experiências íntimas irracionais, e de não sei mais o que ainda".

Segundo Jung, uma pessoa não aparece no sonho em lugar de outra, como um disfarce de outra. Os personagens que surgem no sonho, as situações representadas, referem-se de fato à realidade objetiva. Isso acontece geralmente quando as pessoas com as quais se sonha são conhecidos : íntimos ou desempenham papel atual na vida do sonhador. Mas se os figurantes do sonho são desconhecidos, ou mesmo quando conhecidos se não mantêm estreitas relações, no presente, com o sonhador, então adquirem significação peculiar: *representam fatores autônomos da própria psique do sonhador*. Assim, por exemplo, o princípio feminino existente no homem personificar-se-á, no sonho, na imagem de uma mulher jamais vista na vida real; e a sombra do sonhador tomará por empréstimo a face de um conhecido que possua as qualidades negativas que ele não quer reconhecer em si próprio. Na maioria dos casos "todas as figuras do sonho são aspectos personificados da personalidade do sonhador". E não só os personagens propriamente ditos: "o sonho é o teatro onde o sonhador é ao mesmo tempo o ator, a cena o ponto, o regente, o autor, o público e o crítico" Ocorre o que disse Schopenhauer: "no sonho cada um é o seu próprio Shakespeare".

Na prática analítica fala-se de interpretação no nível objetivo, quando o sonho se reporta a situações reais e de interpretação no nível subjetivo, desde que as imagens oníricas representem fatores psíquicos do sonhador.

A psicologia jungueana aborda o sonho de dois pontos de vista: do ponto de vista de sua *causalidade* e de sua *finalidade*. A abordagem causal parte dos elementos do sonho e, através da cadeia de associações que estes despertem vai, de elo em elo, até chegar a um complexo reprimido no inconsciente. É uma técnica redutiva que visa atingir o ponto X, raiz única de onde brotariam todos os elementos do sonho. Sem negar a importância de seguir o fio do determinismo causal do sonho, Jung diz que para descobrir os complexos mais carregados de energia, atuantes no inconsciente, não é necessário ter como ponto de partida os elementos do sonho. Uma figura qualquer de anúncio de jornal ou mesmo uma forma abstrata conduzirão inevitavelmente o sonhador a seus complexos. O sonho, prodigiosa trama onde se entrelaçam tão numerosos conteúdos psíquicos poderá dar muito mais que isso. Jung não pergunta apenas : *por que* este sonho? Pergunta principalmente: *para que* este sonho, qual a sua *finalidade*? Se uma técnica redutiva satisfará à primeira pergunta, a segunda exigirá outro método. Será necessário explorar os conteúdos oníricos em todas as direções possíveis, amplificando-os e enriquecendo-os, será necessário procurar descobrir as conexões que existam entre uns e outros, até que se configure o sentido do sonho, isto é, a expressão das forças do inconsciente no exercício de suas funções autoreguladoras (método das ampliações). Falar em finalidade do sonho provocará talvez estranheza pois o espírito científico

contemporâneo é fundamentalmente causalista. Entretanto são de um biólogo moderno as seguintes palavras: "A prevenção anti-finalista ainda reinante no espírito dos sábios contemporâneos resulta da sobrevivência, do longo domínio da física macroscópica". (...) "É análoga ao erro cometido outrora pelos físicos quando concebiam o átomo sob o modelo de um sistema planetário com trajetórias reguladas pelo jogo de equilíbrios estabelecidos passo a passo" (R. Ruyer).

Atualmente são numerosos os biólogos que põem em relevo a finalidade das atividades orgânicas sempre que elas envolvem convergência de fatores num trabalho conjunto, tais como fenômenos de regulação vital. O sonho pode á ser classificado entre as atividades deste tipo.

A produção onírica desempenha funções importantes, mesmo vitais, na economia psíquica. Neurofisiologistas modernos, na base de experiências, chegaram à conclusão de que não sonhar é mais prejudicial que não dormir (trabalhos de Kleitman e W. Dement).

Jung foi o primeiro a abrir caminho nesta direção ao descrever a função compensadora dos sonhos. No seu conceito. os sonhos funcionam principalmente como reações de defesa, como auto-reguladores de posições conscientes, demasiado unilaterais ou anti-naturais.

"Do mesmo modo .que o corpo reage de maneira adequada a um ferimento, a uma infecção ou a um tipo de vida anormal, assim também as funções psíquicas reagem, por meios de defesa apropriados, a alterações perigosamente perturbadoras. O sonho, na minha opinião. faz parte dessas reações oportunas, introduzindo na consciência, graças a uma estruturação simbólica, os materiais

constelados no inconsciente pela situação consciente.

Os sonhos situam-se como expressões importantes da dialética entre consciente e inconsciente que caracteriza a dinâmica da vida psíquica, segundo a concepção de Jung. Sempre que a atitude consciente extrema-se, seja no sentido de extroversão ou de introversão que saia fora dos ritmos peculiares ao tipo psicológico do indivíduo, ou quando uma das funções de orientação do consciente (pensamento, sentimento, sensação, intuição) torna-se demasiado hipertrofiada em detrimento das demais; sempre que o indivíduo supervaloriza ou, ao contrário, subestima a si próprio ou a outrem; sempre que necessidades específicas a cada um são negligenciadas, surgem sonhos compensadores indicando que a psique funciona como um sistema auto-regulador.

Quando, por exemplo, existem relações de estreita dependência do sonhador com sua mãe ou seu pai e tão grande supervalorização dessas figuras que o desenvolvimento de sua personalidade fica entravado, é freqüente acontecer que, nos sonhos, mãe ou pai apareçam sob aspecto exageradamente desfavorável - a mãe como uma mulher perversa, o pai ébrio, etc. O indivíduo demasiado ambicioso que, pela crispação de sua vontade consciente, pretende galgar posições para as quais não possui qualidades, terá sonhos que o depreciem, o diminuam. Estes últimos são *sonhos redutores*, modalidade dos sonhos de compensação. Vê-se, portanto, que um sonho não poderá ser corretamente interpretado sem que seja conhecida a situação consciente. Não há leis estabelecidas da compensação onírica porque o jogo dos mecanismos compensatórios é inesgotável e varia conforme cada caso.

Além da *função compensadora*, outra função importante do sonho é a *função prospectiva*. Desde logo fique claro que esta função não assegura ao sonho atributos de profecias infalíveis. Jung adverte: "seria injustificado qualificá-los de proféticos (aos sonhos prospectivos), pois, no fundo, eles são tão proféticos quanto um prognóstico médico ou meteorológico". O que acontece é que longos processos subterrâneos precedem sempre a eclosão das grandes crises. O inconsciente dispõe de dados mais abundantes que o consciente : impressões subliminares, sensações, sentimentos, pensamentos, ainda não apreendidos pelo consciente. E é da conjunção de todos esses elementos que o sonho se estrutura. Assim, não será exagero admitir que o sonho se acha muitas vezes, "do ponto de vista prognóstico, numa situação bem mais favorável que o consciente".

Os antigos sabiam que poderiam encontrar nos sonhos antecipações do futuro. O sonho de Nabucodonosor, interpretado com extraordinária agudeza por Daniel, é um belo exemplo.

Nabucodonosor, rei da Babilônia, estava em pleno fastígio de sua glória quando viu em sonho uma enorme árvore cuja copa se elevava até o céu: seus amplos ramos, carregados de frutos, abrigavam pássaros e davam sombra aos animais dos campos. Então desceu do céu um santo e disse: abatei a árvore e cortei seus ramos, sacudi a folhagem e dispersai os frutos; que os animais fujam de sua sombra e os pássaros abandonem seus ramos. Mas deixai na terra o cepo onde se prendem as raízes e amarraí-o com cadeias de ferro e de bronze por entre a erva dos campos. Que este cepo seja molhado pelo orvalho do céu e que partilhe da erva da terra com os animais. Seu coração de homem lhe será retirado e um coração de animal lhe

será dado até que sete tempos passem sobre ele. Doze meses mais tarde Nabucodonosor enlouquecia e era banido de sua cidade. Passou a comer erva com os bois, seu corpo foi molhado pelo orvalho, seus cabelos cresceram como as penas das águias e suas unhas como as garras de aves (Daniel, IV, 16-30).

No sonho de Nabucodonosor pode-se observar a função compensadora exercendo-se em relação às idéias de grandeza do rei e a função prospectiva revelando que a situação era demasiado grave para ser reequilibrada.

Não só as doenças psíquicas, mas também as doenças somáticas refletem-se nos sonhos. Scherner cita o caso de um doente com pneumonia que sonhou ver uma fornalha cheia de chamas soprada por forte ventania. O processo inflamatório é representado pelo fogo e a respiração pelo vento. Corpo e psique, sendo inextricáveis um do outro, o sonho dirá, na sua linguagem simbólica, quando a vida estiver em perigo. Jung narra o caso de uma jovem que sonhou com um cavalo que atravessava a galope o apartamento onde ela residia, num quarto andar, e lançava-se pela janela espatifando-se no solo. Este sonho, que se seguia a outros semelhantes, permitiu a Jung confirmar o diagnóstico de uma grave doença neurológica. Pouco tempo depois a jovem morria. A vida animal, corporal, representada pelo cavalo, galopava para a destruição. Também, sem que exista qualquer doença física imagens referentes ao corpo freqüentemente aparecem nos sonhos, traduzindo problemas psíquicos em termos somáticos.

Outro tipo de sonho é o *sonho reativo*. Acontecimentos traumáticos são revividos no sonho, tais como violentos choques de guerra, incêndios, inundações. Essas repetições processam-se de maneira

autônoma, sem que a compreensão do fenômeno interrompa sua continuação. O estímulo traumático repete-se até desgastar-se.

Devem ainda ser mencionados os sonhos telepáticos. A existência desses sonhos é inegável, mas as leis que os regem ainda não foram descobertas no presente estado de nossos conhecimentos. Poderão ser colocados entre os fenômenos *sincronicidade*, termo pelo qual Jung designa coincidência significativa ou a equivalência de estado psíquico e de um estado físico ou um acontecimento que não têm relações causais entre si.

Vistos noutra perspectiva, os sonhos serão cognominados de *grandes* e de *pequenos* sonhos. Os grandes sonhos são aqueles carregados de significações profundas, seja de caráter individual ou coletivo, sonhos que perturbam, infundem medo ou exaltam. Os sonhos que dizem respeito a problemas ordinários da vida cotidiana são os pequenos sonhos.

Jung encontrou esta classificação de *grandes* e *pequenos* sonhos entre primitivos da África oriental. Eles acreditam que só os chefes e os feiticeiros gozem do privilégio dos grandes sonhos nos quais recebem inspiração para decidir dos destinos da tribo. Mas, se acontece que um indivíduo qualquer tenha um sonho impressionante, ele deve pedir que a tribo se reúna para narrá-lo diante de todos. Charles Baudelaire, o poeta francês, separa os sonhos de maneira equivalente: "Os sonhos do homem são de duas classes. Uns, cheios dos problemas de sua vida ordinária, de suas preocupações, de seus desejos, de seus vícios, combinam-se de modo mais ou menos bizarro com os objetos entrevistados durante o dia e que se fixaram indiscretamente sobre a vasta tela de sua memória. Eis o sonho natural; este sonho é o próprio homem.

Mas a outra espécie de sonho! o sonho absurdo. imprevisto. Sem relação nem conexão com O caráter, a vida e as paixões do sonhador! este sonho, que eu denominarei hieroglífico, representa evidentemente o lado sobrenatural da vida”. Baudelaire decerto refere-se aos *grandes sonhos*, àqueles que são feitos de imagens originadas nas camadas mais profundas da psique, tão distantes do ego consciente que, apesar de serem natureza genuína, transmitem impressão de tanta estranheza que lhes cabe a denominação de sobrenaturais.

Exemplo de um grande sonho. Poucos antes da segunda guerra mundial, uma estudante alemã de 17 anos, que não aderira ao nacional socialismo, está no cárcere, condenada a morte. Um medo terrível invadiu-a. Na véspera de ser executada, sonha: ela caminha para a morte com uma criança nos braços, Perto do muro de execução está uma outra jovem a cujos braços ela passa a criança. Ao despertar, o medo se havia dissipado completamente e a estudante morreu com honra. O sonho mostrou à jovem que ela participava de um fluir infinito, sem fim nem princípio, de algo muito maior que sua vida individual.

A entrada do sonho para o campo da ciência foi um acontecimento decisivo, uma abertura de novos caminhos. Coube a Freud este feito, e, pode dizer-se que todas as ciências do homem foram influenciadas pelo seu livro - A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS - aparecido em 1900. Daí por diante ficava demonstrado que a vida psíquica do homem não se passa apenas no plano consciente. Subterraneamente, forças insuspeitadas debatem-se e influem sobre seu comportamento. E os sonhos são manifestações dessas forças

obscuras em ação. Não se trata de produções insignificantes e absurdas. Encerram sentidos. É possível decifrar sua linguagem.

Nas suas pesquisas, Freud encontrou que "a maioria dos símbolos oníricos são símbolos sexuais". Entretanto ele próprio comenta: "Contrariamente às imagens oníricas, que são muito variadas, as interpretações dos símbolos são extraordinariamente monótonas. Este fato decepciona todos que o constatarem, mas não está em nossas mãos remediá-lo" (Introdução à Psicanálise - Os sonhos, F).

Na perspectiva jungueana a linguagem do sonho é muito mais complexa e jamais monótona. Seus elementos não se deixam reduzir a uma significação única; são ricos de múltiplos sentidos, de numerosas valências.

No sonho viaja-se da periferia ao centro da psique. Dos acontecimentos individuais pertencentes ao domínio do inconsciente pessoal, ao reino das imagens arquetípicas, patrimônio comum a todos os homens.

"O sonho, diz Jung, é uma porta estreita dissimulada nos recantos mais obscuros e mais íntimos da psique, aberta sobre essa noite original cósmica que já era psiquismo muito antes da existência da consciência do eu e o estende muito para além do que a consciência individual jamais terá atingido. Pois a consciência do eu é dispersa. Ela distingue fatos isolados, procedendo por separação, extração e diferenciação e só é percebido aquilo que pode entrar em relação com o eu. A consciência do eu, mesmo quando toca de leve as nebulosas mais longínquas é feita de enclaves bem delimitados. A consciência específica. Pelo sonho, ao contrário, penetremos no mais profundo, no mais verdadeiro, mais geral, mais duradouro

do ser humano, que mergulha ainda no claro - escuro da noite original, onde formava um todo e onde o todo estava nele, no seio da natureza indiferenciada e impersonificada. É dessas profundezas, onde o universal se unifica, que nasce o sonho mesmo quando reveste as aparências mais pueris, mais grotescas, mais imorais.

A interpretação de um sonho isolado diz quase sempre muito pouco. Convém estudar os sonhos em séries. Segundo Jung, os sonhos “são provavelmente elos visíveis de uma cadeia de acontecimentos inconscientes”. Só uma série de sonhos poderá dar idéia dos processos aí em curso, de avanços, recuos, transformações, integrações. Um sonho único será uma palavra, ou talvez uma frase, de um texto desconhecido. Será insuficiente para a decifração do texto inteiro. Belo exemplo de estudo de uma série de sonhos encontra-se no livro de Jung, PSICOLOGIA E ALQUIMIA. São 81 sonhos de um cientista contemporâneo que têm por tema o simbolismo da totalidade psíquica, interpretados em ordem cronológica.

Os sonhos constituem os melhores índices de informação das etapas que o sonhador esteja percorrendo no caminho da individuação. Assim, estar atento aos sonhos é tarefa da maior seriedade para todo aquele que aspira conhecer-se a si mesmo e fazer desse conhecimento a base para o desenvolvimento de sua personalidade.

Exemplo de sonho revelador de um momento importante na evolução da personalidade de uma mulher.

A sonhadora vai andando pela rua, tendo a direita um gato branco e à esquerda um gato preto

Dados alguns passos adiante, precisamente na porta de uma carvoaria, o gato branco transforma-se em linda criança que diz à sonhadora : "Vamos à igreja!" A sonhadora emociona-se e pensa consigo mesma : nunca me ocupei da educação religiosa desse gato, ele não estudou catecismo nem fez a primeira comunhão e eis que me pede para ir à igreja, O gato preto não sofre nenhuma metamorfose, mas agora a sonhadora carrega-o no braço esquerdo, envolvido numa toalha branca. Logo se acham os três em pequena e escura capela onde não há altares nem imagens. Vê-se apenas um cão que dorme estendido no solo. De súbito a criança transforma-se numa jovem de olhos claros luminosos, vestida de branco. Ela se inclina para o cão e acaricia-o. A sonhadora passa o braço direito em torno dos ombros da jovem com um sentimento de intensa ternura e lhe diz: afastemo-nos, 'porque se o gato preto acorda e vê o cão, vai assustar-se e fugir. A jovem concorda com um movimento de cabeça, sorrindo.

Neste sonho, o gato preto representa forças instintivas obscuras submersas no inconsciente (lado esquerdo), enquanto o gato branco, pela sua cor e por sua subsequente metamorfose, representa forças instintivas que tendem a aproximar-se da consciência (lado direito) trazendo-lhe sua significação simbólica. O processo prossegue, com a transformação do gato branco em criança, símbolo que exprime as potencialidades de desenvolvimento do *self* e que se afirma claramente por suas exigências religiosas ("vamos à igreja"). O fato do símbolo do *self* assumir forma humana significa, segundo Jung, que pelo menos parcialmente o centro ordenador da vida psíquica está se aproximando da consciência e, ainda mais, dando

à sonhadora a ordem de conduzi-lo à igreja, toma papel diretor deixando ao ego o papel executor. Convém notar que a transformação do animal em criança ocorre na porta de uma carvoaria, local usado como depósito do produto da queima da madeira, que outra coisa não é senão carbono quase puro. O carvão tem, portanto, estreita conexão química com o diamante, que é carbono puro cristalizado e um dos mais universais símbolos do *self*.

A sonhadora, isto é, a personalidade consciente, surpreende-se que, “sem ter estudado catecismo”, o gato, agora criança, deseje ir à igreja, ou seja que aspirações religiosas manifestem-se como impulso espontâneo. Chegados à capela, a criança metamorfoseia-se numa jovem. Isso indica que o processo psicológico está desenvolvendo-se aceleradamente: o gato branco transformou-se em criança e logo as possibilidades nela encerradas desabotoaram na imagem da jovem desconhecida. Originando-se de metamorfoses sucessivas, a jovem apresenta-se como um ser mítico, e suas características a aproximam da jovem divina, da Koré mitológica, apta representação da personalidade superior, do *self* quando se trata da mulher (seu equivalente no homem é figurado pelo velho sábio).

A experiência analítica demonstra que a imagem da jovem divina surge freqüentemente ao lado da figura da mãe divina, esta última quase sempre sob seu aspecto tenebroso. Neste sonho, a origem da jovem divina que encarna o aspecto luminoso do *self* é, muito coerentemente o gato branco. A contraparte escura, porém, não se apresenta sob. Forma humana. Acha-se ainda amalgamada na base instintiva apresentando-se sob a

imagem do gato preto que não sofre nenhuma metamorfose. Acresce que o gato preto dorme nos braços da sonhadora. Também dorme o cão, animal de Hécate, deusa mãe no seu aspecto noturno e sinistro. Isto parece significar que forças instintivas opostas do mundo feminino subterrâneo ainda não atingiram condições de se defrontarem. Vendo o cão, o gato preto poderá mesmo assustar-se e fugir, isto é, escapar autônomo ao controle da personalidade consciente. A jovem divina embora tenha acariciado o cão, contacto que o poderia ter despertado, aceita que se afastem, pois não chegou ainda o momento do encontro de opostos extremos, próprio das etapas ulteriores do processo de individuação. Este processo parece estar desdobrando-se, na sonhadora, em níveis bastante desiguais : terno encontro com a jovem divina de uma parte, e de outra, animais etônicos que dormem profundamente. A última cena, passando-se numa capela, sublinha o caráter religioso dos fenômenos em curso. Entretanto, a capela, embora cristã, aparece sem seus altares e sem suas imagens. O lugar é cristão, mas a divindade presente veste a forma pagã da Koré.

Não seria suficiente assinalar neste sonho a presença de elementos pagãos e interpretá-los como sobrevivências de um mundo mais antigo, espécie de achados arqueológicos. A análise das produções do inconsciente, pelo método jungueano, trouxe a revelação de que os elementos arcaicos não só permanecem vivos e atuantes, mas que estão envolvidos num contínuo processo de elaboração através do tempo. Assim, não interpretaremos a presença da Koré e dos animais dentro da igreja cristã como meros vestígios do paganismo inscritos nos estratos profundos da psique. Vemos nesses símbolos e na maneira como eles se

dispõem no cenário do sonho a expressão do esforço instintivo do inconsciente para reaproximar valores que se haviam separado demais. Infelizmente para a sonhadora este esforço acha-se longe de sua meta. Por isso mesmo trata-se de um sonho bastante representativo da situação psíquica da mulher contemporânea ainda em caminho para a completção e integração de sua personalidade.

Leituras.

C. G. Jung - O HOMEM À DESCOBERTA
DA SUA ALMA - Grande parte deste livro é dedicado ao estudo do sonho (da
pág. 287 à pág,502).

C. G. Jung - L HOMME ET SES SYMBOLES.

S. Freud - LA INTERPRETACION DE LOS SUEÑOS.

R. de Becker - LES MACHINATIONS DE LA NUIT - livro de leitura acessível,
que reúne vasta documentação sobre o sonho.

Contos de Fada

Os contos de fada, do mesmo modo que os sonhos, são representações de acontecimentos psíquicos. Mas, enquanto os sonhos apresentam-se sobrecarregados de fatores de natureza pessoal, os contos de fada encenam os dramas da alma com materiais pertencentes em comum a todos os homens. Eles nos revelam esses dramas na sua rude ossatura, despojados dos múltiplos acessórios individuais que entram na composição dos sonhos.

Os contos de fada têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos. Pertencem ao mundo arquetípico. Por isto seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos contos de países os mais distantes, em épocas as mais diferentes, com um mínimo de variações. Este é o motivo porque os contos de fada interessam à psicologia analítica.

Pesquisadores modernos decifraram contos, velhos de 4000 anos, gravados pelos babilônios, hititas, cananeus, e mesmo alguns afirmam haver encontrado vestígios de certos temas, ainda hoje preservados em estórias, que remontam a 25000 anos antes de Cristo.

Os homens sempre gostaram de histórias maravilhosas. Não só as crianças, mas também os adultos. É salutar ouvir a narração de contos de fada e ler velhos mitos. "Mitos e contos de fada, diz Jung, dão expressão a processos inconscientes e sua narração provoca a revitalização desses processos, restabelecendo assim a conexão entre consciente e inconsciente".

Não se trata de acreditar nos feitos heróicos e nos encantamentos que as histórias descrevem. Essas coisas não são verdades objetivas mas, sim, são verdades subjetivas narradas na linguagem dos símbolos. Histórias e mitos não passarão através do crivo das exigências racionais, evidentemente. Contudo isso não impede que atinjam outras faixas para além do consciente. Obscuramente o homem pressentirá que ali se espelham acontecimentos em desdobramento no seu próprio e mais profundo íntimo. São essas ressonâncias que fazem o eterno fascínio dos contos de fada.

Vejamos um exemplo de interpretação de conto de fada.

A .Bela Adormecida Resumo

Era uma vez um rei e uma rainha que sempre se lamentavam por não terem filhos. Certo dia, quando a rainha estava tomando banho, uma rã saltou de dentro d'água e lhe disse: Vosso maior desejo será satisfeito. Daqui a menos de um ano V. M. terá uma filha.

Aconteceu segundo a rã anunciou. Uma menina lindíssima nasceu. Grandes comemorações foram organizadas, inclusive um banquete para o qual o rei convidou seus parentes, cortesãos e doze fadas. Mas naquela região habitavam treze fadas e ele dispunha apenas de uma dúzia de pratos de ouro. Por isso uma das fadas não foi convidada.

Depois do banquete, as fadas, uma a uma, ofereceram dons à princesinha: beleza, bondade, riqueza, etc. Apenas a 11ª fada havia ofertado sua dádiva, a 13ª (a que não fora convidada) entrou no castelo furiosa e disse em alta voz: "no dia em que completar 15 anos a princesa picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá". Todos ficaram aterrorizados. A 12ª fada, porém, não havia feito ainda o seu dom. Ela não tinha poder para anular o voto da fada má; a única coisa que lhe seria possível era atenuá-lo. Disse então: "Ao picar o dedo no fuso, a princesa não morrerá, mas cairá num sono profundo que durará cem anos". O rei ordenou que todas as rocas com seus fusos, fossem queimados. Precaução inútil.

No dia em que completava 15 anos, percorrendo o castelo, a princesa notou, pela primeira vez, uma estreita escada em caracol que conduzia a uma torre aparentemente inabitada. Subiu e viu-se diante de uma mulher muito velha que fiava. Que faz a senhora? perguntou a princesa, Estou fiando, respondeu a velha. Que coisa mais engraçada, disse a jovem, nunca vi isto. E tomando o fuso nas mãos, tentou fiar. No primeiro movimento que fez, picou o dedo. Instantaneamente adormeceu, Sono profundo estendeu-se ao mesmo tempo sobre todos os habitantes do castelo: rei, rainha, cortesãos e pajens, servos, animais e até o fogo da lareira. Então uma alta e espessa sebe

de espinhos rapidamente ergueu-se, cercando o castelo e ocultando-o.

Muito se falava da bela princesa adormecida naquele estranho bosque. Príncipes e cavalheiros cada ano ali tentaram penetrar, mas os espinhos os detinham como se fossem mãos e, enredados no seu entrançado, eles pereciam.

Exatamente cem anos depois um príncipe, ouvindo contar aquelas coisas, decidiu atravessar a sebe de espinhos apesar de todos os conselhos contrários. Apenas o príncipe aproximou-se da sebe, os espinhos abriram-lhe caminho para de novo fecharam-se após sua passagem. O príncipe foi andando e vendo cavalos, cães, pombos, servos, cortesãos, o rei e a rainha, mergulhados em sono profundo. Por fim chegou à torre onde estava a princesa. Achou-a linda e beijou-a. Ela acordou sorrindo. Desceram juntos e todos os seres adormecidos despertaram simultaneamente. O rei e a rainha, cortesãos, pajens, criados, bichos, o fogo da lareira. A bela princesa e o príncipe casaram-se e foram, muito felizes.

O rei e a rainha não tinham filhos e entristeciam-se por não deixarem sucessores ao trono. Mas eis que uma rã anuncia à rainha o acontecimento que trará nova vida àquele reino estagnado: Nascerá uma princesa, diz o pequeno animal.

É freqüente que um período de esterilidade preceda o nascimento dos heróis, tal como aridez e depressão costumam anteceder fases de intensa atividade do inconsciente. Muitos artistas criadores já descreveram este fenômeno.

A rã é um animal que tem múltiplas conexões com a fertilidade. O coaxar das rãs anuncia a primavera, a exuberância da natureza, o desejo sexual, tanto assim que esses animais, nos tempos

antigos, eram usados como amuletos para provocar amor e fecundidade. No nosso conto, agindo na água do banho, porá mesmo ser subentendida como o órgão masculino que fecundada a rainha.

A rã, diz Jung, entre os animais de sangue frio é aquele que pelo aspecto de seu corpo maior semelhança apresenta com a forma humana. Dai exprimir, no simbolismo dos sonhos, impulsos do inconsciente possuidores de forte carga energética que tendem a tornarem-se conscientes. Assim, do fundo do inconsciente, algo importante vem à luz. Nasce a heroína do conto.

Uma fada deixa de ser convidada para o banquete comemorativo do feliz acontecimento. Este é um motivo recorrente em muitos contos. Se os deuses e deusas, se as fadas, representam conteúdos do inconsciente coletivo e, se um deles foi esquecido ou, por causas diferentes, não foi tomado em consideração, isso significa que surgirão desarmonias e perturbações dentro do sistema psíquico. Todo o sistema sofre em seu conjunto quando um de seus núcleos vitais é desatendido. A fada omitida surge de repente e transtorna a festa, lançando sobre a princesa terrível maldição. Ressentida, ferida em seus sentimentos, na sua vaidade e talvez também no seu desejo de ser aceita e amada, a fada encoleriza-se violentamente. A pequena princesa morreria aos 15 anos. Seria de fato uma tremenda vingança. Morta a princesa, apenas púbere, ela regrediria ao mundo subterrâneo, ao mundo das grandes matriarcas. Não poderia ocorrer seu encontro com o homem e aquele reino estagnado em breve estaria extinto. Mau humor, cólera, decorrentes de decepções sentimentais, são freqüentes nas mulheres

(Tudo quanto a mulher ressentida pode arquitetar como vingança foi modernamente focalizado pelo dramaturgo F. Durrematt nas peças *A Visita da Velha Senhora* e *Os Físicos*). Outra fada atenua a maldição, transformando a morte em sono. Sono e Morte - Hypnos e Thanatos - eram venerados como deuses irmãos. O sono é uma morte transitória e a morte é o sono eterno. Na interpretação do conto, a morte seria a completa repressão do conteúdo do inconsciente representado pela princesa, enquanto o sono durante um século indica que um longo período de repressão decorreria ainda antes que este conteúdo possa atingir a consciência. Que aspecto da natureza feminina tem sido mais reprimido na nossa civilização cristã. Sem dúvida o da sexualidade. Muito mais que sobre o homem, pesam sobre a mulher as sanções que obrigam a repressão do instinto sexual. Note-se que a heroína do conto adormece na data em que completa 15 anos, marco na vida de toda jovem indicativo de que ela se u apta para a procriação.

No dia de seu aniversário a princesa descobre a velha fiandeira cuja existência havia sido esquecida (tal como a 13ª fada com quem se identifica), motivo porque sua roca não fora destruída segundo as ordens do rei. E apenas segura o fuso, fere o dedo. O ato de fiar está estreitamente vinculado à feminilidade. É atributo das deusas mães que tecem a trama da vida, o destino, que sem cessar agrupam e organizam os elementos da natureza. O fuso, pela sua forma, tem características fálicas evidentes. Está sempre associado à roca como parte indispensável da atividade feminina de tecer novas vidas, tecer "os tecidos" do corpo (Neumann).

Iniciar-se na arte de fiar significaria simbolicamente iniciar-se na vida sexual. A velha feiticeira instruiria a princesa. Mas esta iniciação desencadeia o castigo. O conto reflete, portanto, uma condição coletiva onde não só são negados à mulher direitos elementares em relação à sua vida instintiva, porém mesmo revela conexões entre a sexualidade feminina, o mal e o castigo, bem características da civilização patriarcal e cristã. Esta situação coletiva causa estagnação no desenvolvimento da psique da mulher e produz reações agressivas forjadas pela sua componente masculina, reações que no conto se exprimem pela sebe de espinhos.

Cem anos mais tarde, chega o príncipe e diante dele os espinhos abrem caminho. Não é necessário sustentar luta contra quaisquer obstáculos. Daí a cem anos, num futuro distante, a situação coletiva refletida pelo conto mudará.

Do ponto de vista da psicologia masculina o conto nos revela que o príncipe, decidindo-se a ir em busca da bela adormecida, apesar dos conselhos contrários, rompe os laços familiares que o prendiam. Chegou o tempo de libertar a cativa, a mulher desconhecida, do sono em que a Mãe Terrível a mantinha prisioneira. Assim fazendo ele está libertando sua própria contra-parte feminina, o complemento de sua personalidade. Unindo-se à mulher que ele libertou, o herói cumpre o requisito necessário para completar sua personalidade e estabelecer seu próprio reino. (Na interpretação deste conto, baseamo-nos principalmente em notas de conferências da dra. M. L. von Franz, feitas no Instituto C. G. Jung em Zurique). Dra. M. L. von Franz depois de estudar durante vários anos os contos de fada das mais distantes proveniências, chegou à conclusão de que todos esses

contos descrevem o mesmo tema, sob múltiplas variações; o mesmo acontecimento fundamental, isto é, a busca da totalidade psíquica. Os diferentes contos dão ênfase maior ou menor às diversas etapas desse processo em constante desdobramento.

Leituras.

M.L. von Franz - ARCHETYPAL PATTERNS IN FAIRY TALES.

E. Neumann - AMOR AND PSYCHE a commentary on the tale by Apuleius.

J.I. Henderson *La belle et la bête*, em C. G. Jung L'HOMME ET SES

SYMBOLES.

Luiz da Câmara Cascudo - CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL.

LITERATURA POPULAR EM VERSO (seleção de Cavalcanti Proença).

Mitos

Que significação poderá ter para o homem da era atômica a narração dos feitos de deuses nos quais ele não crê, ou das aventuras de heróis que os atuais astronautas ultrapassaram? Nenhuma, aparentemente. Entretanto os mitos continuam a fascinar. Os estudos e as pesquisas recentes no campo da mitologia multiplicam-se, conduzidos não só por psicólogos, mas igualmente por antropólogos e sociólogos. Mesmo livros de qualidade duvidosa, pseudocientíficos e romanceados, desde que tratem de mitos, encontram sempre público ávido. Este interesse crescente por temas que se desenvolvem num plano tão distante da realidade pragmática de nossos dias dará alguma indicação sobre a psicologia do homem ocidental moderno? Será talvez um fenômeno de compensação ao extremado racionalismo de nossa época? O leitor poderia deter-se aqui, um instante, considerando estas perguntas.

A mais antiga das interpretações da mitologia é o evhemerismo (Evhemero, filósofo grego do IV século antes de Cristo). Os mitos seriam a transposição de acontecimentos históricos e de seus personagens para a categoria divina. Ainda no século XIX houve mitólogos que continuaram

sustentando que a mitologia grega era a história de épocas remotas, elaborada pelos sacerdotes, com a intenção deliberada de transformar heróis humanos em deuses.

Outra maneira de interpretar os mitos foi entendê-los como alegorias de fenômenos da natureza que o homem esforçava-se para compreender. É a teoria naturalista, Originária também da antiguidade grega, esta teoria foi defendida até começos do século XX e talvez conte ainda hoje partidários.

A abordagem do mito pelos especialistas modernos é muito diversa. Estes não os consideram narrações históricas reelaboradas fantasiosamente, nem tão pouco tentativas para explicar fenômenos da natureza. Os mitólogos modernos vêem no mito a expressão de formas de vida, de estruturas de existência ou seja de modelos que permitem ao homem inserir-se na realidade. São modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas. Os mitos, nas sociedades primitivas, escreve Malinowski, "são a expressão de uma realidade original mais poderosa e mais importante através da qual a vida presente, o destino e os trabalhos da humanidade são governados".

A interpretação que Jung faz dos mitos acrescenta aos conceitos dos especialistas modernos dimensões mais profundas. Segundo Jung "os mitos são principalmente fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psique". Resultam da tendência incoercível do inconsciente para projetar as ocorrências internas, que se desdobram invisivelmente no seu íntimo, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens. Assim, "não basta ao primitivo ver o nascer e o por do sol; esta observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento psíquico: o sol no seu

curso representará o destino de um deus ou herói que, em última análise, habita na alma do homem”.

Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os humanos. Por isso temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos. A partir desses materiais básicos é que sacerdotes e poetas elaboram os mitos, dando-lhes roupagens diferentes, segundo as épocas e as culturas.

Tomemos para exemplo o mito do dragão baleia. Em suas numerosíssimas versões este mito segue um curso constante. Na primeira etapa o herói, respondendo ao apelo da aventura, desvincula-se dos laços da família e das rotinas fáceis da vida cotidiana. Enfrenta perigos terríveis. Acaba sendo devorado por uma baleia monstruosa, o que significa mergulhar no inconsciente, no mundo ardente dos desejos, das emoções, dos instintos, onde coexistem toda sorte de escórias junto a valores preciosos. Ai dentro ele faz "a travessia marítima noturna". A saída do herói através da goela da baleia simboliza sua libertação das trevas da inconsciência. Ele conseguiu escapar do redemoinho dos desejos e das emoções. Poderá tomar alguma distância dos tumultuosos acontecimentos que antes o arrastavam como a um autômato. Pensa, raciocina. renasce num nível superior de consciência. O mito encarna o ideal de todo ser humano : a conquista da própria individualidade.

Entretanto, diz Jung, a eficácia do feito heróico tem breve duração. Os sofrimentos do herói renovam-se incessantemente pois, se de uma parte o atrai a conquista de níveis de consciência

mais altos, de outra parte também o fascina a volta ao inconsciente que tem as seduções do abraço materno. Ele sofre, dividido por forças opostas. A luta pela vitória da consciência é o eterno combate de todo homem.

Em muitas versões deste mito, principalmente nas mais antigas, o homem que encarna o herói apresenta-se dotado de audácia e valentia extraordinárias, mas noutras versões ele é uma pessoa comum. Não aspira realizar façanhas invulgares. E quando o apelo faz-se sentir, resiste, como sucedeu no caso de Jonas. Ir pregar em Nive, a esplendorosa e devassa capital da Assíria, conforme lhe ordenava a Grande Voz? Jamais ousaria tanto. Fugiu para Tharsis numa tentativa de escapar de si mesmo.

Mas a tempestade se levanta, Jonas é lançado ao mar, engolido pela baleia e três dias e três noites depois é depositado pelo animal exatamente nas proximidades de Nive. Jonas não conseguiu desertar.

Outros lançam-se à aventura, porém uma vez engolidos pelo dragão-baleia não conseguem sair de seu ventre. São destroçados ou perdem-se nos labirintos escuros das entranhas do monstro (esquizofrenia).

O regresso é sempre difícil e freqüentemente só se processa com ajudas imprevistas (fio de Ariana para Teseu, assistência de Minerva para Jasão, socorro de Jeová para Jonas).

A volta do herói, ou daquele que foi levado, por circunstâncias diversas, a viver o papel do herói, é sempre um triunfo. Símbolos solares (pássaros) freqüentemente dão ênfase ao acontecimento indicando por sua presença que a saída do herói do ventre do monstro equivale ao nascer: do sol, isto é, equivale a nascer de novo.

Os temas míticos não são encontrados somente nas mitologias dos povos antigos ou entre grupos humanos primitivos. Não mitos de contexto coordenado e elaborado, mas componentes típicos de autos continuam emergindo do inconsciente, cada noite, nos sonhos de homens, mulheres e crianças contemporâneos. Surgem reativados pelas condições atuais do sonhador que despertam ressonâncias de experiências semelhantes já vividas pela espécie humana. Outras produções do inconsciente, tais como visões, alucinações, delírios, trazem sempre de permeio componentes míticos. A constatação repetida dessas ocorrências, sem que conhecimentos anteriores os pudessem explicar, levou Jung a admitir que devem estar presentes na profundidade do inconsciente os moldes básicos para a formação dos mitos (arquétipos).

No curso da análise psicológica muitas vezes surgem sonhos e fantasias figurando personagens e situações míticas que são adequadas representações da condição psíquica atual do sonhador e mesmo de suas perspectivas futuras.

Por exemplo, não é raro que o mito do herói, citado acima, apresente-se sob aspectos vários e que típicos perigos míticos (encontro com monstros. Viagens marítimas tempestuosas, etc.) sejam vivenciados em sonhos. A epifania interior do herói, assinala Jung, tem conseqüências na vida real. É acompanhada de fenômenos de inflação: o indivíduo passa a julgar-se dotado de altas qualidades, sente-se superior aos demais; ou então a impossibilidade de satisfazer pretensões excessivas demonstra ao indivíduo a própria inferioridade e ele assume o papel de sofredor heróico. Estes são fatos de observação corrente. Se, através do trabalho analítico, os processos inconscientes

chegarem a ser confrontados e o ego despojar-se da identificação com a imagem arquetípica do herói, "abre-se a possibilidade para a síntese de elementos de conhecimento e de ação do consciente e do inconsciente. Isso por sua vez conduz ao deslocamento do centro da personalidade do ego para o self" (Jung).

Sem a ajuda da mitologia, nunca serão entendidos grande parte dos delírios e alucinações dos psicóticos. Inutilmente procuraremos encontrar a origem de todas as idéias fantásticas dos loucos em suas experiências individuais. Muita coisa escapará inevitavelmente às buscas nesta direção pois, nas psicoses, a inundação do campo da consciência pelo inconsciente traz de roldão conteúdos oriundos de suas camadas mais profundas, de seus fundamentos estruturais, conteúdos que são precisamente os materiais básicos dos mitos.

Do ponto de vista da psicologia analítica, portanto, o estudo da mitologia não será diletantismo de eruditos. Fará parte indispensável do equipamento de trabalho de todo psicoterapeuta.

Leituras

C. G. Jung - SYMBOLS OF TRANSFORMATION, col. works 5. Neste livro, a análise de um caso fronteiro de esquizofrenia dá ao autor oportunidade para ir buscar na mitologia e na história das religiões ampla colheita de paralelos simbólicos. O mito do herói é particularmente estudado.

C.G. Jung and C. Kerényi – INTRODUCTION TO A SCIENCE OF MYTHOLOGY – Encontram-se neste livro generalidades sobre os mitos e a apresentação dos temas míticos da *Criança Divina* e da *Jovem Divina* por C. Kerényi. Os correspondentes comentários psicológicos são de C. G. Jung.

J. Campbell - THE HERO WITH A THOUSAND FACES - O autor estuda o mito do herói em suas múltiplas variantes. Há tradução espanhola: EL HEROI DE LAS MIL CARAS.

Alquimia

O interesse da psicologia junguiana pela alquimia provoca habitualmente ainda maior estranheza que o interesse pelos contos de fada e pela mitologia. Alquimia? Por que? Se a alquimia é um amontoado de incongruências, de fórmulas mágicas rebarbativas, com efeito não se entende que em plena segunda metade do século XX possa despertar a atenção de cientistas, salvo talvez na perspectiva histórica de uma espécie de pré química. A noção vulgar que se tem do alquimista é a de um indivíduo extravagante e ambicioso, obcecado pela idéia impossível de transmutar o cobre ou o mercúrio em ouro. As descobertas da física moderna obrigaram a uma revisão deste julgamento. Passou-se a admirar a profunda intuição dos alquimistas quanto às possibilidades de transmutação da matéria. Max Planck, um dos grandes da física moderna, escreve: "Atualmente, depois da descoberta da radioatividade artificial, não nos parece mais absolutamente impossível a invenção de um processo que afaste um próton do núcleo do átomo de mercúrio e um elétron de sua cinta, o que transmutaria o átomo de mercúrio em átomo de ouro; no estado atual da ciência o problema dos alquimistas cessa, pois, de ser um falso

problema". Não nos move, porém, o objetivo de reabilitação dos alquimistas no terreno da física. O que interessa à psicologia é o conteúdo simbólico do "trabalho alquímico", (opus alchymicum).

Foram os místicos (referimo-nos aos indivíduos atentos às experiências religiosas internas) os primeiros a discernir, sob a linguagem bizarra e mesmo propositalmente obscura dos alquimistas, significações profundas. Evelyn Underhill, no seu livro *Misticismo*, distingue três diferentes expressões da inquietação do homem na busca de Deus. Uma, encontra sua representação no peregrino que parte em procura da terra da bem-aventurança; outra, no amante ansioso por unir-se ao Supremo Amor; enquanto aqueles que escolhem o terceiro caminho aspiram, antes de tudo, transformarem-se, purificarem-se interiormente. De todos os sistemas que descrevem simbolicamente o terceiro caminho, diz Evelyn Underhill, "nenhum é tão completo, tão vivo e colorido e tão pouco compreendido quanto a dos filósofos Herméticos ou Alquimistas Espirituais". Os místicos, sempre entenderam que o verdadeiro laboratório alquímico era o próprio homem. O *homem natural* era comparável aos metais vis. A meta seria transformá-lo no novo *homem*, que corresponderia ao ouro, o metal puro por excelência. Os psicólogos, obviamente, nunca concederam atenção à versão que os místicos davam da alquimia, nem tão pouco cogitaram de encontrar outra interpretação que melhor satisfizesse ao espírito científico.

Quem primeiro se aventurou, sozinho, por este obscuro território, com o propósito de sondagens psicológicas, foi Herbert Silberer, psicanalista do grupo que se reuniu em torno de Freud e morto ainda muito jovem.

Coube a Jung trazer para a psicologia a rica colheita encerrada nos símbolos da alquimia. Como sempre ocorreu nas suas descobertas, o ponto de partida foi a observação empírica. Uma cliente sonhou com uma águia que voava muito alto e de repente, voltando a cabeça para trás, comia as próprias asas, descendo a seguir sobre a terra. Decerto este sonho continha dados suficientes para ser interpretado por Jung, mas o motivo da águia comendo as asas, deixou-lhe persistente impressão. Por acaso, tempos depois, viu uma série de gravuras referentes à alquimia e de súbito defrontou-se com a representação de uma águia que comia as próprias asas. A coincidência impressionante estimulou o espírito de pesquisa de Jung. Daí por diante passou a examinar curiosamente livros de Alquimia, mas logo desanimava ante as dificuldades de entender aquela linguagem abstrusa até que, por fim, decidiu-se a aplicar aos textos alquímicos os métodos que a filologia emprega para a decifração das línguas desconhecidas. "Esta foi uma tarefa que me absorveu por mais de uma década", diz Jung, nas suas *Memórias*.

Os textos herméticos tornavam-se agora legíveis. Naqueles empoeirados volumes, Jung verificou, surpreendido, que o "grande trabalho" descrito pelos alquimistas correspondia exatamente ao processo de individuação que ele desvendara na profundidade do inconsciente. *Opus* alquímico e processo de individuação eram "fenômenos gêmeos". Os trâmites de ambos ajustavam-se passo a passo. Na busca da *pedra filosofal*, a primeira etapa do trabalho alquímico é o *nigredo*, quando a matéria está no estado de *massa confusa*. O *nigredo* corresponde ao encontro com a *sombra*, em sentido psicológico. Seguem-se complicados procedimentos de lavagem, solução, separação de

elementos, etc., a parte mais árdua de seu trabalho segundo os alquimistas. A seguir é atingida a segunda etapa, denominada *albedo*.

Aqui a lua rege os fenômenos. Em termos psicológicos o adepto estaria na condição do encontro com o princípio feminino (anima). Aquecimento intenso muda o *albedo* em *rubedo*. O sol surge. O vermelho e o branco são o Rei e a Rainha que celebram suas núpcias nesta terceira etapa. Unem-se os opostos, os princípios masculino e feminino internos. Assim é obtida a *pedra*, cuja unidade resulta da fusão dos opostos extremos. O alquimista teria realizado a totalização psíquica, ou seja, a individuação. A *pedra* é homóloga do *self* (si mesmo).

Como poder-se-ia explicar essa inesperada coincidência entre o "grande trabalho" alquímico e o processo de ordenação e totalização psíquica?

A hipótese de Jung é que o alquimista projetava sobre os materiais manipulados acontecimentos em curso no seu inconsciente. Essas projeções se afiguravam ao alquimista propriedades da matéria, mas de fato, no seu laboratório, o que ele experienciava era o próprio inconsciente.

A ocorrência de projeções psíquicas sobre a matéria nas experiências científicas é um fenômeno geralmente aceito. O filósofo Gaston Bachelard (1884-1962) aborda-a do ângulo da epistemologia. Face à experiência inicial, ainda não trabalhada pela crítica, diz Bachelard, "aquilo que se apresenta de imediato está em nós mesmos, são nossas surdas paixões, nossos desejos inconscientes". Bachelard relembra suas observações quando professor de química: "Ensinando química, pude constatar que na reação do ácido e da base, a quase totalidade dos alunos atribuía o papel ativo ao ácido e o papel passivo à base.

Escavando um pouco no inconsciente, não se tarda em perceber que a base é feminina e o ácido masculino". E fenômenos equivalentes, embora mais complexos, afirma ele, continuam acontecendo. A epistemologia de Bachelard é dedicada em larga parte ao estudo das múltiplas influências psicológicas que interferem e perturbam o ato de conhecer.

A física moderna reconhece o problema das projeções psíquicas na investigação científica. Jean Charon, autor da *Teoria Unitária do Universo*, diz mesmo que o ideal de separar inteiramente observador e coisa observada é inacessível.

No caso dos alquimistas, eles desconhecem por completo a constituição da matéria, não há dados objetivos-que os retenham. Por isso, tanto mais facilmente a matéria tornou-se, na expressão de Jung, espelho da psique do investigador. E, o que é ainda interessante para o psicólogo, a projeção de conteúdos do inconsciente vem, na alquimia, acompanhada de especulações teóricas que equivalem a amplos desenvolvimentos associativos.

Desde que os símbolos alquímicos originam-se no inconsciente, serão reencontrados nos sonhos e imaginações dos homens de todas as épocas.

.Na primeira parte do livro *Psicologia e Alquimia*, Jung estudou o simbolismo de sonhos individuais em relação com a alquimia. Na segunda parte do mesmo livro, através de vasta documentação, assinala na alquimia uma corrente subterrânea oposta ao cristianismo, dominante na periferia. A decifração dos textos alquímicos revela, na opinião de Jung, a existência de movimentos do inconsciente no sentido de aproximar opostos extremos: o mundo matriarcal ctônico e o mundo patriarcal, a matéria e o espírito. O cristianismo

polarizava-se em direção ao espírito. O alquimista intenta redimir a matéria. Cristo havia salvo o homem isto é o Microcosmo mas não o Macrocosmo. O alquimista trabalhava para ampliar a obra de Cristo, libertando a "alma do mundo" (anima mundi) que estaria aprisionada na matéria. Debruçando-se compassivamente sobre a matéria, o alquimista estava inconscientemente procurando compensar o unilateralismo da posição cristã.

Leituras.

C. G. Jung - PSYCHOLOGY AND ALCHEMY, collected works 12. Obra fundamental. De acesso um pouco difícil, mas o esforço empregado para estudá-la é largamente compensado pelos conhecimentos que serão adquiridos e pelas novas perspectivas que se abrirão diante do leitor. O primeiro capítulo - *Introdução aos problemas religiosos e psicológicos da alquimia* - é um dos mais belos escritos de Jung. Segue-se a interpretação do simbolismo dos sonhos de um cientista contemporâneo em relação com a alquimia. Na última parte do livro é feita supervisão dos conceitos básicos da alquimia e focalizada a natureza psíquica do trabalho alquímico.

Mircea Eliade - FORGERONS ET ALCHEMISTES. Livro de leitura acessível sobre a alquimia, como técnica pré-científica e mística.

Religião Como Função Psíquica

Do ponto de vista de Jung a religiosidade é uma função natural, inerente à psique. Fenômeno universal, a religião é encontrada desde os tempos mais remotos em cada tribo, em cada povo. Dir-se-ia mesmo que a religião é um instinto.

A divergência entre Jung e Freud, neste assunto, é absoluta. Para Jung a religião apresenta-se como um fenômeno genuíno; para Freud é um derivado do complexo paterno e uma das sublimações possíveis do instinto sexual.

Jung toma atitude positiva em relação às religiões. Todas são válidas na medida em que recolhem e conservam as imagens simbólicas oriundas das profundezas do inconsciente e as elaboram em seus dogmas, promovendo assim conexões com as estruturas básicas da vida psíquica. Essas conexões são de tanta importância que Jung, fundamentado no seu trabalho de psicoterapeuta, chegou à seguinte conclusão: "Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu

em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto, está claro, não depende absolutamente de adesão a um credo particular ou de tornar-se membro de uma igreja”.

Jung usa a palavra religião no sentido de *religio* (*re e ligare*), tornar a ligar. Religar o consciente com certos poderosos fatores do inconsciente a fim de que sejam tomados em atenta consideração. Estes fatores caracterizam-se por suas fortíssimas cargas energéticas e intenso dinamismo. Aqueles que os defrontam falam de uma emoção impossível de ser descrita, de um sentimento de mistério que faz estremecer (*mysterium tremendum*). Para designar esta vivência R. Otto criou o termo: *numinoso*, experiência *do numinoso*, expressões que Jung adotou.

Todas as religiões originam-se basicamente de encontros. com esses fatores dinâmicos do inconsciente, seja em sonhos, visões ou êxtases. Esses fatores apresentam-se encarnados em imagens dos mais diversos aspectos: deuses, demônios, espíritos.

Jung reconhece “todos os deuses possíveis e imagináveis, sob a condição única de que sejam ou tenham sido atuantes no psiquismo do homem”.

Não importa que “todas as afirmações religiosas sejam impossibilidades físicas”. O psicólogo que estuda os fenômenos religiosos terá, preliminarmente, de desembaraçar-se “do estranho preconceito que somente considera verdadeiro aquilo que se apresenta ou se apresentou na forma de um dado físico.” ...“o critério de uma verdade não é apenas seu caráter físico: há também verdades psíquicas que, do ponto de vista físico, não podem ser explicadas ou demonstradas, nem tão pouco recusadas” (Jung).

Como toda função, a religiosidade é susceptível de ser desenvolvida, cultivada e aprofundada, e poderá também ser negligenciada, deturpada ou reprimida.

Toda função busca sempre maneiras de expressão, encontra a todo preço canais para dar escoamento a sua carga energética. Assim é que, em lugar das imagens divinas antigas, outros objetos passaram a ser reverenciados.

William James fez a observação pertinente de que os cientistas, embora concedessem importância primordial aos fatos objetivos não haviam por isso perdido o sentimento religioso. "Essa importância é em si mesma quase religiosa, Nosso temperamento científico é devoto".

O século XX conhece grandes ídolos: raça, sexo, estado, partido, dinheiro, máquina...

A partir de Léger a máquina tornou-se um objeto fascinante para pintores e desenhistas. O automóvel, sem dúvida, é um ídolo. "Basta visitar o salão anual do automóvel para reconhecer ali uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. O culto do veículo sagrado tem seus fieis e seus iniciados" (A. Greeley). No seu famoso relatório de 1956, N. Krouchtcev escreveu que o culto da personalidade faz "de tal ou qual dirigente um herói, um taumaturgo". As procissões conduzindo enormes cartazes com retratos de dirigentes políticos, o culto dos mortos, as mais pomposas cerimônias fúnebres jamais vistas constituem, nos estados ateus, impressionantes manifestações da função religiosa.

Uma série de deuses e deusas vem desfilando ante nossos olhos. Primeiro as estrelas de cinema. "Essas estrelas são quase deuses e deusas e a mais perfeita dentre elas, Greta Garbo, recebeu a denominação de divina. Encarnam grandes arquétipos

elementares: a paixão do amor (Valentino, Garbo), o apelo fatal do sexo (as vamps, os belos tenebrosos), a virgindade da eterna jovem divina (Mary Pickford)", escreve o diretor de pesquisas do CNRS, Edgar Morin. Outros Olímpicos são os grandes do football, os Beatles, os cantores de rádio. Eles levam ao delírio imensas multidões. A carta de um fã ao ídolo francês da canção Johnny Halliday resume tudo: "Tu és um deus, tu és um demônio, tu és aquele que nós esperávamos!".

Uma das mais importantes manifestações da função religiosa no mundo moderno parece-nos ser o crescente consumo do LSD. O estudo do assunto permite admitir que aqueles que recorrem ao LSD o façam mais na tentativa de descobrir novas dimensões na realidade do que de simplesmente fugir ao cotidiano. Os relatórios de experiências com o LSD estão cheios de descrições de vivências muito semelhantes às aquelas experimentadas em estados místicos. E o homem moderno parece faminto dessas experiências.

A linguagem das religiões é feita de símbolos. E esses símbolos, ao longo dos tempos, sem dúvida têm atuado profundamente sobre a vida dos homens. Merecem a atenção do psicólogo. Jung interessou-se pelos símbolos de todas as religiões da humanidade, tanto do ocidente quanto do oriente. Mas ocupou-se especialmente dos símbolos cristãos, pois quer aceitemos ou não o cristianismo como religião, a verdade é que há dois mil anos vivemos mergulhados na "civilização cristã".

Em 1948 Jung publicou um longo estudo sobre o símbolo da Trindade. Referindo-se àqueles que não admitem que os símbolos cristãos sejam

analisados psicologicamente, ele pergunta "se não seria muito mais perigoso que os símbolos cristãos. se tornassem inacessíveis à reflexão, sendo banidos para uma esfera de sacrossanta ininteligibilidade. Facilmente eles se afastariam tanto de nós que sua irracionalidade se transformaria em ab-surda insensatez. A fé é um, carisma não concedido a todos, mas o homem possui o dom do pensamento que lhe permite lutar em busca das coisas mais altas”.

Seu ponto de partida é a consideração de que a Trindade, símbolo central do cristianismo, certamente encerra significação psicológica viva. Do contrário já teria sido relegado ao esquecimento como um anacronismo.

A concepção trinitária da divindade não é peculiar ao cristianismo. Jung mostra que paralelos pré-cristãos podem ser encontrados na Babilônia, no Egito, na Grécia, indicando que a trinitariedade é um arquétipo que tem evoluído no curso dos séculos.

O desenvolvimento da imagem de Deus de Uma para Três Pessoas, dentro do cristianismo, é importante segundo Jung para a compreensão do homem ocidental. Este desenvolvimento corresponde a três etapas evolutivas da psique.

O criador, e Pai, representa essencialmente a unidade original. Deus, o mundo e o homem formam um todo, intocado por qualquer reflexão crítica. É o mundo do homem no seu estado infantil.

Pouco a pouco tornam-se perceptíveis à consciência do homem as contradições, o bem e o mal, dentro do mundo do Pai. A criação apresenta-se, aos olhos do homem, imperfeita. Surge então o Filho, o salvador, para redimir o mundo do mal. A coroação da obra do Filho é a revelação ao homem

do segredo do Espírito Santo atividade viva comum ao Pai e ao Filho. O Espírito Santo permanecerá junto aos discípulos e os iluminará. Deus chega para bem perto do homem. A revelação deste terceiro elemento restaura o Um sem desfazer a Trindade.

“A Trindade é indubitavelmente uma forma mais alta do conceito de Deus que a mera unidade, pois corresponde a um nível de reflexão superior da consciência do homem” (Jung).

Fatores em atividade num dado momento do desenvolvimento da psique foram configurados segundo um molde típico o arquétipo trinitário.

Entretanto a exploração em profundidade do inconsciente ensina que os símbolos ternários são símbolos incompletos. A totalidade exprime-se em símbolos quaternários.

O que falta para completar a Trindade?

As Três Pessoas Divinas são perfeitas. O mal está excluído do conceito cristão de Deus que é, por definição, o *summum bonum*; também está excluído deste conceito o princípio feminino, pois a Trindade tem caráter exclusivamente masculino. (Jung desenvolve longas considerações sobre este tema não só no estudo referente à Trindade, mas também no livro AION e em RESPOSTA A JOB).

O inconsciente não permanece estático. Aspiração crescente no seio da igreja católica, em 1950, foi promulgado o dogma da Assunção de Maria. Segundo Jung este acontecimento significa satisfação a exigências do arquétipo da quaternidade, muito embora o dogma não implique que a Virgem haja atingido o status de deusa.

Observe-se que enquanto as Três Pessoas Divinas são espíritos, são seres imponderáveis, a Virgem é freqüentemente associada à terra, ao

corporal. Santo Agostinho toma a terra como sim bolo da Virgem ("A verdade surgiu da terra porque Deus nasceu da Virgem"). E nas ladainhas Ela é invocada com as qualificações de hortus conclusos e de jardim fechado. Note-se ao mesmo tempo que, no cristianismo, a idéia do mal acha-se estreitamente correlacionada à matéria (terra) e à mulher. Na *matéria prima* dos filósofos da natureza medievais está presente uma qualidade venenosa que representa o princípio do mal.

No nível consciente o cristianismo venera na Virgem, a imaculada, a luz puríssima. Ela não tem sombra. Entretanto quem examinar a iconografia mariana ficará surpreso de encontrar tantas Virgens negras e tão devotamente honradas. A padroeira do Brasil N. S. Aparecida, é uma Virgem negra. Poder-se-á argumentar que no Brasil é muito grande a representação da raça negra. Mas o mesmo não se poderá dizer da Suíça onde a bela basílica barroca de Einsiedeln é dedicada a uma Nossa Senhora negra. A Polônia tem sua virgem negra. Nossa Senhora de Smolensk (Rússia) é negra. Na cripta da catedral de Chartres, distante poucos quilômetros de Paris, é venerada Notre Dame du Pilier, negra. E o mesmo acontece em muitas cidades da França: Marseille (abadia Saint Victor), Le Puy (catedral Notre Dame), Chermont Ferrand (igreja Notre Dame du Port), Vichy (igreja Saint Blaise), Moulins (catedral, triptico), Mauriac (igreja Notre Dame des Miracles), Rocamadour (capela da Virgem). É como se o inconsciente projetasse sobre essas imagens cor de terra o aspecto telúrico da Virgem ou seja a sombra do princípio feminino.

Cabe aqui sugerir ao leitor que reflita um momento sobre a crescente devoção à lemanjá no

Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, primeiro centro cultural do país. Iemanjá é uma divindade: de origem africana; deusa - mãe boa, generosa, mas também capaz de violentas paixões, terrivelmente ciumenta e às vezes até cruel. Seus devotos identificam-na a N. S. da Conceição. De fato, porém, seus atributos coincidem menos com os de Maria que com as características da sombra da mulher ausentes na Virgem. Poder-se-ia propor uma hipótese para estudo: o culto brasileiro de Iemanjá não seria um mero fenômeno de regressão como se afigura a primeira vista. Talvez exprima o anseio de forças do inconsciente para integrar na Imaculada atributos da divindade ioruba, plasmando uma imagem feminina mais completa.

Não será decerto por acaso que a obra do pensador católico Teilhard de Chardin, portador de idéias referentes à matéria absolutamente novas para o cristianismo, só tenha podido ser publicada a partir de 1955: "A Matéria puramente inerte, a Matéria totalmente bruta não existe". Deslumbrado, discerne na intimidade da matéria uma consciência elementar em atividade. Usa sempre do M maiúsculo para nomear a matéria e canta-lhe hinos. "Louvada sejas, áspera Matéria,... perigosa Matéria,... poderosa Matéria,... universal Matéria", etc. "Eu te saúdo Meio divino, carregado de Poderes Criadores, Oceano agitado pelo Espírito, Argila plasmada e animada pelo Verbo encarnado".

Se conseguirmos perceber, mesmo obscuramente, os movimentos das forças inconscientes em nosso tempo poderemos vislumbrar que suas correntes ascendentes trazem para o alto a matéria

a mulher, pressionando o consciente que durante tantos séculos depreciou-as e rejeitou-as.

Vimos (capítulo VI) que o self é definido como o arquétipo da totalidade e fonte de energia. A energia que emana do self é tão forte que o encontro com esse arquétipo constitui a experiência mais intensa e mais profunda que o homem pode vivenciar. A essa experiência, carregada de qualidades a um tempo terríveis e fascinantes, o homem chamou Deus. Os sentimentos que a acompanham variam desde o terror às alegrias da bem-aventurança, segundo o depoimento daqueles que a viveram.

Quando Deus se manifestou sobre o Sinai "o aspecto da glória de Jeová era, aos olhos dos filhos de Israel, como um fogo devorador no alto da montanha" (Êxodo XXIV, 17). E o apóstolo de Cristo, São Paulo, escreve na epístola aos hebreus: "É terrível cair nas mãos do Deus vivo (X, 31) e mais adiante, "pois nosso Deus é também um fogo devorador" (XII, 29). O Memorial da noite de êxtase de Pascal (23 de novembro de 1654) tem o título: *Fogo*. O escritor não utiliza seus dons de expressão. O documento consta de curtas frases concentradas e de palavras repetidas como para ganharem reforço: "Certeza. Certeza"... "alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria".

Depois de conviver longamente com Vichnou, sob o aspecto humano de mestre e amigo, Arjuna diz: "eu desejaria ver tua forma e teu corpo divino. Se pensas que o posso ver', oh Senhor, oh Mestre do Yoga,. então, mostra-me teu Ser imperecível." Vichnou atendeu a Arjuna, apresentou-se na sua forma divina. "É tal a luz deste

corpo de Deus que parece que milhões de sóis levantaram-se ao mesmo tempo no céu.... Arjuna O vê, Deus magnífico e belo e terrível... e, de deslumbramento e de alegria e de medo, ele se prosterna e adora, mãos juntas, com palavras de terror sagrado, a visão formidável". (Bhagavad Ghita, cap. XI).

A mitologia grega narra que a princesa Semele, amada por Zeus, faz que ele prometa satisfazer-lhe um desejo. Semele pede ao divino amante para revelar-se no seu aspecto olímpico. Mas, quando Zeus se manifesta, a imprudente Semele é fulminada pelo fulgor do Deus. Mesmo presenças que apenas prenunciam o divino, produzem efeitos de alta intensidade, Assim é que o poeta Rilke exclama: "Quem, se eu gritasse, me ouviria na hierarquia dos anjos"? E, supondo que um deles de súbito me tomasse de encontro ao coração, eu sucumbiria, morto por sua existência mais forte".

A experiência imediata do arquétipo da divindade representa um impacto tão violento que o ego corre o perigo de desintegrar-se. Como meios de defesa face a esses *poderes*, a essas *existências mais fortes*, o homem criou os rituais. Poucos são aqueles capazes de agüentar impunemente a *experiência* do *numinoso*. As cerimônias religiosas coletivas originam-se de necessidades de proteção, funcionam como anteparos entre o divino e o humano, isto é, entre o arquétipo da *imagem de Deus*, presente no inconsciente coletivo, e o ego.

A psicologia junguiana põe em relevo a presença, no âmago da psique, do arquétipo de Deus ("indistinguível do arquétipo do self"), sem pretender

jamais afirmar nem negar a existência de Deus como ser em si mesmo. Foi o arquétipo da divindade que respondeu à mensagem do Cristo: "o Rabbi Jesus concreto rapidamente foi assimilado pelo arquétipo constelado". Com efeito Cristo, no ocidente, pela sua superioridade espiritual e grandeza heróica, é a analogia mais próxima das significações do self, embora Jung frise insistentemente que lhe falta para ser completo, o lado sombrio, isto é, "a metade escura da totalidade humana". Na nossa cultura é Cristo quem exemplifica o arquétipo do self. do mesmo modo que é o Buda quem o exemplifica para os budistas.

Quando Jung fala de religião não está nunca se referindo a qualquer credo ou a qualquer igreja em particular. O que o interessa é a atitude religiosa como função psíquica natural, é a experiência religiosa na qualidade de processo psíquico. No seu trabalho de analista verificou as múltiplas manifestações do fenômeno religioso e sua importância dentro do funcionamento da psique.

Somente depois da publicação póstuma das MEMÓRIAS é que ficamos conhecendo a posição religiosa pessoal de Jung. Na sua obra científica, como vimos, ele se refere ao arquétipo de Deus na psique, à imagem de Deus, mas nunca fez afirmações ou negações concernentes à existência de Deus. Mas, através das páginas das MEMÓRIAS Jung revela-se como um homem para quem Deus era "uma experiência imediata das mais certas".

No capítulo *Anos de Colégio*, lemos: "Como cheguei a minha certeza sobre Deus? Apesar de todas as coisas que me haviam dito referentes ao

assunto, no fundo, eu não podia crer em nada. Nada me havia convencido. Não era portanto daí que vinha minha convicção. E, aliás, não se tratava de uma idéia, de algo que fosse fruto de minhas reflexões, nada que fosse imaginado. Não era como se a pessoa imaginasse e representasse um objeto para depois crer. Por exemplo, a história do Senhor Jesus sempre me pareceu suspeita e nunca acreditei seriamente nela. Entretanto me fora sugerida com muito mais insistência do que "Deus", que somente era evocado num plano distante. Por que Deus era para mim uma evidência? Por que certos filósofos pretendiam que Deus fosse uma idéia, uma espécie de suposição arbitrária que pudesse ser "inventada" ou não, quando é perfeitamente evidente que Ele existe, tão evidente quanto um tijolo que caia sobre a cabeça de uma pessoa? De súbito tornou-se claro que, pelo menos para mim, Deus era uma experiência imediata das mais certas."

Numa entrevista famosa concedida à BBC de Londres dois dias antes de completar 80 anos, Jung declarou: "Não necessito crer em Deus: eu sei (I know)." Estas palavras desencadearam tão grande celeuma que Jung publicou uma carta esclarecendo-as. Não pretendeu dizer: "Conheço um certo Deus (Zeus, Jeová, Allah, o Deus Trinitário, etc), mas: sei com segurança que me confronto com um fator desconhecido em si, ao qual chamo Deus". E algumas linhas abaixo: "Desde que experimento minha colisão com um poder superior dentro de meu próprio sistema psíquico, eu tenho conhecimento de Deus".

Só em face desses documentos tardios é que se pode entender plenamente porque Jung fez gravar em pedra, no alto da porta de sua casa de Küsnacht, as palavras do oráculo de Delfos, respondendo aos lacedemônios quando estes pretendiam partir em guerra contra os atenienses: INVOCADO OU NÃO INVOCADO DEUS ESTARÁ PRESENTE.

Leituras.

C. G. Jung - PSYCHOLOGY AND RELIGION: WEST AND EAST. col. works 11. O volume contém o trabalho *Psicologia e Religião*, publicado isoladamente em várias línguas, inclusive em português; duas extensas monografias, uma sobre o *Dogma da Trindade* e outra denominada *O Simbolismo de Transformação na Missa*. Inclui ainda o ensaio *Resposta a Job*, estudos sobre livros religiosos orientais (*Livro Tibetano da Grande Libertação*, *Livro Tibetano dos Mortos*) ; Um ensaio sobre *A Psicologia da Meditação Oriental*; prefácios para o *I Ching* e para livros de Suzuki e de Zimmer.

C. G. - PSYCHOLOGY AND ALCHEMY, Col.works 12. Ler o primeiro capítulo: *Introduction to the religious and psychological problems of alchemy*.

Freud - EL PORVENIR DE UNA ILUSION.

William James THE VARIETIES OF RELIGIOUS EXPERIENCE. Primeiro trabalho de abordagem do fenômeno religioso do ponto de vista psicológico.

A Obra de Arte e o Artista

A psicologia analítica não pretende nunca opinar sobre o valor estético das obras de arte nem explicar o fenômeno arte. Estas áreas pertencem aos críticos de arte. Seus pronunciamentos limitam-se a pesquisas concernentes aos processos da atividade criadora e ao estudo psicológico da estrutura da produção artística. Sua contribuição maior será a decifração das imagens simbólicas que tomam forma na obra de arte, trazendo luz sobre as significações que encerram e que excedem as possibilidades comuns de compreensão da época em que adquiriram vida.

Na perspectiva da análise psicológica, Jung distingue dois processos diferentes na criação de obras literárias : o processo psicológico e o visionário.

a) As obras resultantes da primeira maneira de criar são compreendidas por seus leitores sem maiores dificuldades. Os temas em que se baseiam nos são conhecidos as paixões, os sofrimentos do homem, seus feitos, as tragédias de seu destino. Pertencem a este tipo o romance de amor, o romance social, a poesia lírica, a poesia épica, comédias e tragédias. Poderemos acompanhar cheios de emoção as peripécias que se desenvolvem

nessas obras, mas nunca elas nos comunicam sentimentos de estranheza. O romancista ou o poeta toma seus temas nas experiências vividas no curso da vida humana e, elevando-os ao plano da expressão artística, universaliza-os. Através dessas obras o leitor ganha a possibilidade de penetrar mais profundamente na alma humana, de tomar consciência de sentimentos e tendências obscuras que aí se movem. Os estudos psicológicos dessas obras nunca trazem contribuições importantes. O artista já esgotou seu tema e decerto melhor do que o faria o psicólogo. Seria muito vantajoso que o estudante trocasse vários de seus manuais de psicologia, por exemplo, pela *Busca do Tempo Perdido* de Proust.

No caso da obra psicológica, diz Jung, "o autor submete seu assunto a um tratamento cuja orientação foi intencionalmente determinada; ele acrescenta coisas ou subtrai coisas; sublinha este efeito, atenua aquele, põe aqui uma cor, ali outra, pensado com o maior cuidado os resultados possíveis, observando constantemente as leis da beleza de formas e o estilo. O autor utiliza neste trabalho seu mais agudo raciocínio e escolhe sua expressão com a mais completa liberdade. A matéria que ele trata está submetida a sua intenção artística; ele quer representar isto e não qualquer outra coisa".

- c) As obras de arte visionárias causam perturbadora impressão de estranheza. Não são as vicissitudes por que passam seres conhecidos que aqui nos inquietam. O que ocorre é que esses seres se nos apresentam misteriosos e existem numa atmosfera ainda mais misteriosa. Nas obras de arte deste tipo: "A experiência vivida ou o

objeto que constituem, o tema da elaboração artística nada têm que nos seja familiar. Sua essência nos é estranha e parece provir de distantes planos da natureza, das profundezas de outras eras ou de mundos de sombra ou de luz existentes para além do humano. Este tema é uma experiência primordial que excede a compreensão e face à qual o homem sente-se petrificado pela sua singularidade e sua frieza ou, ao contrário pelo seu aspecto significativo e solene que parecem, tanto num quanto no outro caso, surgir do fundo das idades".

O artista não domina o ímpeto da inspiração que dele se apodera. Obedece e executa, "sentindo que sua obra é maior que ele e, por este motivo, possui uma força que lhe é impossível comandar".

Numerosos graus existem entre esses dois tipos de obras de arte. Muitas vezes idéias oriundas de planos profundos do inconsciente insinuam-se despercebidas em meio às coisas cotidianas, trazendo de súbito a um poema ou a uma página de romance um toque singular de vibração. E também o artista sentir-se-á ativo ou passivo em graus diferentes quanto ao modo como se realiza em si próprio processo criador.

Muitos artistas têm dado o depoimento da maneira como experienciam o processo criador. Picasso diz : "Quando eu começo uma pintura, há alguém que trabalha comigo. No fim, tenho a impressão que estive trabalhando sozinho, sem colaborador".

Na literatura brasileira vamos encontrar excelentes exemplos de obras psicológicas nos romances e contos de Machado de Assis.

“Que abismo que há entre o espírito e o coração!”

O espírito de Rubião afastou assustado o pensamento de que fora uma felicidade a mana Piedade não ter casado com Quincas Borba, "o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria". Agora ele, Rubião, seria o herdeiro.

Bentinho em meio à angústia pela doença da mãe vê passar, como um relâmpago, a idéia : "mamãe defunta, acaba o seminário”.

Machado de Assis mostra ao leitor que no coração humano surgem certos sentimentos que nem sempre são aceitáveis às claridades da consciência. Para apanhar em flagrante esses sentimentos ele não escolhe sujeitos particularmente perversos. É no professor mineiro, tipo do bom homem, é em Bentinho, menino ingênuo, que ele surpreende os movimentos dos desejos egoístas. O mesmo decerto ocorrerá a todos os humanos.

Capitu é estudada desde menina no olhar oblíquo, nos gestos, no comportamento dissimulado e sinuoso, com a minúcia que teria um zoologista diante de um animal fadado a cumprir leis inescapáveis, inerentes a sua natureza.

No conto *A Mulher de Preto*, publicado em 1870, Machado mostra saber que o indivíduo, possuído por um sentimento, poderá trair-se, trocando involuntariamente uma palavra por outra. Foi o que aconteceu ao jovem Estêvam, apaixonado pela esposa do deputado Menezes, numa conversa em roda de políticos.

"Estêvam embebera-se tanto nesta contemplação ideal, que, acontecendo perguntar-lhe um deputado se não achava a situação negra e carrancuda, Estêvam entregue ao seu pensamento respondeu:

- É lindíssima.

- Ah! disse o deputado, vejo que o senhor é ministérialista.

Estêvam Sorriu mas Menezes franziu o sobrolho. Compreendera tudo”.

O livro de Freud, *Psicopatologia da Vida da Cotidiana*, onde são estudados os lapsos, foi publicado em 1904. Que resta ao psicólogo fazer, ainda hoje, em relação à obra de Machado de Assis senão admirar o autor?

O poeta Jorge de Lima, na primeira fase de sua produção poética, fala-nos de coisas conhecidas que o leitor prontamente apreende. A forma será o soneto, o alexandrino, ou mesmo o verso livre, o pensamento, porém, é de tipo discursivo. A linguagem que o exprime é rigorosamente sintática.

O poeta recorre a alegorias e a metáforas.

O acendedor de lampiões ilumina a cidade, mas "talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua / Crenças, religiões, amor, felicidade, / Como este acendedor de lampiões da rua!"

Depois que adotou o verso livre, a poesia despojou-se de procedimentos retóricos, tornou-se íntima. Os temas preferidos são cenas da infância do poeta e motivos regionais. A poesia é sempre de alta qualidade. Emocionará o leitor, às vezes o fará sorrir, nunca, porém, lhe causará a impressão de algo estranho ao mundo onde moramos.

Total transformação marca a segunda fase da poesia de Jorge Lima. O poeta parece ter vivido intensas experiências internas. Agora a atmosfera de seus versos é misteriosa, obscura. O leitor sente-se perplexo diante da *Anunciação e Encontro de Mira - Celi*. Seu hábito racionalista

teima em perguntar : quem é Mira - Celi? E o poeta:

"Ora pareces marcha nupcial, és, no espanto, elegia Ora és sacerdotisa, musa, louca, pastora ou apenas ave.

Mira - Celi é múltipla e esquiva como toda imagem surgida das profundas regiões do inconsciente.

No *Livro de Sonetos* e, muito mais ainda, em *Invenção de Orfeu*, o mundo do poeta é um mundo de imagens arquetípicas. Essas imagens não se deixam aprisionar dentro do sistema do pensamento lógico, por isso a linguagem que busca exprimi-las prescinde muitas vezes de arranjos sintáticos. E as palavras, em seus sons próprios, proclamam-se independentes, valem por si mesmas. Os críticos falam em poesia "hermética".

"Era um cavalo todo feito em chamas / alastrado de insânias esbraseadas; / pelas tardes sem tempo ele surgia / e lia a mesma página que eu lia.

Depois lambia os signos e assoprava / a luz intermitente, destronada, / então a escuridão cobria o rei / Nabucodonosor que eu rессonei / Bem se sabia que ele não sabia / a lembrança do sonho subsistido / e transformado em musas sublevadas.

Bem se sabia: a noite que o cobria / era a insânia do rei já transformado / no cavalo de fogo que o seguia." (*Invenção de Orfeu*).

Para receber esta poesia, o leitor terá de renunciar aos conceitos e deixar-se penetrar pelos símbolos.

No que diz respeito às artes plásticas, o crítico contemporâneo Herbert Kühn propõe classificação paralela à de Jung concernente às obras

literárias. Herbert Kühn distingue a arte dos sentidos e a arte da imaginação. A arte dos sentidos inspira-se na natureza exterior, no mundo que nos atinge através dos sentidos. A arte da imaginação exprime fantasias, experiências internas do artista, que as apresenta de maneira irrealista, onírica e abstrata.

Do ponto de vista junguiano a psicologia pessoal do artista poderá esclarecer certas características de sua obra, mas não a explicará. A problemática individual, diz Jung, tem tanta relação com a obra de arte quanto o solo com a planta que aí germina. Certas particularidades da planta serão evidentemente melhor compreendidas se conhecermos as condições específicas de seu habitat, entretanto ninguém pretende que esses dados sejam suficientes para o conhecimento da planta naquilo que há nela de essencial. "A planta não é apenas um produto do terreno. É também um processo fechado, vivo e criador cuja essência nada tem a ver com a natureza do terreno." Jung compara igualmente a obra de arte à criança que se desenvolve no seio materno.

Os conflitos pessoais do artista, sua problemática emocional, não são decisivos para o conhecimento de sua obra. Lançarão luz sobre um ou outro detalhe, sobre a atração para este ou aquele tema. A autêntica obra de arte, porém, é uma "produção impessoal". O artista é "um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade".

No mistério do ato criador, o artista mergulha até as funduras imensas do inconsciente. Ele dá forma e traduz na linguagem de seu tempo as intuições primordiais e, assim fazendo, torna acessíveis a todos as fontes profundas da vida.

Paul Klee, pintor contemporâneo, teve consciência desta descida às regiões originais. Escreveu ele: "É missão do artista penetrar tão longe quanto possível na busca do fundo secreto das coisas onde uma lei primordial entretém seu crescimento ... Com o coração batendo, somos levados cada vez mais para baixo, para a fonte primeira."

Um exemplo mostrará os dois modos diferentes, freudianos e junguiano, de abordagem da obra de arte. O primeiro fundamenta-se nos condicionamentos individuais do criador e o segundo encara a obra de arte como uma produção superpessoal. O exemplo será o quadro de Leonardo da Vinci: *A Virgem, o menino Jesus e Sant'Ana* (Museu do Louvre).

O próprio Freud escreveu sobre esta pintura um ensaio que se tornou modelo dos estudos psicanalíticos referentes a obra de arte. O quadro, segundo Freud, sintetiza a história da infância de Leonardo. Vemos aí a Virgem sentada no colo de Sant'Ana e inclinada, os braços estendidos, para o menino. Os corpos das duas mulheres acham-se insolitamente confundidos, mal se diferenciando um do outro. E Sant'Ana é quase tão jovem quanto Maria. "Leonardo deu ao menino Jesus duas mães: a que lhe estende os braços e outra que contempla amorosamente de segundo plano, e dotou a ambas com o sorriso de felicidade materna." O menino Leonardo teve também duas mães: sua verdadeira mãe, a camponesa Caterina e Donna Albiera, legítima esposa de seu pai, em cuja companhia veio viver depois que o casal perdeu a esperança de ter filhos. No famoso quadro, "a figura materna mais afastada da criança, a avó, pela sua aparência e posição especial

em relação a esta, corresponde à primeira mãe de Leonardo, a Caterina. E o artista recobriu e velou com o bem-aventurado sorriso de Sant' Ana, a dor e a inveja que a infeliz sentiu quando foi obrigado a ceder seu filho à nobre rival, como antes já havia cedido o homem amado."Este sorriso, que faz o fascínio da Gioconda e que se esboça em várias outras faces de mulheres e de adolescentes pintados por Leonardo, este estranho sorriso sempre presente na imaginação do pintor, teria também origem numa impressão de infância: seria o sorriso de Caterina quando contemplava o filho amado. Mas, o que traz ainda maior interesse psicanalítico a este quadro é o peculiar jeito como as pregas do manto de Maria configuram um abutre. A projeção inconsciente desta imagem, achado de Oscar Pfister, foi pesquisada extensamente por Freud. O interesse especial da projeção decorre de que a imagem do abutre, inconscientemente delineada, vem vincular-se a uma recordação de infância muito curiosa. Entre suas anotações sobre o vôo, Leonardo intercalou esta reminiscência: "eu pareço ter sido destinado a ocupar-me muito) particularmente do abutre, pois uma de minhas primeiras recordações de infância é que estando ainda no berço, um abutre veio a mim, abriu-me a boca com sua cauda e várias vezes bateu com esta cauda entre meus lábios." Decerto a cena descrita não corresponde à recordação de um acontecimento real. É uma fantasia construída à maneira como são construídos os sonhos, E tal como se fosse um sonho, Freud procura interpretar-lhe o conteúdo latente, recorrendo nesse trabalho a abundantes paralelos históricos. A cauda do abutre que, repetidas vezes, bate nos lábios da criança seria símbolo do seio

materno e ao mesmo tempo seria símbolo do órgão genital masculino. Para explicar porque o abutre pode simbolizar a figura materna e simultaneamente ter conexão com o falus, Freud vai buscar dados na mitologia egípcia. Com efeito, os egípcios veneravam uma deusa mãe denominada Mout, que era representada sob a forma de abutre ou com corpo de mulher e cabeça de abutre. A palavra mãe e o nome dessa deusa eram escritos, pelos egípcios, com o hieróglifo do abutre. E essa mesma Mout divindade materna, era também possuidora de falus como aliás freqüentemente acontece às mães divinas primordiais que reúnem em si os princípios masculino e feminino. Acreditavam os egípcios que só existissem abutres fêmeas, sendo essas aves capazes de reproduzirem-se sem o concurso de machos. Teria sido lendo esta fábula que surgiu em Leonardo a idéia de que "ele também era uma espécie de filho de abutre, criança que tivera mãe mas não tivera pai". E a essa idéia viera associar-se a lembrança do prazer experimentado no sugar do seio materno e dos beijos que sua solitária mãe lhe dera na boca. Relação estreita e intensa com a mãe, somada à ausência do pai, presumivelmente até os cinco anos de idade, explicaria a atitude de Leonardo, face ao sexo, sua provável homofilia. Assim, o abutre da fantasia de infância, que emerge mais tarde do fundo do inconsciente nas pregas do manto da Virgem, seria imagem adequada para exprimir a fixação materna e as tendências homofílicas de Leonardo.

Apesar dos paralelos mitológicos invocados no decorrer de todo o ensaio, a preocupação constante de Freud é desvendar os conteúdos secretos da obra de arte em suas conexões com a problemática

afetiva do pintor, decorrente de acontecimentos emocionais vividos na infância. Jung escreveu breves comentários sobre esta mesma pintura de Leonardo. Entretanto sua interpretação não se detém na psicologia do autor. O que é posto em relevo é a natureza superpessoal da obra, o motivo arquetípico sobre o qual se estrutura.

As ocorrências da infância de Leonardo devem ter influído para a reativação do arquétipo mãe, isto é, para tirar do estado virtual a imagem da Grande Mãe que existe sempre por trás da mãe pessoal, no caso a camponesa Caterina, de cujo carinho foi afastado antes dos cinco anos. E isso se torna evidente através da fantasia de infância, já citada, referente ao abutre que é símbolo adequado da mãe primordial. O rei do Alto Egito implora Mout, a mãe abutre: "eu descendo do abutre de longos cabelos e exuberantes seios; possa ela manter seu seio na minha boca e nunca deixar de amamentar-me". A mesma mãe abutre desceu até o berço do gênio da renascença. E quando na pintura de Leonardo o arquétipo mãe assumiu formas condizentes com a época (Sant'Ana e a Virgem), o abutre ainda se insinuou nas dobras do manto de Maria.

Na pintura aqui estudada o arquétipo mãe desdobra-se no motivo das duas mães, motivo que tem paralelos na mitologia de vários povos. Uma das características do mito do herói é que ele freqüentemente tem duas mães. Ao lado da mãe pessoal, aparece segunda figura materna, seja mãe adotiva humana, seja mãe divina. Hércules teve duas mães, a doce Alcimene, filha do rei de Micenas, e Hera, a vingativa. A idéia das duas mães está estreitamente ligada às idéias do segundo nascimento. O primeiro nascimento é de natureza

carnal e o segundo de natureza espiritual. As iniciações, nas religiões antigas, correspondem ao segundo nascimento. É a este mesmo fenômeno que se refere S. Paulo, quando fala do velho Adão e do novo Adão. E Jesus diz a Nicodemos que é preciso nascer outra vez para ter acesso ao mundo do espírito.

No quadro de Leonardo, Maria representa a mãe-terra, a mãe carnal, o caráter materno elementar e Sant'Ana, pela expressão de sua face e de seu sorriso, representa a mãe espiritual, a mãe do segundo nascimento transformativo. As duas mães acham-se estreitamente unidas, como dois aspectos que são do mesmo arquétipo. Entretanto, a figura de Sant'Ana predomina.

Nas épocas em que o caráter materno elementar domina, a consciência individual permanece estática, diz E. Neumann. Quando, porém, o caráter materno espiritual ganha proeminência a consciência sai da estagnação. O despertar da consciência individual foi exatamente a característica da Renascença.

"O processo criador, na medida em que o podemos acompanhar, consiste numa ativação in-consciente do arquétipo, no seu desenvolvimento e sua tomada de forma até a realização da obra perfeita" (Jung).

Obras de arte de todos os tempos dão testemunho desta afirmação. Já vimos imagens do arquétipo mãe num quadro de Leonardo da Vinci. Voltemo-nos agora para a arte moderna.

O famoso quadro Guernica de Picasso é bem, na expressão do crítico e historiador de arte Herbert Read "uma coleção de símbolos do inconsciente". Este quadro foi pintado num estado de violenta emoção, logo que Picasso teve notícia do

arrasamento da pequena cidade basca de Guernica por bombas lançadas de aviões alemães a serviço de Franco (28 de abril de 1937). Ele declarou, quando se achava em pleno trabalho: "Na tela em que estou trabalhando exprimirei minha aversão pela casta militar que mergulhou a Espanha num oceano de dor e de morte". Entretanto Guernica vai infinitamente além desses propósitos. Contemplando a tela, já não se pensa na infeliz cidade basca. Estamos diante de símbolos que exprimem coisas universais. No centro, o cavalo relincha, ferido de morte ("quando o cavalo é sacrificado o mundo é sacrificado e destruído" Jung) ; a mulher apavorada tenta correr mas suas pernas lhe parecem enormes e pesam arroubas como nos pesadelos; uma criança morreu e o fogo destrói a casa. A cena de horrores é dominada do alto pelo touro brutal, concentrando em si todas as forças obscuras e por um braço estendido que segura a lâmpada escuridão e luz, os dois opostos eternos. As imagens não se situam em estruturas ordenadas dentro do espaço pictórico. Sucodem-se e quase se imbricam umas às outras num atropelo de horrores.

A noção do arquétipo vem sendo cada vez mais utilizada pelos críticos, seja no campo das artes plásticas, seja no da literatura. Esta noção está presente, por assim dizer em todos os trabalhos de Herbert Read sobre a pintura moderna. Wingfield Digby, conservador no Museu Vitória e Alberto, de Londres, também a aplica largamente (estudos sobre Edvard Munch, Henry Moore, Paul Nash). E Germain Bazin, atual diretor do Museu de Louvre, diz: "O pensamento escrito ou o pensamento pintado não se determinam nem se

explicam um ao outro. O que é necessário é ir além deles, recuar até o mundo arquetípico do inconsciente coletivo. Este contato entre a interpretação artística e a psicologia de Jung está destinado a afirmar-se e sem dúvida aí reside o futuro da crítica de arte".

Seria talvez desnecessário frisar que a simples emergência de imagens arquetípicas não resulta em obras de arte. Estas imagens surgem cotidianamente nos sonhos e nas fantasias de todos os humanos. Entretanto as obras de arte são raras. Faz-se necessário que as rudes imagens primordiais sejam elaboradas, ou melhor, transmutadas, em formas que possuam certas qualidades, ditas artísticas. É preciso que essas formas façam apelo aos sentidos e falem a linguagem da época. A maneira como se realiza essa transmutação (processo criador) não foi jamais explicada por nenhuma psicologia.

Leituras.

C. G. Jung - *Psychologie et Poesie e La Psq-chologie Analytique dans ses rapports avec l'oeu-vre poéfique*. Estes dois ensaios encontram-se no livro PROBLÈMES DE L'ÂME MODERNE. No mesmo livro, artigos sobre Picasso e o Ulisses de Joyce.

C. G. Jung - *The spirit in man, art and literature*. Col. works 15.

Aniela Jaffé - *Le symbolisme dans les arts plastiques*. em, C, G. Jung: L'HOMME ET SES SYMBOLES.

C. G. Jung – MA VIE – souvenirs, rêves et pensées.

C. G. Jung - *The Undiscovered self* (Present and Future), em col. works 10.

Tradução francesa com o título *Present et Avenir* e boa tradução brasileira com o título pouco feliz de *O Eu Desconhecido*.

Herbert Read - EDUCATION THROUGH. ART. THE REDEMPTION OF
THE ROBOT.

Educação de Jovens
Educação de Adultos

As mais belas páginas que Jung escreveu sobre a alma da criança estão nos dois primeiros capítulos de sua biografia.

Ele recorda suas primeiras tomadas de consciência das sensações da luz, dos odores. Seus deslumbramentos ante a natureza e também suas angústias imprecisas, que decerto serão semelhantes aos deslumbramentos e às angústias de outras crianças. "Eu percebia cada vez mais a beleza e a claridade do dia quando a luz dourada do sol brincava através das folhagens verdes. Mas tinha o pressentimento da existência de um mundo de sombras, cheio de interrogações angustiantes, ao qual eu não poderia escapar". Desse mundo de sombras lhe veio, entre os três e os quatro anos de idade, um sonho extraordinário: num subterrâneo, sobre trono de ouro, "erguia-se um objeto, forma gigantesca que atingia quase o teto". "Este objeto era estranhamente constituído: feito de pele e de carne viva, trazia na parte superior espécie de cabeça de forma cônica, sem face nem cabelos. No alto, em olho único, imóvel, olhava para cima". Jung pensou neste sonho "durante toda a sua vida" e só "dezenas de anos depois" compreendeu que aquela imagem onírica era um

falus ritual. De onde veio esse sonho? Impossível será encontrar a pista dessa divindade pagã, subterrânea, em reminiscências infantis do filho de um pastor protestante. Sua origem terá de ser procurada muito mais longe, nas estruturas herdadas da psique. Portanto, o psicólogo deverá estar atento não só aos sonhos que expressem problemas emocionais da vida da criança, mas também aos seus sonhos arquetípicos carregados de profundas significações,

Nas MEMÓRIAS Jung revela as próprias experiências no que concerne à influência da atmosfera familiar e dos desentendimentos entre os pais sobre a criança, Mais tarde, a observação apenas confirmaria aquilo que ele já vivenciara sofredamente.

Quanto às experiências escolares de Jung, citaremos apenas uma, muito típica, que apesar de todos os progressos da pedagogia do século XX ainda hoje se repete freqüentemente. "Uma total inaptidão fez que eu fosse excluído da classe de desenho. Fiquei de uma parte satisfeito porque assim dispunha de mais tempo livre; mas era também uma nova derrota, pois eu tinha certa habilidade espontânea para o desenho, quando este dependia essencialmente de meu sentimento, coisa que eu ignorava na época. Só sabia desenhar aquilo que ocupava minha imaginação, Entretanto impunham-me copiar modelos de divindades gregas de olhos cegos, inexpressivos. Desde que isso não ia bem, meu mestre pensou sem dúvida que eu tinha necessidade de objetos "naturais" : colocou diante de mim a reprodução da cabeça de uma cabra. Fracassei completamente e desse modo chegou ao fim meu curso de desenho".

Jung distingue três tipos de educação.

1) *Educação através do exemplo* o que educa fundamentalmente a criança é a vida dos pais. Abundantes palavreados e exuberantes gestos não são eficazes ou mesmo tornam-se contra-producentes. Segundo Jung este tipo de educação, o mais importante de todos, pode processar-se de maneira completamente inconsciente.

A criança identifica-se com o ambiente onde vive, e de modo especial com os pais. Para dar idéia de quanto é estreita a fusão da psique infantil com a psique dos pais basta dizer que um cliente de Jung, incapaz de recordar seus sonhos, foi, na primeira fase do tratamento, analisado através dos sonhos de seu filho de oito anos. O menino sonhava os problemas eróticos e religiosos do pai. Logo que este começou a poder lembrar-se dos próprios sonhos, o menino deixou de sonhar a problemática paterna.

"As dificuldades parentais refletem-se inevitavelmente na psique da criança. A criança faz de tal maneira parte da atmosfera psicológica dos pais que problemas secretos entre eles podem influenciar profundamente sua saúde". E o mais grave é que os esforços de controle por parte dos pais para não exteriorizarem perante os filhos seus conflitos íntimos adiantam pouco, porque a comunicação de filhos com pais se realiza por via inconsciente. "Quanto menos os pais aceitem seus próprios problemas, tanto mais os filhos sofrerão pela vida não vivida de seus pais e tanto mais serão forçados a realizar tudo quanto os pais reprimiram no inconsciente". Não é que os pais tenham de ser perfeitos a fim de não exercerem efeitos deletérios sobre seus filhos, diz Jung, pois se os pais fossem perfeitos, seria uma verdadeira catástrofe. Os filhos se sentiriam aniquilados por

um sentimento de inferioridade moral ou fariam grandes tentativas para copiá-los. Isso apenas transferiria o final ajuste de contas para a geração seguinte. "A única coisa que pode salvar a criança desses danos é o esforço dos pais para não fugir às dificuldades psíquicas da vida por meio de manobras falsificadoras ou permanecendo artificialmente inconscientes, mas aceitando-as como tarefas, sendo honestos com eles mesmos tanto quanto possível e deixando cair um raio de luz nos cantos mais escuros de suas almas".

Evidentemente os mestres, ao lado dos pais, desempenham papel muito importante nesta fase da educação pelo exemplo. As crianças, observa Jung, possuem um instinto espantoso para descobrir as insuficiências do educador. "O pedagogo deveria estar atento a seu próprio estado mental para verificar de onde provêm as dificuldades que encontra com as crianças que lhe são confiadas. Pode muito bem acontecer que seja ele a causa inconsciente do mal". Portanto, pais e mestres são chamados a se conhecerem a si próprios, a se educarem a si próprios. Os métodos, as experiências antigas e as novíssimas no campo da educação dependeram e dependerão sempre, em primeiro lugar, daqueles que as conduzem.

2) *Educação coletiva* - este tipo de educação processa-se de acordo com regras, princípios e métodos. Certamente normas coletivas são necessárias e todos estão de acordo em aceitar que uma das metas da educação será fazer de cada indivíduo um membro útil da sociedade. O perigo da educação coletiva consiste em que a valorização excessiva de regras, princípios e métodos abafe o normal' desenvolvimento das individualidades. Em casos extremos formam-se grupos humanos uniformes, cidadãos idealmente obedientes

para serem manejados como robôs por ditadores.

Entretanto Jung frisa que será preciso distinguir entre as qualidades específicas de um indivíduo, aquilo que existir nele de único, e excentricidades temperamentais ou incapacidade para reconhecer os direitos de outrem. E chama particularmente a atenção para a circunstância de que muitas vezes crianças rebeldes contra as normas coletivas são de fato personalidades defeituosas ou doentes, para as quais será mais indicado que se ajustem às regras da sociedade onde vivem do que desenvolvam suas peculiaridades nocivas.

Exceção desses casos, Jung dá ênfase sobretudo ao terceiro tipo de educação, que é a educação individual; Seus pontos de vista tem, neste sentido, inspirado grandes educadores. Citaremos Herbert Read, o infatigável lutador em prol da redenção do robô. "Eu tomo a mesma posição de Jung: uma meta está a nosso alcance e esta é desenvolver e levar à maturidade as personalidades individuais."

3) *Educação individual* - Na aplicação desse tipo de educação, as regras, princípios e métodos ficarão subordinados ao objetivo único de permitir a manifestação da individualidade específica da criança. O educador precisará encontrar o caminho que o levará a compreender seu aluno. Deverão ser tomados em consideração seus dons especiais e também suas dificuldades em relação a certas matérias (matemática, por exemplo). O tipo psicológico da criança terá de ser aceito, sem que o mestre imbuído do preconceito de que só os extrovertidos sejam normais, esforce-se para obter dos introvertidos um comportamento que para estes é contrário a sua natureza. Não se poderá falar em educação individual sem que

o mestre conheça a história das primeiras etapas do desenvolvimento psíquico do aluno e suas condições de vida no seio da família. Pais e mestres estarão atentos para não sufocar os germens peculiares à personalidade, que comecem a repontar na infância e na juventude. Entretanto, diz Jung, o pleno desenvolvimento do indivíduo, sua completção numa totalidade coesa e única, é tarefa para o adulto. "Somente numa época como a nossa, em que o indivíduo está inconsciente dos problemas da vida adulta ou ainda pior quando ele os escamoteia conscientemente, é que se pode desejar transpor erroneamente este ideal para a infância. Eu acho suspeito de intenções espúrias nosso entusiasmo pedagógico e psicológico: fala-nos sobre a criança, mas deveríamos ter em vista a criança no adulto, porque em cada adulto está escondida uma criança uma eterna criança, algo que está sempre crescendo, que nunca se completa e exige incessante cuidado, atenção e educação". Repetidas vezes em seus escritos sobre educação Jung levanta a dúvida de que o "furor pedagógico" moderno seja uma evasiva para evitar que seja enfrentado o problema da educação do educador e do adulto em geral.

Com efeito, os germes de desenvolvimento que se fizeram notar na infância e na juventude só atingem a maturidade na idade adulta. E só então os diferentes elementos que compõem a psique poderão organizar-se numa "totalidade determinada, capaz de resistência e provida de força" que mereça a denominação de personalidade.

Num de seus últimos livros - PRESENTE E FUTURO - publicado em 1957, e denominado por muitos "o testamento de Jung", ele denuncia com veemência a ação estranguladora das influências coletivas sobre o indivíduo, provenientes

seja da educação, do estado ou de credos religiosos. O futuro da humanidade, na sua opinião, dependerá do número de homens que logrem evoluir plenamente, isto é, individuar-se.

A primeira metade da vida é um período de progressiva expansão. O jovem terá de renunciar aos hábitos da infância, aos aconchegos familiares para atender aos desafios do mundo exterior. Terá de estudar, trabalhar, conquistar uma posição social. Terá de vivenciar em si mesmo a eclosão dos instintos e fará seu encontro com o sexo oposto. Ficará apto a gerar.

Na segunda metade da vida as tarefas são diferentes. Acabou o tempo da expansão. Agora é tempo de colher, de reunir aquilo que estava disperso, de juntar coisas opostas, de concentrar.

Se nossos métodos de educação mostram-se tão precários quanto a ajuda que possam trazer ao jovem em relação aos problemas da primeira metade da vida, seremos obrigados a reconhecer que o indivíduo entra na segunda metade da vida inteiramente despreparado para fazer face aos importantes e inevitáveis problemas que vai encontrar.

Veremos homens e mulheres temerosos ante os sinais precursores do envelhecimento procurarem a todo custo transportar para além dos quarenta anos as mesmas aspirações da fase da juventude. É muito provável que esses intensos esforços resultem do fato de que os objetivos da primeira fase da vida não tenham sido vividos em toda a sua plenitude e agora seja duro vê-los fugir para sempre. Mas também haverá a considerar o medo ante os problemas específicos da segunda metade da vida. Do mesmo modo que

jovens demasiado fixados à infância recuam no momento de enfrentar o mundo exterior, adultos recuam quando chega a hora de aceitar as condições do envelhecer. Recuo inútil e inglório. Modificações fisiológicas e psicológicas processam-se inexoravelmente à partir do meio dia da vida. Curiosos fenômenos de enantiodromia (aparecimento de contraposições inconscientes) ocorrem. Os tipos psicológicos sofrem mudanças; características femininas manifestam-se no homem - maior emotividade, maior vulnerabilidade sentimental; surgem na mulher características masculinas - maior força de raciocínio, capacidades insuspeitadas de trabalho e de liderança. Só por si, essas mudanças provocam alterações na estrutura das famílias e às vezes até determinam seu desmembramento. Já seria uma tarefa árdua para o homem tomar consciência de suas componentes femininas e para a mulher tomar consciência de suas componentes masculinas na ocasião em que essas buscam posições compensatórias excessivas, por não terem sido devidamente tomadas em consideração na primeira metade da vida.

Quem os ajudará na abordagem do difícil problema da transmutação de valores que se apresenta, com tanta frequência, no entardecer da vida? Alguns tomam a defensiva, agarrando-se às posições antigas. Tornam-se quase sempre rígidos e intolerantes ou vivem louvando épocas passadas. Outros não conseguem fugir ao sentimento de que muitas coisas, certezas e idéias, esvaziaram-se, desgastaram-se. Estes facilmente caem sob o fascínio de convicções e ideais opostos àqueles que receberam o fervor de seus jovens anos. Os antigos ídolos são renegados ferrenhamente. Apostasias de todos os gêneros traduzem o movimento da energia psíquica na direção de opostos.

Isso não será uma solução. Será cair prisioneiro do jogo dos contrários, reprimindo agora o que estivera reprimido antes. A tarefa será aprofundar o conhecimento dos valores antigos e, simultaneamente, o dos valores antitéticos a esses, reconhecendo que não há uma verdade única, que todas as coisas humanas são relativas. Será a consideração do problema dos opostos que trará renovação à existência na segunda metade da vida. Mas, interroga Jung: existirá em alguma parte escolas que preparem os quadragenários para as exigências de sua vida de amanhã?

Aliás, o amanhã para os quadragenários torna-se cada vez mais extenso na proporção em que a média de vida aumenta. Também o trabalho, que absorvia até muito tarde grandes cotas de energia e a mantinha canalizada no mesmo sentido, graças às leis sociais de aposentadoria, fica atualmente muito cedo liberada de seus objetos habituais de investimento. Onde, como aplicá-la? É o que parecem perguntar as numerosíssimas pessoas idosas participantes de excursões que visitam vinte países em trinta dias ou fazem a volta ao mundo em dois meses, que freqüentam indiscriminadamente cursos, exposições de pintura, concertos, cinemas, competições esportivas. Na nossa civilização trepidante a coisa mais difícil que há é parar um pouco, é quebrar a lei que impede a mudança de um estado de permanente agitação para um estado de relaxamento de tensões. Aqueles que dispõem de lazeres, na melhor das hipóteses descobrirão uma atividade agradável para preencher seu tempo livre. Mas muito poucos serão capazes de viver horas que não sejam contadas em relógio detendo-se longamente “na consideração de tudo que se passa no próprio íntimo tanto quanto no

mundo exterior, conscientes de todas as formas de vida, de todas as suas expressões", E esta é a atitude que favorece o amadurecimento para a morte.

"A trajetória do projétil termina no seu alvo; do mesmo modo a vida termina na morte que é alvo de todas as formas da vida". Sendo a vida um processo energético, seu desdobramento é irreversível e tende para uma meta única que é o estado de repouso. Assim, a morte não seria o fim desse desdobramento, mas o seu alvo. "Tão intensamente e incansavelmente como a vida sobe antes de atingir a metade de seu curso, desce ela agora a outra vertente, pois sua meta não está no ápice, mas no vale onde começou a subida". A educação do adulto só estará completa quando ele aprende a viver conscientemente o curso de sua própria vida de acordo com as leis da natureza.

Leituras.

C. G. Jung -THE DEVELOPMENT OF PERSONALITY. Col. works 17. Este volume contém o trabalho *Conflitos psíquicos numa criança; três conferências sobre Psicologia Analítica e Educação*; os ensaios: *A Significação do Inconsciente na Educação Individual, O Desenvolvimento da Personalidade* e outros trabalhos sobre o mesmo tema.

C. G. Jung - Au solstice de la vie. Em PROBLEMES DE L' AME MODERNE.

E. Neumann - ART AND THE CREATIVE INCONSCIOUS. O livro contém longo estudo sobre Leonardo da Vinci e o arquétipo mãe e outros ensaios sobre temas de arte.

S. Freud - *Un recoerdo infantil de Leonardo da Vinci*. O leitor interessado pela interpretação freudiana lerá o capítulo *The Anna Metterza Problem*. no livro recente de K. R. Eissler: LEONARDO DA VINCI.

Morris Prilipson - OUTLINE OF A JUNGIAN AESTH ETICS.

Herbert Read - THE FORMS OF THINGS UNKNOWN. Livro no qual o autor utiliza a psicologia junguiana como instrumento de trabalho em seus ensaios sobre filosofia estética.

Maud Bodkin - ARCHETYPAL PATTERNS IN POETRY.

C. G. Jung:
Obra e Tempo

Há coisas que ainda não são verdadeiras, que talvez não tenham o direito de ser verdadeiras mas que o poderão ser amanhã.

C. G. Jung

Se o leitor benévolo chegou ao fim deste pequeno livro talvez pergunte agora, um tanto hesitante, onde situará C.G. Jung dentro do panorama das idéias contemporâneas. Dando tão grande importância aos sonhos, aos mitos, à alquimia, será ele um sobrevivente de épocas já ultrapassadas? ou será, pelo contrário, um moderno ou mesmo um homem do futuro?

.No começo do século XX parecia ao homem do ocidente que todos os mistérios tinham sido desvendados. A visão do mundo segundo a física newtoniana era de uma clareza confortadora. Darwin explicava a origem das espécies. Marx descobria as leis que regem o desenvolvimento das sociedades. Freud trazia o mundo obscuro do inconsciente para o domínio da pesquisa científica,

demonstrando que os fenômenos psíquicos inconscientes, mesmo os mais extravagantes e absurdos, estavam sujeitos às leis da causalidade.

Fiel ao clima de opinião de sua época, Freud era um rigoroso determinista. Na INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE, escreve: "quebrar o determinismo, mesmo num só ponto, transtorna-ria toda a concepção científica do mundo". De fato, a física moderna bouleversou a concepção do mundo construída pela física clássica, concepção que parecia absolutamente inabalável até os fins do século XIX. O indivisível átomo revelara-se divisível. Abriam-se brechas no determinismo: nem sempre os átomos comportavam-se de acordo com as leis causais. Certos fenômenos, no campo da microfísica, passaram a ser estudados à luz de leis estatísticas, ou seja, de leis de probabilidade. Einstein provou que matéria e energia são equivalentes. Verificou-se que a luz apresenta simultaneamente os caracteres de onda e de corpúsculo. O tempo deixou de ser uma grandeza absoluta, pois quando se trata de medir grandes velocidades o tempo cresce com a velocidade. O tempo é relativo. Perplexos, retraímos-nos diante desses conceitos que perturbam nossa segurança. Não queremos ver além das fronteiras do mundo estável de Galileu e de Newton. Compreende-se a atitude de recuo: o abalo das próprias bases que serviam de ponto de apoio às operações do pensamento provocou deslocamentos imprevistos a longa distância. Opostos até então irredutíveis deixavam de ser opostos. Argumentos lançados durante séculos contra determinados alvos não mais os atingiam porque os próprios alvos se tinham dissolvido ou mudado completamente de posição.

Tanto quanto Freud, Jung investigou a causalidade nos campos da psicologia e da psicopatologia.

Seus estudos sobre as associações verbais e os livros PSICOLOGIA DA DEMÊNCIA PRECOCE E O CONTEÚDO DAS PSICOSES, mostram que, mesmo nos distúrbios psíquicos mais graves, é possível decifrar o sentido de sintomas de aparência desconexa, encontrando-lhes elos causais.

Mas observou também a ocorrência de fenômenos outros, de curiosos paralelismos, que não podiam ser encadeados causalmente. Seu método de trabalho, desde as pesquisas sobre associações feitas na juventude (capítulo 2), sempre foi nunca desprezar qualquer fato que acontecesse, ainda aqueles que contradiziam regras estabelecidas ou que se afiguravam aos demais desprovidos de importância. Pareceu-lhe que seria preciso tomar em consideração certos fenômenos, inegáveis, que, entretanto, escapavam ao determinismo: a) coincidência de estados psíquicos e de acontecimentos físicos sem relações causais entre si, tais como sonhos, visões, premonições, que correspondem a fatos ocorridos na realidade externa; b) a ocorrência de pensamentos, sonhos e estados psíquicos semelhantes, ao mesmo tempo, em lugares diferentes.

Muitos já tiveram experiências desse gênero ou as ouviram de pessoas dignas de crédito. Mas as deixaram de lado, procurando mesmo esquecê-las, pelo mal estar que lhes causava sua estranheza ou devido aos preconceitos científicos da época. Nenhum desses obstáculos deteve Jung.

"Minha preocupação com a psicologia dos processos do inconsciente há muito tempo obrigou-me a procurar ao lado da causalidade um outro princípio de explicação, porque o princípio de causalidade pareceu-me inadequado para explicar certas fenômenos surpreendentes da psicologia

do inconsciente. Verifiquei que há paralelismos psíquicos que não podem ser relacionados uns aos outros causalmente, mas devem estar em conexão por um outro modo diferente de desdobramento dos acontecimentos.”

Jung criou o termo sincronicidade para designar "a coincidência no tempo de dois ou mais acontecimentos não relacionados causalmente, mas tendo significação idêntica ou similar, em contraste com o sincronismo que simplesmente indica a ocorrência simultânea de dois acontecimentos". A sincronicidade, portanto, caracteriza-se pela ocorrência de coincidências significativas. Vejamos um exemplo citado por Jung. Trata-se de uma mulher, jovem e culta, cuja análise não progredia devido a seu excessivo racionalismo. "Um dia eu estava sentado diante dela, de costas para a janela, ouvindo sua habitual torrente de retórica. Ela tivera, na noite anterior, um sonho impressionante, no qual alguém lhe dava um escaravelho de ouro, jóia de alto preço. Enquanto narrava-me este sonho, ouvi leves batidas no vidro da janela, Voltei-me e vi um grande inseto batendo de encontro à janela, no evidente esforço para penetrar na sala escura. Isso me pareceu estranho. Abri a janela e apanhei o inseto no ar. Era um besouro das rosas (*cetonia aurata*) cuja cor verde dourada aproxima-se de perto da cor do escaravelho dourado. Entreguei o inseto a minha paciente, dizendo: "Aqui está seu escaravelho". Esta experiência abriu a desejada brecha no seu racionalismo e quebrou o gelo de sua resistência intelectual. O tratamento pôde então continuar com resultados satisfatórios".

O estudo dos sonhos ou do estado psíquico de pessoas com as quais haviam ocorrido fenômenos

de sincronicidade deu a Jung a impressão de que, no fundo do inconsciente dessas pessoas, um arquétipo se tivesse ativado e se manifestasse simultaneamente através de acontecimentos interiores e exteriores.

A exploração em profundidade do inconsciente levou ao curioso achado de que os mais universais símbolos do self (si mesmo) pertencem ao mundo mineral. São eles a pedra, seja a pedra preciosa ou não preciosa, e o cristal, substância de estrutura geométrica exata por excelência. Comenta M.L. von Franz: “O fato de que o símbolo mais elevado e mais freqüente do self pertença à matéria inorgânica abre novo campo à investigação e à especulação. Refiro-me às relações ainda desconhecidas entre aquilo que chamamos psique inconsciente e aquilo que chamamos matéria”.

Se o psicólogo, nas suas investigações através das camadas mais profundas da psique, encontra a matéria, por sua vez o físico, nas suas pesquisas mais finas sobre a matéria, encontra a psique.

Físicos como Eddington, J. Jeans e outros grandes aceitam que a matéria esteja impregnada de um psiquismo elementar. O físico Alfred Herrmann diz que a natureza do elétron parece ambígua, meio matéria, meio psique. E o pensador católico Teilhard de Chardin concebe a matéria animada interiormente de espiritualidade, o que é tanto mais significativo, pois o cristianismo até então separava de maneira irredutível a matéria do espírito.

A consequência extrema da posição de psicólogos, de físicos e de biólogos, será admitir que "a psique e a matéria sejam um mesmo fenômeno

observado respectivamente do interior e do exterior” (M.-L. von Franz).

Também os fenômenos de sincronicidade, denotando que podem ocorrer "arranjos" incluindo fatos psíquicos, e fatos da realidade externa testemunham em favor da hipótese da unidade psicofísica de todos os fenômenos.

Chegamos assim ao conceito de *amens mundus*, isto é, à idéia da identidade básica de matéria e psique. "Tudo que acontece, seja como for, acontece no mesmo único mundo e é parte deste" (Jung).

Os inesperados contactos entre psicologia e física, ciências que pareciam tão distantes, provocaram a aproximação e colaboração entre Jung e Wolfgang Pauli, prêmio Nobel de física em 1945 por trabalhos concernentes à fissão nuclear. Juntos publicaram um livro que tem por título : INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA E PSIQUE.

É problema actualíssimo chegar a uma conclusão sobre a possibilidade ou não possibilidade de conseguir-se o conhecimento de objetos observados sem que o observador esteja envolvido na avaliação final. A ciência esforçou-se obstinadamente para não tomar em apreço o observador cuja função seria realizar operações racionais sobre os dados colhidos no exterior e exprimir, sob a forma de conceitos, os resultados obtidos, mantendo-se sempre o mais possível distante. Tudo faz crer que esse ideal não foi alcançado, salvo talvez em campos restritos. Desde que o observador é parte integrante do mesmo mundo onde estão os objetos da sua investigação, resulta difícil eliminá-lo. Na esfera da microfísica, o cientista reconhece: "unicamente a totalidade da relação homem-coisa

é que tem validade de realidade perceptível para a física moderna" (C.F. von Weizsacker).

O físico Wolfgang Pauli declara-se convencido de que, ao lado das pesquisas sobre a realidade externa é necessário investigar a origem interior de nossos conceitos científicos. Aplicando este método, Pauli escreveu um ensaio sobre as relações entre idéias arquetípicas e as teorias científicas de Kepler.

Este momento crucial da epistemologia reflete-se claramente na obra do filósofo francês Gaston Bachelard (falecido em 1962). Ele reconheceu as interferências subjetivas, o poder da imaginação no campo da ciência. E todo seu esforço dirigiu-se no sentido de "exorcizai as imagens que pretendem, numa cultura científica, engendrar e servir de base aos conceitos". Mas, de outro lado, o mundo das imagens fascinava-o. Ninguém: mais do que Bachelard amou e saboreou a imagem. Se uma parte de sua obra é dedicada ao "surracionalismo", outra parte, e não a menos importante, ocupa-se enamoradamente da imagem (livros sobre as imagens do fogo, da água, do ar, da terra). Sua obra coloca-se em dois pólos opostos que tentam excluir-se mutuamente.

A posição de Jung, que levantaria veementes protestos a 40 anos atrás, já não causa efeitos dramáticos depois que nos vamos habituando aos novos enfoques da física moderna.

As teorias psicológicas são autoconfissões, diz Jung. As idéias verdadeiramente significativas têm sempre origem nas profundezas da psique.

"De onde viriam elas a não ser de nosso fundo subjetivo? Nossa experiência do mundo objetivo pode abstrair-se de nossas pressuposições subjetivas? Toda experiência, mesmo realizada

nas melhores circunstâncias, não é, pelo menos em 50 por cento, interpretação subjetiva? De outra parte, o sujeito é também um fato objetivo, um pedaço do mundo, e aquilo que vem dele, vem, em última instância, da própria substância do mundo”.

Assim, de acordo com esta visão das coisas, as teorias psicológicas de Jung foram conscientemente elaboradas sobre as bases da observação empírica e de dados oriundos do inconsciente. Já vimos, em vários capítulos deste livro que, muitas vezes, idéias fundamentais de sua psicologia lhe chegaram através de sonhos e de confrontos com o inconsciente. Sempre as manifestações do inconsciente foram recebidas por Jung com a mais atenta seriedade. Naturalmente os racionalistas exclusivistas não aprovam essa atitude. E não querem ouvir mais nada no momento em que Jung conta que consulta o próprio corpo a respeito das idéias que estão sendo trabalhadas pelo seu pensamento. "Quando quero saber se uma verdade é boa e salutar, se é uma verdadeira verdade, incorporo-a, ingiro-a, por assim dizer; se ela me convém, se colabora harmoniosamente no interior de meu organismo com os outros elementos de meu psiquismo, se continuo a funcionar bem, a sentir-me bem e se nada em mim revolta-se contra a intrusa, então eu sei que se trata de uma boa verdade, que não é venenosa nem me prejudica".

No primeiro capítulo, quando nos referimos ao rompimento entre Freud e Jung, dissemos que mais tarde eles se defrontariam como fenômenos culturais opostos.

Jung, definindo a posição histórico-cultural de Freud o vê "como um índice do ressentimento

experimentado pelo novo século que começava em relação ao século XIX, com suas ilusões, sua hipocrisia, suas ignorâncias parciais, seus sentimentos falsos e exaltados, sua moral de superfície, sua religiosidade artificial e insípida e seu gosto lamentável".

Corajosamente, impiedosamente, Freud revelou o que estava por baixo da superfície severa e polida da sociedade burguesa de sua época. Embora criticado com violência, no princípio do século, justo porque atingia em cheio os falsos valores aos quais se agarravam nossos avós, de fato suas idéias estavam de acordo com o espírito do tempo, pois Freud procurava apanhar o irracional entre as tenazes do racionalismo dominante, procurava demonstrar que os símbolos nada contêm de inefável e reduzia-os a meros sinais.

Mas as linhas de pensamento predominantes em cada época encontram sempre contracorrentes. O romantismo na Alemanha, depois o surrealismo na França, e várias outras formas de expressão da arte moderna (com poucas exceções), opõem-se à supremacia da razão. O homem racionalista desafogava-se com os poetas e pintores. No campo da ciência, porém, era difícil aceitar que alguém afirmasse, por exemplo, que uma teoria psicológica era sempre uma confissão subjetiva; "que a apreensão intelectual de um fato psicológico produz apenas um conceito e um conceito não passa de um nome, uma *flatus voice*"; que para chegarmos à avaliação de uma qualquer situação psíquica, às operações intelectuais e aos dados fornecidos pela percepção será preciso acrescentar o sentimento (julgamento de valor) e a intuição (percepção de possibilidades futuras), pois estas são também funções de orientação da consciência. Jung sabia de sua posição singular

o mundo contemporâneo. Sentia-se, ele próprio dizia, como um contrapeso, uma compensação ao mundo consciente de nosso tempo. Por isso nunca esperou grande audiência. E assim foi durante longos anos.

Mas vivemos um momento de mutações. Devido sobretudo a que seus achados encontram-se em muitos pontos com os achados da física moderna, a psicologia junguiana vem de repente colocar-se na vanguarda do pensamento contemporâneo, abrindo caminho adiante para novas pesquisas.

Leituras.

C. G. Jung and W. Pauli - THE INTERPRETATION OF NATURE AND THE PSIQUE. O livro contém um trabalho de Jung: *synchronicity: an acausal connecting principle* e outro de W. Pauli: *the influence of archetypal ideas on the scientific theories of Kepler*.

M. L. von Franz - *La science et l'inconscient*, em C. G. Jung – L'HOMME ET SES SYMBOLES.

Obras de C. G. Jung

Traduções em Inglês

Collected Works Routledge and Kegan Paul

1. Psychiatric Studies
2. Experimental Researches
3. Psychogenesis of Mental Disease
4. Freud and Psychoanalysis
5. Symbols of Transformation
6. Psychological Types
7. Two essays on Analytical Psychology
8. The Structure and Dynamics of the Psyche
9. I, The Archetypes and the Collective unconscious. II Aion
10. Civilisation in Transition
11. Psychology and Religion: West and East
12. Psychology and Alchemy
13. Alchemical Studies
14. Mysterium Conjunctionis
15. The Spirit in man, art and literature
16. The Practice of Psychotherapy
17. The Development of Personality
18. Miscellaneous Works Bibliography and General Index

Memories, Dreams, Reflections Pantheon

Books

Traduções em Português

O Homem a Descoberta da sua Alma -Tavares Martins
Tipos Psicológicos - Zahar
Psicologia e Religião - Zahar
Acerca da Psicologia do Inconsciente -Delfos
O Eu Desconhecido - Fundo de Cultura
Um Mito Moderno – Minotauro

Traduções em Francês

Metamorphoses de l'ame et ses symboles - Georp
psychologie de l'inconscient Georp L'energétique psychique - Georp
La guérison psychologique – Georg
Aspects du drame contemporain – Georg
Dialectique du moi et de l'inconscient - Gallimard
Psychologie et éducation - Buchet / Chastel
Psychologie et religion Buchet / Chastel
Types Psychologiques - Georg
Présent et avenir - Buchet / Chestel
Réponse a Job - Buchet / Chastel
Problèmes de l'ame moderne - Buchet / Chastel
Un mythe moderne - Gallimard
L'homme à la decouverte de son ame - Ed. Monte-Blanc Petite Bibliothèque

Payot

Introduction a l'essence de la mythologie (avec Ch. Kerenyi) - Payot
Souvenirs, Reves et Pensées – Gallimard
L'homme et ses symboles - Pont Royal

Traduções em Espanhol

Tipos psicológicos - Ed. Sudamericana
Simbolos de transformacion – Paidos
Energetica psiquica y essencia del sueno - Paidos
Psicologia de la transferencia – Paidos
Conflictos del alma infantil - Paidos
Psicologia y educacion – Paidos
Psicologia y religion - Paidos
El secreto de la flor de oro - Paidos
La interpretacion de la naturaleza de la psique - Paidos
La interpretacion de la naturaleza y la psique (Jung/J. W. Pauli) - Paidos
Realidad del alma - Losada
La psique y sus problemas actuales – Polect
Sobre cosas que se ven en el cielo – Sur
Presente y futuro - Sur
Paracelsica - Sur
Psicologia y Alquimia - Santiago Rueda
Resposta a Job - Fondo de Cultura Economica
Simbologia del espiritu - Fondo de Cultura Economica
El yo y el inconsciente – Miracle
Recuerdos, suenos y pensamientos - Seix Barral
El hombre y sus símbolos – Aguilar